MARCOS HIROYUKI SUGUIURA

Relações entre a rede social e
as migrações Brasil-Japão

Dissertação apresentada ao
Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo
para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

Área de concentração:
Psicologia Social

Orientadora:
Sylvia Duarte Dantas

São Paulo
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Suguiura, Marcos Hiroyuki.

Relações entre a rede social e as migrações Brasil-Japão / Marcos Hiroyuki Suguiura; orientadora Sylvania Duarte Dantas. -- São Paulo, 2009.

109 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Migração 2. Grupos culturais japoneses 3. Psicologia intercultural 4. Redes sociais 5. Teoria fundamentada I. Título.

GN370

Nome: Marcos Hiroyuki Suguiura

Título: Relações entre a rede social e as migrações Brasil-Japão

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Psicologia

Banca Examinadora

(nome e assinatura)

(nome e assinatura)

(nome e assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/2009

Aos Migrantes
De ontem, de hoje
E de amanhã
Estejam onde estiverem

Às Missionárias Seculares Scalabrinianas
Que me introduziram no mundo das migrações
E, dentre outras coisas, me ensinaram o que é
A Aceitação do Outro

Meus agradecimentos

A Deus e minha família, que me deram a vida e sem os quais nada teria sentido.

À minha orientadora Sylvia, pela paciência e confiança ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Obrigado por ter acreditado.

Aos professores Geraldo Paiva e Koichi Mori, pelas preciosas contribuições recebidas desde a qualificação.

À Nalva e à Cecília, pela assistência nos trâmites burocráticos e vários outros assuntos; sem vocês, esta dissertação não teria se concretizado.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Psicologia, E/Imigração e Cultura, de cujo conhecimento compartilhei e com quem tanto pude aprender ao longo de anos de estudo.

À Taeco, “culpada” pelo primeiro empurrão para eu entrar no mestrado.

À Kyoko e ao Décio Nakagawa, que me apoiaram e ajudaram mais do que podem imaginar.

Aos amigos do ISEC, pelas contribuições, companhia e apoio ao longo destes anos, na confecção desta dissertação.

Aos amigos do Grupo Nikkei - Instituto de Promoção Humana, pelas oportunidades de conhecer pessoas belíssimas na realização dos trabalhos.

Aos amigos da Reduplan, Renato, Cláudia, Silvia, e à Cia. de Rocokóz, na companhia de quem nasceu a maior inspiração para este trabalho.

Às companheiras Cristina Sumita, Karina Ishimori, Laura Ueno, Luciana Kanaji, com quem trilhei os primeiros passos (e também os seguintes!) nos estudos sobre dekassegui.

Aos amigos de consultório Kelen, Hitomi, Rosângela, Leni, Mônica, Clodine, Ruy, Messias, Valéria, Ana, Rose, Jaci, Julcineia, Cláudia, de quem recebi tanto apoio e que jamais terei como pagar. Quantos apuros nós passamos, hein? Mas vencemos todos!

À Takako e Cecília Miyazaki, amigos do CBLJ, e alunos do Kamae Gakuen, pela compreensão e apoio por todos estes anos. Ouen, doumo arigato!

Ao amigo Ricardo, pelas indicações, pela tradução, pelos puxões e orelha e vários outros motivos que sabe muito bem. Você sempre será muito importante na minha vida.

À Célia, Sílvio, amigos do Coral da Asebex e tantos outros que me deram incentivo, apoio, e acreditaram em mim quando nem eu mesmo conseguia.

Obrigado de coração.

RESUMO

Suguiura, M. H. *Relações entre a rede social e as migrações* Brasil-Japão. 2009. 109 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Esta pesquisa intenta analisar as Redes de Apoio dos Dekasseguis, os nós que as formam, a qualidade dos vínculos que os unem, e verificar a influência destes atores sociais nas decisões do trabalhador brasileiro no Japão. Primeiramente, comentamos estudos acerca do tema Dekassegui. Em seguida, apresentamos um histórico da Análise de Redes Sociais dentro das Ciências Humanas e especificamente dentro da Psicologia, e aprofundamos nas relações entre Redes Sociais e movimentos migratórios. Passamos então a descrever as bases da Abordagem Intercultural utilizadas neste trabalho. A metodologia utilizada obedece aos preceitos da Teoria Fundamentada (Grounded Theory). Foram realizadas entrevistas presenciais e por internet, via comunicador instantâneo (MSN) com jovens brasileiros que tiveram a experiência de trabalhar como dekassegus no Japão. Os dados revelam as impressões dos dekassegus a respeito do povo japonês, suas dificuldades no contato com os nativos e com outros brasileiros nas mesmas condições no Japão, e a forma como sua Rede Social influencia sua tomada de decisões.

Palavras-chave: Migração; Grupos culturais japoneses; Psicologia intercultural; Redes sociais; Teoria fundamentada

ABSTRACT

Suguiura, M. H. *Relações entre a rede social e as migrações Brasil-Japão*. 2009. 109 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

This research aims at analyzing the Support Networks of Dekasseguis, the nodes that form them, the quality of the bonds that unite them, and the influence of these social actors in decisions made by Brazilian workers in Japan. Firstly, we focus our studies on Dekassegui. Next, we present the history of Social Network analysis within the Humanities and specifically within Psychology, and specify the relations between social networks and migration. We then describe the basics of Intercultural Approach we used in this work. The methodology used follows the precepts of Grounded Theory. Interviews were conducted in person and via the Internet, mainly instant messaging (MSN), with young Brazilian who had the experience of working as dekassegus in Japan. The data shows impressions of these immigrants about the Japanese people, their acquaintance and communication difficulties with the locals and other Brazilians under the same condition in Japan, and how their Social Network influences in their decision making.

Keywords: Migration; Japanese Cultural Groups; Intercultural Psychology; Social Networks; Grounded Theory

SUMÁRIO

	Página
I. Introdução	09
I.a. Escolha do Tema	10
II. Dekasseguís	
II.1. Histórico	13
II.2. Estudos Sobre Dekasseguís	15
III. Enquadre teórico	
III.1. Redes Sociais	21
III.1.a Histórico da Análise de Redes Sociais	
III.1.a.i. Ciências Humanas	21
III.1.a.ii. Psicologia	26
III.1.b Redes na Migração	
III.1.b.i. Funções da Rede	31
III.1.b.ii. Redes Multidimensionais	33
III.1.b.iii. Uma Proposta de Análise de Redes em Migração	35
III.1.b.iv. As Redes Sociais “Formais” no Movimento Dekassegui	36
III.2. Abordagem Intercultural	39
IV. Metodologia	
IV.1. Objetivos e Participantes	41
IV.2. Instrumentos	48
IV.3. Teoria Fundamentada	49
V. Discussão e Análise dos Dados	
V.1. Categorias Emergentes	52
V.2. Elementos Culturais Relevantes	85
V.3. Atuação das Redes Sociais	87
VI. Conclusões	89
VII. Considerações Finais	92
Referências Bibliográficas	93
Apêndice A – Roteiro de entrevista semi-dirigida	98
Apêndice B – Transcrição de entrevista realizada via MSN	99

I. Introdução

O Brasil é um país marcado pela imigração: excetuando-se os índios, cujas origens perdem-se nas migrações pré-históricas, todos os outros constituintes do povo brasileiro têm suas raízes em outras paradas, mais ou menos distantes. Minhas raízes não são diferentes. A história de minha família no Brasil inicia-se nas primeiras décadas do séc. XX, no primeiro ciclo migratório dos japoneses para o país, antes da Segunda Guerra Mundial. Em meados da década de 80 começou outro movimento migratório, desta vez em sentido contrário, do qual mais uma vez minha família participou, e continua participando. Hoje, quase não é possível encontrar um descendente de japoneses no Brasil que não tenha parente que tenha sido dekasegui¹.

Próximo de completar 25 anos, o Movimento Dekassegui está longe de seus tempos áureos, tanto em número de indivíduos migrando para o país dos ancestrais, quanto em ganhos financeiros. Apesar disso, tampouco podemos afirmar que o movimento está perto de um fim, se considerarmos o número de imigrantes brasileiros registrados no Japão². Ao mesmo tempo, socialmente podemos notar que poucas coisas mudaram desde o começo do Movimento: os brasileiros continuam segregados da sociedade japonesa enquanto grupo, e ainda se percebe o preconceito no Brasil quando os dekasseguis são denominados “fracassados” por conterrâneos que não realizaram esta migração (os que não “precisaram” ir, como se auto-intitulam, ou como são chamados pelos migrantes).

Se, apesar de todos os revezes, os brasileiros continuam indo para o Japão, e podemos ver que a população de brasileiros em solo nipônico mantém-se num certo patamar há anos, podemos inferir que há um movimento constante de vai-e-vem entre os países, mas não podemos afirmar com certeza que sejam as mesmas pessoas envolvidas em ambos os sentidos. Porém, informalmente, nota-se que é muito comum entre estes trabalhadores essa alternância de permanência, num tipo de migração chamada “iô-iô” por Margolis (1994). Estes podem ser estigmatizados pelos seus críticos como duplamente fracassados, pois “foram ao Japão por não conseguir vencer no Brasil”, e voltando ao país natal, não conseguem se reintegrar e/ou perdem todas as economias (duramente) acumuladas no Japão.

¹ Apesar do termo comportar significados mais amplos, nesta pesquisa, dekasegui é considerado o japonês residente no Brasil ou o brasileiro que vai ao Japão executar trabalhos não qualificados, geralmente em fábricas, por um período mínimo de 1 ano.

² Ver Gráfico 1 na seção II. Dekasseguis

O que gera esta migração cíclica? Não é possível responder isso com uma afirmação simples, nem com poucos argumentos. Porém, um aspecto que sempre me chamou a atenção são as relações estabelecidas pelos dekassegui, tanto com os japoneses quanto entre brasileiros. A esse conjunto de relações podemos dar o nome de Rede Social dos Dekasseguis. Irei explorar mais a escolha deste aspecto a seguir.

I.a. Escolha do Tema

Tendo eu mesmo passado pela experiência de migrar para o Japão, nutri grande interesse em estudar o Movimento Dekassegui e participei de duas iniciativas privadas de apoio à reintegração de brasileiros retornados daquele país, onde pude tomar contato com indivíduos com diversas experiências de vida e pude perceber vários pontos em comum em suas vivências. Suas dificuldades ainda são vistas por muitos que não estão envolvidos diretamente com esta migração como “pequenas”, “caprichos”, pois os ganhos financeiros seriam tomados como suficientes para compensar quaisquer sofrimentos oriundos do choque cultural ou desentendimentos entre pessoas. Porém, os relatos que ouvi destes migrantes supera o simples capricho: histórias de discriminação explícita, casos de golpes aplicados inclusive por parentes próximos, o abandono por parte dos órgãos oficiais ou assistenciais, o sentimento de estar sendo explorado, a incompreensão dos amigos e familiares no momento da volta, são apenas algumas das facetas que parecem afetar os relacionamentos destas pessoas.

Ambas as iniciativas citadas contaram com atividades informativas e de capacitação profissional mescladas com técnicas psicológicas individuais ou grupais³. Imediatamente depois de determinada atividade que estimulava a interação entre os integrantes (semelhante em ambas as iniciativas, porém realizado em momentos diferentes), o semblante e a postura corporal dos participantes eram visivelmente diferentes, denotando uma mudança de atitude que se mantinha até o final do processo. Apesar de todos os participantes relatarem que começaram a participar dos grupos atrás das informações profissionalizantes e de empreendedorismo, todos também afirmaram que o maior ganho foi na interação grupal, na percepção de que não estão sozinhos em sua experiência, de que encontraram pessoas que os compreendiam completamente, finalmente sentiam-se parte integrante de algo. Nos raros

³ Por questões de sigilo contratual, não é possível detalhar as técnicas utilizadas.

casos em que uma pessoa não participava especificamente desta atividade interativa, esta apresentava aproveitamento totalmente diverso de alguém que tenha faltado em qualquer outra atividade do processo.

Por outro lado, as estruturas das iniciativas tinham características diversas no que tange ao envolvimento grupal: num, o processo deveria ser pontual, apenas focando o indivíduo de kassegui presente nas reuniões, e findo o processo, não se permitia manutenção do grupo, e a vinculação posterior possível seria o participante se tornar parte da equipe técnica, o que se mostrava pouco viável pelas limitações de qualificação profissional dos mesmos; noutro, além de não impedir a participação de não-dekaseguis (apesar de haver um limite, para se evitar que este público superasse em número os que tinham experiência de vivência no Japão), reuniões informais extra, mesclando grupos e com a participação da família, e estimulação para que as turmas interagissem fora do espaço institucional fez com que o círculo de amizades fosse ampliado. Os resultados observados informalmente apontaram uma grande diferença de comportamento dos participantes que se pôde acompanhar: dos participantes do primeiro grupo, um número maior voltou ao Japão, num espaço mais curto entre o processo grupal e a viagem, e até onde se pôde verificar, não satisfeitos com esta situação de re-migração; no segundo grupo, os próprios participantes solicitaram a concretização da uma segunda etapa (previamente planejada), como continuidade do processo e demonstrando maior interesse em fixar-se no Brasil, e vários rapidamente engajaram-se na busca de emprego ou abertura de negócios com resultados positivos.

A captação de participantes para as iniciativas era feita de forma diversa (em comum, eram feitos contatos telefônicos onde se apresentava a proposta, que geralmente evoluía para uma conversa), porém as dificuldades eram idênticas: poucos se engajavam na proposta; diziam ter interesse, mas colocavam vários empecilhos para a participação; muitos tinham receio de que fossem armadilhas ou golpes; enfim, a esquiva era a postura mais comum. O que se percebia por trás dessa postura dos dekaseguis, às vezes expressos verbalmente, era uma desconfiança exacerbada nos que os rodeiam, um isolamento que permitia no máximo a aproximação da família nuclear, um descrédito em qualquer atividade que pudesse envolver contato com outras pessoas, em especial outros dekaseguis. Expressões comuns eram “brasileiro puxa o tapete um do outro”, “japonês não se mistura com brasileiro”, repetidos quase como um dogma por boa parte dos participantes. A mesma expressão ouvi no período de quase um ano em que trabalhei numa empreiteira (agência de recrutamento e envio de trabalhadores para o Japão), organizando a documentação para obtenção do visto japonês

junto ao Consulado Geral do Japão em São Paulo. A repetição dessas expressões ou suas variações, em geral negativas, me chamou a atenção por contrastar com a imagem social do povo japonês (incluindo os descendentes) como gregário, solidário (pelo menos dentro da comunidade), prestativo. Desta constatação informal nasceu a inspiração para a realização deste trabalho.

A intenção deste trabalho foi analisar as Redes de Apoio dos Dekasseguis, os nós que as formam, a qualidade dos vínculos que os unem, e verificar a influência destes atores sociais nas decisões do dekasegui, com embasamento teórico da Psicologia Intercultural e utilizando a metodologia da Teoria Fundamentada (Grounded Theory) para a análise das entrevistas coletadas.

O próximo capítulo se constitui da reconstrução histórica do movimento e levantamento bibliográfico a respeito do tema.

II. Dekasseguis

II.1. Histórico

Para se falar dos dekasseguis, precisamos primeiramente lembrar que este movimento surge como produto da globalização, que segundo Singer (2001) constitui-se de duas etapas: a primeira do fim da Segunda Guerra Mundial até o fim dos anos 60, principalmente abarcando os países hoje considerados desenvolvidos, e a segunda parte desde então, incluindo gradativamente os países em desenvolvimento.

A primeira etapa da globalização foi dominada pela transferência maciça de recursos dos Estados Unidos para a Europa e Japão, pois aquele país, ao final da guerra, estava no auge de sua hegemonia, e os demais países sofriam com o desgaste dos confrontos. Gradativamente as diferenças entre todas as economias envolvidas na globalização foram sendo eliminadas até constituírem um todo econômico bastante homogêneo. Todas as economias nacionais cresceram, mas as mais debilitadas pela guerra cresceram mais do que as outras, num círculo virtuoso em que a conversibilidade monetária e a queda das barreiras alfandegárias abriam espaço para uma crescente repartição de ganhos.

Da década de 70 em diante, com a abertura da economia destes países para os produtos dos países em desenvolvimento, e a constituição de um grande mercado financeiro internacional, houve mais um salto diante do comércio internacional e do investimento direto estrangeiro. Os anos 70 marcaram a participação do Brasil nesse movimento, no chamado “Milagre Econômico”. Porém, com a mudança do fluxo industrializador para a Ásia oriental, o Brasil entrou na chamada “Década Perdida”, um período de crise financeira e inflação galopante.

Podemos entender a globalização como um processo de reorganização da divisão internacional do trabalho, acionado em parte pelas diferenças de produtividade e de custos de produção entre países. Neste processo, a resposta das empresas foi a transferência em grande escala de linhas de produção industrial para a periferia (SINGER, 2001). Isso pode se dar na forma da transferência da produção fabril para países onde os custos são mais baixos, ou de outra forma, pela contratação de mão-de-obra mais barata, seja de regiões dentro do mesmo país, ou mesmo entre países, gerando uma movimentação de pessoas pelo planeta. A necessidade de mão-de-obra no Japão, somada à condição econômica no Brasil, atraiu os primeiros dekasseguis para aquele país.

Muitas migrações modernas têm como característica a clandestinidade. Migrantes brasileiros nos EUA e Paraguai, países maiores receptores destes, arriscam suas vidas atravessando fronteiras e tornando-se trabalhadores overstayers (indocumentados, ao deixar vencer o visto de permanência) na concretização do seu projeto migratório. Os dekassegus no Japão têm facilidades e vantagens por terem sua permanência no país avalizada legalmente. Isto, porém, ainda não significa que eles sejam reconhecidos e, principalmente, valorizados no país: diferentemente do movimento migratório do Japão para o Brasil, que contou com subsídios dos governos, os migrantes dekassegus arcam com as próprias despesas e, por isso mesmo, estão à mercê da própria sorte. Se estes são desejados como mão-de-obra, não o são enquanto cidadãos, como se fosse possível ter ambos os aspectos do indivíduo em separado. Há uma hierarquia discriminatória desde a obtenção do visto de entrada: quanto mais distante da origem nipônica, maior a exigência (a lista de documentação para obtenção do visto para sansei inclui certidão e atestado de antecedentes criminais⁴, e yonseis não têm direito ao visto de trabalho).

As primeiras levas de trabalhadores dentro deste Movimento, definido este como a imigração dos descendentes de japoneses e seus familiares para o Japão, com o intuito de trabalhar em empresas como funcionários terceirizados, juntar dinheiro e voltar para o Brasil, foram constituídas pelos próprios japoneses moradores no exterior e seus descendentes portadores de dupla nacionalidade que, no auge da produção japonesa em meados da década de 80, foram chamados a trabalhar no Japão, num movimento então chamado “Sato gaeri” (“volta à terra natal”). O ano de 1985 é marcado pela primeira reportagem num jornal de circulação na colônia nipo-brasileira (São Paulo Shimbun) a se referir aos dekassegus, mas a movimentação já ocorria antes desta data. Neste período, poucos saídos do Brasil participaram desta migração, mas foram suficientes para criar o mito de que trabalhando pouco tempo naquele país juntava-se muito dinheiro facilmente, às vezes sendo suficiente um ano de trabalho para comprar uma boa casa no Brasil. Posteriormente, com a mudança da Lei de Imigração japonesa de 1990, esta movimentação de pessoas tomou a forma de fenômeno social no Brasil, pois foi possibilitado aos filhos de japoneses nascidos no estrangeiro (segunda geração, ou nisseis), e posteriormente aos netos de japoneses (terceira geração ou sanseis) e cônjuges destes descendentes, trabalharem legalmente no país e, desde então, o número de migrantes do Brasil para o Japão tem aumentado a cada ano, tendo havido apenas

⁴ A documentação exigida varia de acordo com o Consulado responsável pela emissão do visto. Para a lista de documentos necessários para obtenção do visto no Consulado Geral do Japão em São Paulo, consultar http://www.sp.br.emb-japan.go.jp/pt/visitando_visa.htm (acessado em ago/2009)

um intervalo no ano de 1998 e mais proximamente em 2008, conforme observado nos levantamentos realizados pelo Ministério da Justiça⁵. Estes anos foram marcados por crises econômicas no Japão, sendo esta uma das hipóteses mais fortes para a baixa de migração brasileira no arquipélago.

Gráfico 1 – Número de Brasileiros registrados (Fonte: Ministério da Justiça do Japão, dados de ago/2009)

II.2. Estudos sobre dekasseguis

Vários estudos abordaram diversos aspectos deste tipo de migração. Faremos aqui uma breve descrição desses estudos e os aspectos abordados.

Os primeiros estudos, como de Kato, Miyazaki e Sugo (1992), acreditavam primeiramente que a motivação para os dekasseguis saírem do Brasil era principalmente econômica, uma vez que o mito do enriquecimento rápido já se espalhava pela colônia nipo-brasileira.

Porém, pelo fato do perfil desses primeiros migrantes ser de pessoas de alto grau de instrução e de classe média e por isso mesmo não ter necessidade premente de emigrar para conseguir dinheiro, havia a dúvida sobre a migração ser motivada apenas pelos interesses financeiros. Entre os temas mais explorados, a questão de identidade é a mais freqüente, talvez porque na contrapartida, como explica Kawamura (1997), a própria justificativa dos japoneses para facilitar a imigração de descendentes era o pressuposto de que estes teriam um background cultural mais próximo à cultura japonesa, sugerindo a possibilidade de maior

⁵Estatísticas: <http://www.immi-moj.go.jp/toukei/index.html> (em japonês, acessado em ago/2009)

facilidade de integração à sociedade japonesa. Na prática, esta estratégia não foi tão bem sucedida, a se ver pelos problemas sociais decorrentes das diferenças culturais entre Brasil e Japão, que vão desde pequenos enganos no cotidiano até situações que se constituem hoje problemas consideráveis, como de organização local (coleta seletiva de lixo, lei do silêncio, participação em atividades da comunidade local), legislação geral e de trânsito (diferenças de códigos de leis), educação (diferença de costumes e tratamento dentro da escola, diferença de currículo), dentre outros.

Miura (1997) estudou e analisou o impacto que o trabalho na condição de migrantes nipo-brasileiros no contexto sócio-cultural do Japão produziu na configuração da identidade destes, através de relatos autobiográficos. Segundo a autora, há diversas modalidades de identidade social, segundo a avaliação do status de descendente migrante e a avaliação do desempenho profissional. A autora baseia-se nos trabalhos de Sarbin e Scheibe, que consideram a identidade a partir da relação com os grupos de referência avaliadores sobre o desempenho de papéis derivados das diferentes posições assumidas. Em seu trabalho, Miura constata que a identidade não é algo homogêneo e estático, mas dinâmico, constituindo-se de identidades parciais provenientes de referências próximas. Há a coexistência de identidades diferentes, derivadas do desempenho de papéis pertencentes a ecologias sociais diferentes. Entre os dekassegus, Miura percebeu que, em geral, o status alcançado (proveniente do trabalho) é valorizado, enquanto o status atribuído (ser descendente) era desvalorizado pelos japoneses, o que poderia levar a uma identidade “oca” – o que não ocorreu devido à identidade avaliada pelo grupo de pares – outros brasileiros – ser valorizada, e esta tornar-se mais significativa, gerando uma identidade “ótima”.

Sasaki (1998) desenvolve a idéia de um jogo identitário, destacando o quanto a percepção do tempo e do espaço dos brasileiros migrantes no Japão vai mudando drasticamente, alterando e traçando novas configurações identitárias deste grupo em movimento, na medida em que a presença destes naquele país vai também apresentando diferentes configurações ao longo do tempo, assim como todo o cenário, como o contexto político dos dois países envolvidos, configuração dinâmica das redes sociais e usos da categoria dekasegui, culturalmente construída, com aspecto fluido e sem definição muito clara.

É corrente referir-se à migração dekasegui como “migração de retorno” (SASAKI, 1996), pois descendentes de migrantes japoneses “retornavam” para o Japão – terra de onde seus ancestrais, na primeira metade do século passado, emigraram para a América Latina,

como considera Yamanaka (1996). Não é o retorno do indivíduo propriamente dito, mas uma busca pelas raízes no mesmo local de sua origem, uma volta simbólica dos pais ou avós.

Nas questões psicológicas envolvidas no processo de migração de kassegui podemos ressaltar os problemas que os de kasseguis enfrentam no Japão ou trazem em sua volta ao Brasil, em especial as manifestações psicopatológicas, como as apontadas por Carignato (2004). A pesquisadora, utilizando-se da teoria psicanalítica, tendo como objeto de pesquisa o de kassegui e seus sintomas, analisou as condições desses migrantes (dentre as quais a condição subjetiva, os traços culturais japoneses e nipo-brasileiros e a transmissão, pelos antepassados japoneses imigrantes, de rupturas traumáticas não elaboradas psiquicamente) para articulá-las aos sintomas observados (em especial sintomas paranóicos, transgressões às leis sociais e condutas delinquentes), considerados por ela passagens ao ato.

Nakagawa (2002), formulou o conceito e descreveu psiquiatricamente a Síndrome do Regresso, que acomete o de kasseguis e apresenta os seguintes sintomas: a.) Dispersão do pensamento; b.) Distanciamento afetivo; c.) Grande sensibilidade a diferenças; d.) Tendência autodestrutiva (representada por investimentos – financeiros e afetivos – em iniciativas inviáveis ou situações de fracasso); e.) Tendência a reencetar viagem para o Japão. Observado em trabalhadores com mais de 6 meses de estadia no Japão, tende a remitir em 6 meses a 2 anos depois da chegada. Esta síndrome foi identificada primeiramente entre ex-bolsistas retornados do Japão, em 1995, e depois se verificou que os de kasseguis retornados apresentavam a mesma sintomatologia.

A área do Direito, principalmente o Internacional, também apresenta vários estudos (SASAKI, 2002), abordando temas como a criminalidade dos brasileiros (em especial os jovens) e direitos individuais, relativo a golpes, separações conjugais, pedidos de pensão, guarda de filhos, etc.

Devemos lembrar também de estudos das questões de gênero. Sumita (2003) analisou o papel da mulher de kassegui dentro da migração, relativo à transmissão psíquica de valores da terra de origem, para as gerações seguintes, como também na incorporação ou rejeição de valores e ideais da nova cultura. Há o pressuposto de que existe uma dívida simbólica a ser quitada com esta transmissão, e a autora mostrou, a partir do referencial psicanalítico, os sintomas e sofrimentos psíquicos que podem ser gerados pela não elaboração dos conflitos entre as transmissões culturais distintas. Toma (2000) tomou depoimentos de mulheres de kasseguis para mostrar a especificidade da experiência feminina dentro deste fenômeno migratório.

A área educacional é um tema que tem se tornado foco de atenção inclusive para o governo japonês, pelas altas taxas de absenteísmo escolar, apontado frequentemente pela mídia japonesa e nipo-brasileira como principal justificativa para o aumento da criminalidade juvenil entre estrangeiros no Japão, tese com a qual vários pesquisadores brasileiros da área, dentre eles Nakagawa, não concordam. Em sua tese de doutorado (NAKAGAWA, 2005) ela busca analisar as condições em que vivem as crianças e adolescentes brasileiros no Japão, com enfoque no processo de inserção na sociedade japonesa através de um único canal: a escola japonesa. Retrata também o ambiente em que eles estão imersos, as circunstâncias em que chegam no Japão, as questões familiares e o embate do cotidiano em terras estrangeiras, seja no trabalho, nas escolas, nas ruas e na convivência com outros estrangeiros.

Recentemente, alguns pesquisadores têm abordado o retorno dos dekassegus ao Brasil. Hirano (2005) analisou os dekassegus retornados de Maringá, no Paraná, observando a manutenção dos laços familiares e de suas responsabilidades em relação àqueles que permaneceram no Brasil, e discute a natureza do retorno destes migrantes ao seu país de origem, suas dificuldades na reintegração social e econômica.

Ueno (2008) realizou uma intervenção psicossocial breve com um grupo de retornados do Japão que se tornou tema de sua dissertação de mestrado. Seu foco foi na vivência dos sujeitos relativamente às suas representações culturais do Brasil e do Japão, e ao processo de retorno. Seu trabalho mostra o difícil processo de aculturação a que os participantes do grupo estavam submetidos, e principalmente como o espaço propiciado pelas atividades propostas favoreceu os processos de identificação para que as questões conflituosas relativas ao retorno e à identidade cultural pudessem ser refletidas e elaboradas.

O estudo das Redes Sociais tem se tornado tema central de alguns trabalhos recentes sobre dekassegus. Litvin (2007) faz uma análise da Rede Social dos dekassegus, através do estudo da adaptação social e econômica dos mesmos, baseada na perspectiva transnacional. Sua observação de que apesar do número de brasileiros no Japão com fortes laços com o Brasil não se pode falar de uma “comunidade dekassegui” vem ao encontro com o relato dos entrevistados nesta pesquisa. Porém, podemos levantar uma crítica à sua afirmação de que o movimento dekassegui é motivado por um caráter econômico, pois se baseia em respostas escritas pontuais, sem maior refinamento, conforme constatado nos dados apresentados. Aqui, pode-se pensar estar presente um traço cultural marcadamente nipônico: o *tatema* e o *honne*⁶. As respostas podem ter sido dadas segundo o que é aceitável socialmente (busca de dinheiro e

⁶ Mais detalhes na seção V.2. Elementos Culturais Relevantes.

melhores oportunidades financeiras), porém em seu íntimo pode estar escondida uma motivação que é de outra ordem, mas inconfessável por inúmeros motivos (imperativos familiares, crises pessoais, decepções amorosas, fugas motivadas pela vergonha)⁷.

Sanchez (2007) estudou as estratégias dos migrantes quanto às relações familiares. O pesquisador utiliza-se do conceito de Capital Social para referir-se a estas relações, afirmando que os dekassegus as renegociam de acordo com padrões de estratégias, criando novas relações, reativando relações existentes mas nunca usadas, ou estreitando as relações ativas, de acordo com a necessidade. Uma conclusão importante a que Sanchez chega é que os laços familiares não necessariamente se rompem, mas podem ser estreitados no processo de migração, sendo eles não só biológicos, mas também criados culturalmente, como através de casamentos. Outra conclusão relevante é de que com a transnacionalização os indivíduos não estão “em dois lugares ao mesmo tempo” como afirmam teorias transnacionalistas, mas sim em “lugar algum”, apesar das redes sociais transnacionais ligarem o migrante a esses dois países, facilitar a transmigração e expandir seu raio de ação.

Urano & Yamamoto (2008) estudaram os seguintes temas: primeiro, a função das famílias deixadas para trás e seu papel na criação de condições favoráveis para a readaptação dos retornados; e segundo, o papel de comunidades e instituições locais na promoção de readaptação de migrantes retornados à terra natal. O desafio desses autores foi de achar um equilíbrio entre os vários fatores levados em consideração: o papel dos indivíduos (adotando a premissa da natureza social de suas ações) e o papel das estratégias familiares, tendo em mente uma pluralidade de possibilidades, que podem ser: primeiro, estratégias familiares e processos migratórios podem ser vistos como conjunto de ações assertivas, intencionais e planejadas com conquistas concretas, para o qual todos os membros da família organizam sua manutenção econômica, física e social. As decisões tomadas por famílias são feitas baseadas em conhecimento de oportunidades disponíveis a eles e são feitas para responder a mudanças sociais e econômicas. Segundo, estratégias familiares devem ser vistas como processos graduais com características matizadas. Terceiro, condições institucionais que influenciam processos migratórios podem restringir as possibilidades de migração e progressão profissional, mas geralmente migrantes podem superar essas dificuldades através de estratégias familiares complexas. Analisa-se a educação das crianças como uma questão sensível, pois um processo educacional efetivo pressupõe a continuidade ao longo do tempo e o suporte do ambiente familiar e o contexto cultural de cada país. Afirmam ainda que

⁷ Como ilustração, podemos citar as entrevistas de Heitor e Cleber, que num primeiro momento relataram motivos financeiros para ir ao Japão, e depois revelaram que a separação dos pais também influenciou na decisão.

associações étnicas (associações de japoneses, ou “nihonjinkai”) não são atores efetivos no processo migratório, tendo-se mantido apenas na função original de ajudar na fixação dos japoneses no Brasil e manter sua identidade cultural, e inclusive considerando desonra o retorno ao Japão na condição de dekassegui. Eles identificam ainda que a migração internacional está causando como consequência indireta a migração interna, pois os retornados preferem ir para localidades diferentes das quais partiram. O maior problema que eles levantam é: como instituições e famílias podem lidar com mudanças impostas pelas forças da globalização a fim de preservar seu papel e manter coesão na sociedade. Os pesquisadores identificaram que há um processo de fixação ambíguo no movimento dekassegui. Por um lado, retornados obtêm o “reentry”⁸ sem ter planos de voltar ao Japão. Mas ao se confrontar com laços sociais e ligações com o mercado de trabalho débeis, eles se sentem “impelidos” a voltar àquele país. Foi identificado pelos autores que membros da família têm um papel chave para a readaptação de migrantes retornados.

Estes estudos são exemplos de produções acerca do tema dekassegui, que tem se ampliado e vem sendo analisado por pontos de vista diversos. No próximo capítulo, apresento as teorias que embasam a análise da presente pesquisa, iniciando pelas abordagens de Análise de Redes Sociais, e em seguida a Abordagem Intercultural.

⁸ Uma forma de evitar repetir o processo de obtenção de visto no Brasil ao retornar, é uma permissão para sair do Japão e retornar dentro do prazo de validade do visto em utilização.

III - Enquadre Teórico

III.a. Redes Sociais

Como Redes Sociais será considerado o tecido de relações e interações que se estabelecem ao redor do indivíduo, cujos pontos de intersecção podem ser pessoas, instituições ou grupos com os quais se tem contato (os chamados *nós* da rede).

As Redes Sociais são importantes na constituição da identidade, através de relações de pertencimento, e também enquanto sustentação do indivíduo nas diversas situações da vida, como os momentos de crise. Vários pesquisadores e teóricos deram sua contribuição neste aspecto, levantando sua importância nos movimentos migratórios, como será exposto mais adiante. Porém, as Redes Sociais dos Dekasseguis, seja no Brasil, seja no Japão, ainda é um tema que precisa ser mais explorado.

Este trabalho está voltado para o estudo da Rede Social dos Dekasseguis considerando como suas componentes a Rede Migratória e a Rede de Apoio. Redes Migratórias são as Redes Sociais das quais o indivíduo faz parte, direcionadas para o fim específico de migrar (SOARES, 2003). Já as Redes de Apoio são as que suprem a função de ajudar o indivíduo, oferecendo ajuda material, informações, abrigo, continência afetivo-emocional, ou o que podemos dizer em linguagem coloquial, "com quem se pode contar".

A seguir, pretendo realizar um breve histórico do desenvolvimento da Análise de Redes Sociais dentro das Ciências Humanas como um todo, e especificamente dentro da Psicologia. Nesta revisão bibliográfica, além de situar historicamente as formulações acerca das redes sociais, irei dar maior atenção aos conceitos e idéias de cada teoria que nos serão úteis na análise das Redes Sociais dos Dekasseguis.

III.a.1 Histórico da Análise de Redes Sociais

III.a.1.i. Ciências Humanas

Segundo Scott (1991), o desenvolvimento da Análise de Redes Sociais pode ser descrito por três ramos principais: a análise sociométrica (que se utilizou muito da Teoria dos Gráficos), o grupo de Harvard (na década de 30, que estudou padrões de relações interpessoais e formação de cliques) e os antropólogos de Manchester (junção dos outros dois

enfoques, que investigou a estrutura das relações comunitárias em sociedades tribais e de vilas). Apesar do desenvolvimento mais ou menos paralelo destas linhas, a consolidação de uma metodologia mais consistente de Análise de Redes Sociais ocorreu por volta de 1960, nas mãos de Harrison White, de Harvard, abrindo mais campos para sua utilização, que se desenvolveu ainda mais posteriormente até a atualidade.

a. Análise Sociométrica e Teoria dos Gráficos

A genealogia da Análise de Redes Sociais como Scott descreve começa em 1930, sob influência de Köhler e sua teoria da Gestalt, dando ênfase na influência da organização grupal e o clima social associado às percepções individuais. Outras influências importantes vieram do campo da Psicologia: Jacob Moreno, Kurt Lewin e Fritz Heider⁹.

Na Teoria dos Gráficos, pioneiros como o psicólogo Dorwin Cartwright e o matemático Frank Harary desenvolveram as idéias de Lewin. Formulada por König em 1936, esta teoria não se refere ao gráfico cartesiano ou de funções, mas a um conjunto de linhas conectando pontos. A Teoria dos Gráficos descreve as propriedades dos padrões das linhas. A maior contribuição da matemática para a área da teoria de dinâmica de grupos foi a mudança do conceito de equilíbrio cognitivo individual para equilíbrio interpessoal em grupos. Newcomb foi um dos primeiros a se mover nesta direção, argumentando que existe a tendência de duas pessoas próximas entre si de adotar atitudes similares com terceiros ou em eventos.

O uso da matemática para estudar estruturas de relações grupais não foi exclusivo de Lewin, mas baseados nas suas idéias Cartwright, Zander e Harary desenvolveram modelos sobre coesão grupal, pressão social, cooperação, poder e liderança. Cartwright e Harary contribuíram ainda com a noção de que estruturas sociais complexas poderiam ser construídas através de estruturas simples superpostas, as *triades*, e que estas deveriam ser estudadas para se compreender o conjunto mais amplo de relações.

b. Grupo de Harvard

O mesmo trabalho de identificar estruturas mais básicas nas estruturas sociais complexas foi feito também em Harvard nas décadas de 30 e 40, e estes as chamaram de *cliques*, *clusters* ou *blocos*, que são subgrupos coesos dentro dos sistemas de larga escala. O que os pesquisadores deste grupo fizeram foi buscar técnicas que revelassem a estrutura dos

⁹ Mais detalhes na próxima seção.

subgrupos de qualquer sistema social para o qual dados relacionais estivessem disponíveis. Esta tarefa só pôde ser parcialmente realizada.

Uma das maiores influências desta linha é Radcliffe-Brown, e os nomes importantes neste grupo são Mayo, Warner e Homans, que foram partes importantes nas pesquisas clássicas de Hawthorne (estudo da organização informal de trabalhadores), Yankee City (sociedade moderna composta de vários subgrupos) e Old City (identificação da estrutura interna dos *cliques* em três camadas).

George Homans tentou fazer a intersecção entre as duas linhas de pesquisa anteriores: a de Harvard (com grandes grupos) e a sociométrica (dos pequenos grupos), e reexaminou vários estudos anteriores. Tentando conjugar o trabalho experimental dos psicólogos sociais com o trabalho de observação dos sociólogos e antropólogos, ele centrou sua teoria na idéia de que as atividades humanas levam as pessoas a interagir umas com as outras e estas variam em frequência, duração e direção, e essa interação é a base na qual “sentimentos” se desenvolvem entre pessoas.

O enquadre teórico de Homans é uma elaboração do modelo dos pequenos grupos, onde grupos são vistos como sistemas num ambiente. Porém, seu desenvolvimento sofreu uma estagnação, tendo maior impacto e desenvolvimento através de White, somente depois de 1960.

c. Grupo de Manchester (antropólogos)

Os nomes mais importantes deste grupo são John Barnes, Clyde Mitchell, Elizabeth Bott, Max Gluckman. Eles mostraram-se mais influenciados por Radcliffe-Brown que os próprios teóricos de Harvard. Uma característica que os diferenciou dos anteriores é que não enfatizaram a integração e coesão nos grupos, mas o conflito e a mudança. Para Gluckman, por exemplo, há importância no conflito e poder tanto na manutenção quanto na transformação das estruturas sociais. Suas análises mostram as onipresentes atividades de negociação, barganha, coerção na produção da integração social.

Os pesquisadores de Manchester, com sua ênfase em ver as estruturas sociais como “redes” de relações, combinaram as técnicas formais de Análise de Redes com conceitos sociológicos substantivos. Eles se focaram menos nas normas e instituições formalmente instituídas e mais na configuração real de relações que surgem do exercício do conflito e poder.

Barnes e Bott realizaram estudos sobre parentesco e relações sociais, com muitas influências das teorias de Moreno e Lewin. Estes influenciaram o trabalho de Nadel, para

quem “estrutura social” é “um sistema, rede ou padrão total que o analista abstrai das ações observáveis dos indivíduos”, e “papel” deveria ser um conceito central na teoria sociológica, pois estruturas sociais são estruturas de papéis, e papéis, com seus cenários, são definidos por redes de atividade interdependentes.

Segundo Scott, o maior equívoco de Mitchell, um dos mentores desta linha, seria crer que redes de relações interpessoais e estruturas de relações institucionais são coisas distintas, não coexistentes, como acreditavam outros pesquisadores de Manchester. Isto fez com que esta linha teórica tivesse poucos adeptos, abrindo caminho para a retomada do grupo de Harvard.

d.. Breakthrough de Harvard – década de 60

Pelo peso da influência do grupo de Manchester, a Análise de Redes começou a ser vista como referente apenas a relações interpessoais informais de tipo “comunitário” e o método visto como especificamente preocupado com a investigação de redes egocentradas (focadas no indivíduo). Foi em Harvard, através de White e colaboradores, que a Análise de Redes Sociais passou a ser encarada como método de análise estrutural.

As maiores inovações do grupo de Harvard vieram da matemática. O que deu unidade ao novo grupo de Harvard foi o uso da Análise de Redes como método, no uso de idéias algébricas para modelar relações profundas e superficiais, sem um foco teórico único.

Um marco para esta nova linha foi o artigo publicado por Granovetter em 1973, que popularizou este novo ponto de vista, sendo que seu trabalho, apesar de não ser um grande trabalho de matemática, e talvez por isso mesmo, como diz Scott, foi de central importância para a popularização e legitimação da posição. O principal fenômeno foi a mudança do foco no puramente interpessoal para outros fenômenos inter-relacionais.

Nomes importantes neste segmento são Granovetter, cujo estudo de como pessoas conseguem emprego e sua teorização sobre laços fortes e fracos, e Lee, com um estudo sobre a busca de pessoa para fazer aborto, tornaram-se clássicos.

e. Teoria dos Laços Fracos (Weak Ties)

Granovetter (1973) propõe sua Teoria dos Laços Fracos como uma ponte de análise da interação entre os níveis microscópico (pequenos grupos) e macroscópico (estruturas sociais) da sociedade. Ele escolheu um aspecto limitado da interação de pequena escala – a força dos laços interpessoais – e mostrou como a Análise de Redes pode relacionar este aspecto com vários fenômenos macrossociais. Como força dos laços ele define: a combinação

(provavelmente linear) de quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade e serviços recíprocos que caracterizam o laço. Como ilustração, podemos considerar a relação conjugal ou parental como um laço forte, e a relação com um colega de trabalho que pertence a outro setor com quem se encontra muito ocasionalmente como um laço fraco.

Em seu mais famoso artigo, Granovetter faz reflexões baseadas nos resultados de uma pesquisa por ele feita, analisando a forma como as pessoas conseguem emprego, em que chegou à conclusão de que estes eram obtidos mais por indicação de pessoas conhecidas, de contatos menos freqüentes, que por amigos próximos ou familiares. Com este artigo, ele eleva o status dos laços fracos, tidos pelo senso comum como supérfluos. Pela sua teoria, a não ser em condições muito especiais, apenas laços fracos funcionam como *ponte*¹⁰s (isto não significa que todo laço fraco seja ponte); visto de outra forma, laços fracos ligam membros de diferentes grupos com maior probabilidade. A partir disso, derivam-se as funções dos laços: enquanto os laços fortes são responsáveis por prover a pessoa de apoio e proteção, os laços fracos são responsáveis pela propagação de informações por grupos diversos. Elaborando suas idéias, Granovetter coloca que diferentes partes da rede têm densidade diferente; nas regiões de laços fortes, a densidade é maior, levando uma mensagem a ser repetida para as mesmas pessoas diversas vezes; já as regiões de laços fracos teriam densidade menor, e as chances da informação ser nova são muito maiores. A remoção de um laço fraco, portanto, teria repercussões mais acentuadas na rede pessoal que a remoção de um laço forte (na questão da transmissão de informações).

Surgem desta síntese micro-macro alguns paradoxos:

...weak ties, often denounced as generative of alienation (...) are here seen as indispensable to individuals' opportunities and to their integration into communities; strong ties, breeding local cohesion, lead to overall fragmentation. (p. 1378)

Num artigo em que Granovetter revê sua teoria (1983), ele dá exemplos de integração comunitária em que o impacto dos laços fracos é preponderante, e discute também situações em que, diferente de sua pesquisa, pessoas conseguiam mais empregos via laços fortes. Nestes casos, o perfil é o preponderante: pessoas de classes mais baixas, com poucos contatos no geral, e que precisam recorrer mais intensamente aos laços fortes (que estão mais disponíveis para ajudar que os laços fracos).

¹⁰ Uma ponte é um laço existente entre dois nós que, se eliminado, tem o efeito de dividir uma rede em duas redes menores sem comunicação entre si.

f. Novas tendências

Depois do ressurgimento de Harvard desenvolveram-se ainda outras teorias de Análise das Redes Sociais. Uma das novas propostas é o “small world”, descrita por Watts (1999) como um evento comum à interconectividade entre elementos. Bearman, Moody e Stovel (2004), em suas pesquisas, atentaram ao fato de que as redes não se formam aleatoriamente: seguem a regra da homofilia (preferência pelo semelhante), porém regidas por mais alguma outra regra, pois são redes sem ciclos. Hedstrom, Sandell e Hern (2000) escreveram sobre as meso-level networks.

O desenvolvimento da Análise de Redes Sociais dentro da Psicologia tomou rumo paralelo ao descrito até este ponto, com momentos de intersecção e outros de distanciamento, como apresento a seguir.

III.a.1.ii. Psicologia

Os estudos de Redes Sociais em psicologia tiveram seu maior desenvolvimento graças às teorias de terapia familiar (SLUZKI, 1997). Os conceitos de Rede Social foram desenvolvidos por vários autores, de forma cumulativa, porém de forma desordenada. Dentro do campo de atuação da psicologia, alguns deixaram relevantes contribuições no estudo dos grupos, dos quais podemos considerar historicamente importantes Kurt Lewin, Jacob L. Moreno, Fritz Heider, Elisabeth Bott, Erich Lindemann, e Carlos E. Sluzki.

Kurt Lewin é um dos pioneiros da Psicologia Organizacional, Aplicada e considerado pai da Psicologia Social. Foi um dos primeiros a estudar a dinâmica dos grupos e o desenvolvimento organizacional. Foi ainda o idealizador da Teoria de Campo, influenciado pela Gestalt, que estuda as forças atuantes numa determinada situação, facilitando ou impedindo a realização de determinado objetivo, lançando mão de instrumentos matemáticos, como a Topologia (GARCIA-ROZA, 1972). Esta teoria foi base para o desenvolvimento de vários estudos e teorias sobre relações interpessoais, como as teorias de Moreno.

Jacob Levy Moreno, psicólogo que se dedicou à psicoterapia, estabeleceu as bases para a psicoterapia de grupo e criou, dentre outros, a sociometria, o sociograma e o Psicodrama. Seu foco de pesquisa foi em “como o bem-estar psicológico está relacionado às características estruturais” do que ele chama de ‘Configurações Sociais’ (SCOTT, 1991):

These configurations are formed from the concrete patterns of interpersonal choice, attraction, repulsion, friendship and other relations in which people were involved, and they are the basis upon which large-scale 'social aggregates', such as the economy and the state, are sustained and reproduced over time. (p.9)

Alguns conceitos da teoria de Moreno podem ser muito úteis no estudo de Redes Sociais. As seguintes são definições como apresentadas por Marineau (1992), Menegazzo *et al* (1995) e Cukier (2002):

- Átomo social: representação ou configuração de todas as relações significativas na vida de uma pessoa. Pode ser representado em termos gráficos, identificando relações significativas passadas ou presentes, em termos de intensidade e/ou distância. A elaboração do genograma (representação gráfica da composição familiar, através de linhas e figuras geométricas, que indicam a posição e o vínculo familiar de cada membro) foi grandemente influenciada pelo conceito moreniano de átomo social.
- Sociometria: método científico cuja finalidade é medir as relações interpessoais de um grupo. Envolve o estudo das propriedades psicológicas, através do uso de métodos experimentais (Teste Sociométrico) e a representação dos resultados por meio de fórmulas matemáticas e/ou gráficos (Sociograma).
- Teste Sociométrico: baseado nos conceitos de atração (positivo), rejeição (negativo) e indiferença (neutro), é o método de investigação que observa as redes vinculares de uma determinada população e indicam a forma e a intensidade com que se produzem. Através dele monta-se o sociograma (representação gráfica das relações sociais). Determina as afinidades mútuas dos indivíduos nos vários grupos a que pertence.
- Tele: em termos operacionais, tele pode ser visto como comunicação imediata, não verbal, ou laços inconscientes de natureza recíproca, é a faculdade humana de comunicar afetos à distância. Nas palavras de Moreno, é a unidade mais simples de afeto transmitida de um indivíduo a outro.
- Rede Sociométrica: estrutura vincular resultante após ser aplicado um critério sociométrico determinado. Oferece uma imagem real e afetiva do grupo.

Heider, criador das Teorias do Equilíbrio e dos Atributos, começou seus estudos na Psicologia Social de atitudes e percepção e preocupou-se especialmente com como as várias atitudes de uma pessoa com relação aos outros alcança um equilíbrio. Para ele, por estado de

equilíbrio entende-se uma situação em que as relações entre as entidades se ajustam harmoniosamente, não existe tensão para mudança. Uma suposição básica é que as relações tendem para um estado de equilíbrio (HEIDER, 1970). Nas palavras de Paiva (2004), “as pessoas tendem a (...) harmonizar cognições e sentimentos. (...) Tal combinação não é de ordem lógica, mas de ordem afetiva, ou psicológica, na qual a primazia cabe ao sentimento” (p. 83). Em caso de desequilíbrio, segundo esta teoria, a partir de certo ponto o indivíduo experimentará tensão e tenderá a transformar a realidade ou alterar alguma cognição e/ou sentimento a fim de obter a melhor configuração possível nas circunstâncias. Porém, deve-se notar que a tendência ao equilíbrio não é a única força do psiquismo atuante nas pessoas, e tensão não é sinônimo de desprazer, pois até certo nível a tensão, além de estimulante, é agradável.

Elisabeth Bott é psicóloga e integrante do grupo de Manchester. Em seu mais conhecido estudo (BOTT, 1957), afirma que o grau de separação na relação de papéis entre cônjuges (de forma simplificada, o quanto determinado papel é tido como atribuição “do marido” ou “da esposa”) varia diretamente com a conectividade da Rede Social familiar: quanto mais conectada a rede, maior o grau de separação entre os papéis de esposo e esposa, e vice-versa. Bott também fez a diferenciação entre composição da rede, estrutura da rede e conteúdos das interações. Sobre famílias urbanas ela coloca que “O ambiente social imediato de famílias urbanas é mais bem considerado não como a área local onde ela vive, mas como a rede de relações sociais reais que mantém, independente delas estarem confinadas na área local ou além de seus limites”. Em se considerando o conceito de Transnacionalismo como “um processo pelo qual os imigrantes constroem campos sociais que ligam o país de origem ao país de destino” (SCHILLER et al., 1992), a consideração de que o ambiente social não se restringe à territorialidade, mas é focado na significância dos vínculos, é um conceito essencial ao estudo de Redes Sociais Migratórias, ao mesmo tempo em que tem nele um exemplo extremo de sua expressão.

Erich Lindemann, psiquiatra criador da Teoria da Crise, ressaltou em seus escritos a posição central da rede social pessoal de um indivíduo na co-determinação dos efeitos a curto e longo prazo em uma situação de crise. Seus estudos começaram com a investigação de situações de luto (perdas por morte ou separação, ou mesmo mutilação), e evoluíram para a consideração da situação de crise como objeto de estudos. Dentro de sua teoria, Lindemann (1979) propõe que um ponto central para superação da situação de crise é o rearranjo das redes de relacionamento, rompidas por um evento dado. Neste sentido, o processo migratório representa uma situação de crise, como por ele apresentado ao analisar a renovação urbana da

região de West End em Boston em 1950, que envolveu um deslocamento populacional em massa.

Carlos E. Sluzki (1997) faz uma análise da influência das Redes Sociais ao longo da vida das pessoas e em situações específicas, como o casamento e a migração, além de traçar um histórico das Redes Sociais dentro da Psicologia. Tanto Sluzki quanto Lewin e Heider partem de uma visão fenomenológica das situações, ou seja, não pelo que se apresenta concretamente, objetivamente, mas de acordo com a percepção do indivíduo. Esta postura contrasta com parte da metodologia das Ciências Sociais, que se baseia muito em documentos ou relatos oficiais; aproxima-se, porém, da prática dos estudiosos do grupo de Harvard, que tinha como preferência o estudo das relações informais.

O autor afirma que “a Rede Social Pessoal pode ser definida como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade.” (SLUZKI, 1997, p. 41). Ele sugere o registro da Rede Social Pessoal num mapa, conforme a Ilustração 1:

Ilustração 1 – Mapa de Rede

Os círculos concêntricos descrevem, de dentro para fora, a intimidade decrescente dos indivíduos em contato com o sujeito em questão. Os quatro quadrantes indicam diferentes áreas da vida do sujeito que podem qualificar o tipo de relação deste com as pessoas (p. ex., se é uma relação de parentesco, ou proveniente dos contatos de trabalho). Como exemplo de representação de variedade das relações, podemos destacar as relações com sistemas de saúde e agências sociais dentro do quadrante das relações comunitárias. Esta é uma representação estática que reflete um momento específico da vida do sujeito, como uma foto de uma cena

em movimento. Na prática clínica, as seguintes perguntas podem ajudar a definir as fronteiras e os integrantes das redes pessoais: “Quem são as pessoas importantes da sua vida?”, “Com quem você conversou, ou encontrou, nessa última semana?”, “Quando você está com vontade de visitar alguém, pra quem você liga?”, ou ainda para enriquecer o mapa: “Em que direção você acha que sua relação com essa pessoa está indo, para um aumento de intimidade, redução de intimidade ou sem mudanças previsíveis?”. Às vezes, a reflexão feita através desta última pergunta configura-se como sendo uma importante intervenção.

Sluzki ainda sugere a análise das redes sociais sob os seguintes aspectos:

- Características Estruturais (propriedades da rede em seu conjunto):
 - Tamanho: é o número de pessoas na rede;
 - Densidade: conexão entre membros independentes do informante;
 - Composição ou Distribuição: proporção do total de membros localizada em cada quadrante e cada círculo;
 - Dispersão ou Acessibilidade: distância entre os membros;
 - Homogeneidade/Heterogeneidade: relativo à idade, sexo, cultura, nível socioeconômico, dentre outros.
- Funções dos vínculos (tipo predominante de intercâmbio interpessoal):
 - Companhia Social: realização de atividades conjuntas ou simplesmente o estar juntos;
 - Apoio Emocional: intercâmbios que conotam uma atitude emocional positiva, clima de compreensão, simpatia, empatia, estímulo e apoio;
 - Guia Cognitivo e Conselhos: interações destinadas a compartilhar informações pessoais ou sociais, esclarecer expectativas e proporcionar modelos de papéis;
 - Regulação (ou Controle) Social: interações que lembram e reafirmam responsabilidades e papéis, neutralizam os desvios de comportamento que se afastam das expectativas coletivas, favorecem a resolução dos conflitos;
 - Ajuda material e de serviços: colaboração específica com base em conhecimentos de especialistas ou ajuda física, incluindo os serviços de saúde;
 - Acesso a novos contatos: abertura para a conexão com pessoas e redes que até então não faziam parte da Rede Social do indivíduo.
- Atributos de cada vínculo (propriedades específicas de cada relação):
 - Função predominante: função ou combinação de funções que caracterizam de maneira predominante esse vínculo;

- Multidimensionalidade ou Versatilidade: quantas dessas funções desempenha;
- Reciprocidade: equivalência de funções desempenhadas entre os indivíduos;
- Intensidade ou Compromisso da relação: tropismo ou atração entre os membros (também definida como “grau de intimidade”);
- Frequência dos contatos: influencia na relação entre distância e intimidade (geralmente, quanto maior a distância entre os indivíduos, é preciso maior frequência para manutenção da intimidade, e vice-versa).
- História: desde quando se conhecem e qual a experiência prévia de ativação do vínculo.

Estas variáveis são interdependentes, e em maior ou menor grau correspondem às consideradas por outros teóricos, inclusive de outros campos do conhecimento.

Sluzki ainda chama a atenção ao estresse pessoal e interpessoal inerente ao processo migratório, decorrente das várias rupturas resultantes, e pela necessidade de reorganização dos laços e funções de cada integrante envolvido. Esse período traumático leva a maior ou menor grau de perturbações psicossomáticas e interpessoais, que não podem ser tomados como “reações idiossincráticas, individuais, ‘patológicas’”. Tais sintomas tendem a ser passageiros, resolvendo-se à medida que a adaptação ao novo ambiente, balizada pelo restabelecimento das Redes Sociais rompidas na migração, é efetuada.

Outro pesquisador a abordar a questão do estresse ligado ao processo migratório é o psicólogo intercultural John W. Berry, que além deste tema descreve um modelo de estratégias de aculturação psicológica. Suas contribuições serão melhor tratadas no capítulo III.2, sobre a Abordagem Intercultural.

Para o presente estudo, mais que as características estruturais das redes, interessa-nos suas características funcionais e atributos vinculares. Tais características serão descritas a seguir.

III.1.b. Redes na Migração

III.1.b.i Funções da Rede

Como se mostrou no levantamento bibliográfico anterior, as visões sociológicas e psicológicas não são suficientes em si para a análise das Redes Sociais como um todo, mas em sua complementaridade podem nos auxiliar na tarefa de traçar um quadro mais completo

das Redes Sociais. Pretendo lançar mão, então, de conceitos de ambas abordagens para analisar as Redes Sociais dos Dekasseguis.

Não se pode falar de Rede Social como uma entidade corporificada e única na vida do indivíduo, mas sim dependente de recortes para sua delimitação, podendo-se inclusive falar de Redes Sociais que abrigam várias Redes Sociais. O demógrafo Weber Soares (2003) faz a distinção de alguns tipos de redes, dentre elas:

- Rede pessoal: funda-se em relações sociais de amizade, parentesco, etc.
- Rede migratória: tem uma função específica - precedem a migração e são adaptadas à ação de migrar. Este é um exemplo de rede de Redes Sociais.

Podemos acrescentar a estas as Redes de Apoio, com objetivo de dar suporte e continência às necessidades dos indivíduos, seja tanto por meios materiais quanto de atenção sócio-psicológica, informacional, ou outros.

A função primordial e clássica das Redes Sociais Migratórias é a minimização dos riscos presentes na migração, visível principalmente em deslocamentos de longa distância. Berry (1992), considera o apoio das Redes Sociais como um dos aspectos envolvidos na regulação do Estresse de Aculturação, como será abordado no capítulo referente à Psicologia Intercultural. Goza (2003) faz também um levantamento de estudos que revelam a importância das redes sociais especificamente nos movimentos migratórios:

Estes estudos têm revelado numerosas características dignas de nota sobre a importância de tais associações no processo migratório, em ambos os níveis, nacional e internacional. Muitas destas qualidades são agora amplamente aceitas como accurate descriptors. Por exemplo, é quase universalmente reconhecido que estas estruturas sociais informais têm o potencial de ligar membros de comunidades de origem com residentes anteriores que agora estão em outras localidades, como outros municípios ou países (...). Da mesma forma, estudos de vários países estabeleceram a importância das redes para providenciar informações gerais, apoio financeiro para facilitar a mudança, assistência com despesas e acomodação iniciais, assegurar emprego, encontrar habitação, apoio psicológico e a manutenção dos laços com a distante comunidade de origem (...). Esta literatura emergente também revela que as redes sociais são dinâmicas e que constantemente envolvem relações sociais que organizam e direcionam o fluxo de informação, emprego e produtos entre

comunidades emissoras e receptoras de migrantes, já que elas simultaneamente reduzem riscos e custos econômicos e psicológicos associados à migração (...).(p. 264)

Porém, ele mesmo chama a atenção para o fato de que

(...) muitas pesquisas tenderam a empregar um foco unidimensional ao analisar redes sociais de imigrantes. Frequentemente, as redes têm sido vistas como altruístas, democráticas e quase livres de tensão, já que se assume que os laços culturais e de parentesco operam para o benefício equitativo de um e de todos.(p. 264-265)

Em seguida, trago contribuições de autores que desenvolvem a idéia de que as Redes Sociais são estruturas relacionais mais complexas, com elementos que serão analisados nas entrevistas realizadas.

III.1.b.ii. Redes multidimensionais

As Redes Sociais, principalmente as Migratórias, têm função de auxiliar e sustentar os indivíduos migrantes; porém, têm outras dimensões negativas que não podem ser desprezadas. O grupo de Manchester fez dessas dimensões negativas o seu foco, ao se ater no conflito e mudança nas relações interpessoais.

Como escreve Assis (2003),

(...) a compreensão do processo migratório a partir do enfoque nas Redes Sociais se, por um lado, aponta para a importância das relações de solidariedade que os migrantes constroem entre a sociedade de origem e de destino, o que os auxilia nos primeiros momentos da vida em um novo lugar, por outro revela também que essas são fontes de ambigüidade e conflito. (p.208)

Existe, por exemplo, a exploração entre migrantes, observada por Tilly (1990). Martes (1999) observou a mesma ambigüidade ao analisar o comércio de faxina entre brasileiras em Boston.

Vários aspectos do perfil dos migrantes também se fazem relevantes na análise das Redes Sociais. Assis (2003) mostra como o gênero influencia na experiência migratória. Assis dá ênfase à relevância da mulher dentro da Rede Social Migratória. Estas têm um papel ativo, como articuladoras das redes, distribuidoras de informações e ponto de contato entre

domicílios. Ela lista estudos que mostram a pressão social sofrida por mulheres para migrar, por motivos não-econômicos. Percebe-se a diferença no uso das Redes Sociais: as mulheres recorrem mais aos laços de parentesco, e os homens aos laços de amizade. Também apresenta um estudo de Hagan (1998) que evidencia que as redes atuam não apenas trazendo benefícios aos migrantes: ao menos no caso dos guatemaltecos, as mulheres são prejudicadas pela configuração destas, uma vez que pelo tipo de ocupação assumido (trabalho doméstico), elas ficam isoladas e suas Redes Sociais vão se retraindo pela dificuldade de acesso às pessoas.

Devemos levar em conta o acesso diferenciado dos migrantes ainda sob vários outros aspectos, como faixa etária e geração, local de origem e status sócio econômico e pobreza, que afeta a participação nas redes no destino, e provavelmente afeta também na origem (GOZA, 2003).

Portes e Rumbaut (1990) discorrem sobre como as Redes Sociais não são formadas de maneira homogênea e são perpassadas pelas questões de classe, escolaridade, entre outros, afetando a forma como os imigrantes se estabelecem no novo país. Em seus estudos, a preferência por empregar imigrantes acontecia apenas no caso do empregador ser desta mesma nacionalidade; também nesse caso a ascensão de cargo dos imigrantes foi favorecida, e o nível de escolaridade anterior à migração foi um diferencial no salário. Os pesquisadores levantam a preferência do migrante por se estabelecer onde já exista uma comunidade de sua etnia, e a função desta como amortecedor do impacto da mudança cultural e proteção contra preconceito externo e dificuldades econômicas iniciais. Também apontam a diferença na perspectiva de sucesso econômico de acordo com as características dessa comunidade como significante: se tanto uma comunidade formada principalmente por trabalhadores braçais como outra de trabalhadores empreendedores dão assistência ao recém chegado, na primeira há certa pressão para manter seus integrantes “no seu lugar”, em geral como trabalhadores de baixa remuneração, e em específico estabelecendo hierarquias, onde os migrantes mais recentes devem ficar abaixo e jamais devem superar os mais antigos; por outro lado, na segunda comunidade, não só se dá assistência na forma de informações, mas esta também se revela fonte de emprego.

DeBiaggi (2002, 2004) e Sluzki (1997) chamam a atenção para a crise familiar que se instala na situação migratória. Papéis dentro da família são abalados e precisam ser revistos, as relações de dependência e assistência transformam-se. Esta crise pode ser propiciadora de mudanças positivas, ressignificadoras, como ilustra Sluzki com um exemplo de família de origem filipina; porém, muitas vezes o que se vê é o contrário, como aponta DeBiaggi com relação à família estendida de brasileiros retornados dos EUA: existe desconfiança para com

os parentes, e sentimento de cobrança com relação aos planos de retorno, envolvendo elementos como as remessas internacionais de dinheiro, administração de bens no Brasil por parte dos que ficam, idealização do migrante como “parente rico, com condições ilimitadas para auxiliar a família”. Ao invés de reencontrar seu lugar dentro da família, o migrante acaba sentindo a inveja, a desconfiança e exclusão por parte dos parentes.

Observando a estruturação e funcionamento das Redes Migratórias, podemos ver um pouco da ação destas sobre os movimentos migratórios, e inversamente, como os movimentos migratórios também ditam mudanças nas Redes Migratórias, seja na sua função quanto na sua estrutura e nos atributos dos vínculos. Podemos perceber que há aspectos positivos e negativos envolvidos nas Redes Sociais presentes nos movimentos migratórios.

III.1.b.iii. Uma Proposta de Análise de Redes em Migração

Fazito (2009) propõe uma revisão da forma como as Redes Sociais nos fenômenos migratórios foram analisadas até o momento. Para contrapor à sua própria crítica de que a maioria dos analistas de Redes Sociais até agora foram bem sucedidos apenas em descrever padrões estruturais sem revelar suas implicações causais na dinâmica e comportamento geral, ele propõe que uma clara conceitualização de “Redes Sociais” deveria ser o ponto de partida para se avançar na análise de sistemas migratórios e o papel dos laços sociais.

Dentre os modelos de análise que ele apresenta, dois dizem respeito à forma como as Redes Sociais foram abordadas até então, e ele apresenta mais dois modelos que podem abrir novas estratégias em estudos de migrações. O modelo mais relevante para este trabalho é chamado de Ego-centrado, amplamente usado em estudos antropológicos e sociológicos de sociedades e comunidades de pequena escala. Este tipo não se destina a cobrir toda a Rede Social. Na abordagem de Rede Ego-centrada o analista foca num ator em particular e seus laços imediatos e diretos, elaborando um tipo de rede de “primeira ordem” do ego. É destinada a refletir apenas arranjos parciais de Redes Sociais, e não ser usada para encontrar constrangimentos nos padrões estruturais importantes nos atores sociais.

Este tipo de abordagem exige que se esteja ciente da impossibilidade prática de alcançar a totalidade da maioria das redes empíricas devido a, em primeiro lugar, o conjunto de nós em geral ser muito grande para se trabalhar, e em segundo, pela dificuldade de se dar a devida definição do conteúdo dos laços com relação aos propósitos da pesquisa e do conhecimento teórico e empírico prévios sobre o sujeito. O propósito principal da modelagem de Redes é descrever a estrutura de relações dentro de um sistema de atores (nós) – ou seja, o

padrão de distribuição de nós e laços. A abordagem relacional favorece a análise de estrutura baseada na inserção do ator (sua penetração) dentro de um conjunto de relações que é necessariamente um modelo “parcial” de estrutura baseada no ego e suas conexões diretas. Segundo Fazito, para propósitos práticos, o analista deve focar na “Rede Parcial” de nós ego-centrados, profundamente ancorados num ambiente social.

Geralmente, a perspectiva de rede-de-ego é associada em particular com uma “pessoa”, o que leva à conclusão errônea de que estas são redes de pessoas. Como Burt (1992) apontou, Redes Sociais podem não apenas se ancorar em pessoas como atores, mas também em instituições, comunidades e mesmo países.

Neste ponto, apresento uma descrição das Redes Sociais “formais” num modelo que Fazito denominaria como “metáfora discursiva” das Redes Sociais dos Dekasseguis. Podemos usar as aspas nos termos acima porque esta se refere à estrutura das Redes Sociais, sem levar em conta profundamente seus conteúdos ou a qualidade de seus laços.

III.1.b.iv. As Redes Sociais “formais” no Movimento Dekassegui

Os dados desta seção foram obtidos e apresentados por estudos anteriores de vários pesquisadores, principalmente Sasaki (2000, 2009), mas inclui também observações de minha experiência pessoal como ex-dekassegui e como empregado numa agenciadora de trabalhadores no setor de documentação para obtenção de visto, tendo acesso a informações como indicações de trabalho, contatos no Japão, histórico familiar (requeridos pela própria documentação), e informações não sistematizadas das Redes Sociais dos candidatos ao visto.

No começo do movimento, em meados da década de 80, os dekassegus eram os de primeira geração ou filhos de japoneses com dupla nacionalidade. Muitos destes, depois de contribuírem para a criação do mito do “Eldorado japonês” (juntar grandes somas de dinheiro trabalhando um período relativamente curto no Japão), tornaram-se agenciadores no Brasil, intermediando a contratação de trabalhadores no Japão para as fábricas em que haviam trabalhado.

Pela década de 90, quando foi permitida a entrada de descendentes de segunda e terceira gerações, a maioria dos dekassegus ainda era de indivíduos migrando sós, e se observava que agenciadoras, empreiteiras e agências de viagem eram os principais atores a permitir o acesso àquele país: estas se consolidaram como a base da Rede Migratória dos Dekasseguis, realizando os serviços de agenciamento de trabalhadores, financiamento de passagem, alojamento e organização de documentação dos imigrantes, dentre outros.

Com o passar do tempo, a migração de famílias foi tornando-se comum, como estratégia expressa (verbalizada) para diminuir os sofrimentos gerados pela migração (efeito a ser analisado nas entrevistas). Junto às nascidas naquele país, a participação de crianças e adolescentes que vão para o Japão nas estatísticas de estrangeiros no país tem aumentado significativamente. Isso tem efeitos nas questões educacionais, que não serão abordadas neste trabalho por não se adequar ao tema, e preocupa porque estes indivíduos em formação (do aspecto cognitivo, de personalidade, do afetivo) são mais frágeis frente a Redes Sociais insuficientes em prover suporte.

Ao longo desse processo, foi se desenvolvendo toda uma gama de serviços voltados para os brasileiros no Japão: o comércio étnico – supermercados, jornais e revistas, Tv, rádio, serviços de mudanças, escolas para brasileiros, sistemas de telefonia internacional, serviços bancários de remessas, dentre vários outros. Surgiram ainda, principalmente no Brasil, grupos de apoio e assistência ao dekassegui, tanto governamentais quanto da iniciativa privada e do terceiro setor. Dentre estes, vale mencionar o CIATE (Centro de Informação e Assistência ao Trabalhador no Exterior), que tem subsídios do governo japonês, o Grupo Nikkei de Promoção Humana (organização sem fins lucrativos, que surgiu como iniciativa de um grupo de pais de escoteiros nikkeis), o Programa de Valorização do Dekassegui – Dekassegui Empreendedor, organizado pela Reduplan Alianças Estratégicas, o ISEC (Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural), que cuida da questão do acesso das crianças filhas de dekasseguis à educação, a ABD (Associação Brasileira de Dekasseguis) e cursos como os oferecidos pelo SEBRAE¹¹. No Japão, há serviços governamentais como o Tokyo Nikkeis e o Hello Work, que podem ser usados pelos trabalhadores como alternativa às empreiteiras na busca de trabalho; e iniciativas, em geral de grupos locais de voluntários, em prol da assimilação dos estrangeiros na sociedade japonesa, seja pela organização de eventos culturais, seja pelo ensino de língua e costumes, e assim por diante.

As Redes Sociais Pessoais dos Dekasseguis, ao longo do fluxo migratório, foram assumindo funções que eram de outros elementos da Rede Migratória. Como acontece na maioria dos movimentos migratórios, primeiramente as Redes Pessoais atuaram na recepção dos recém-chegados e fornecimento de documentos para obtenção de visto. Em seguida, elas atuaram mais ativamente no auxílio à colocação dos migrantes, assumindo assim parte da atuação dos agenciadores no Brasil. Um elemento interessante e talvez relevante para análise é que muitas vezes essa ajuda reverte em ganhos financeiros para quem apresenta o novo

¹¹ Em destaque o Programa Dekassegui Empreendedor, uma parceria do Sebrae, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Associação Brasileira de Dekasseguis (ABD).

trabalhador (recebimento de comissão). Em seguida, com a estabilização das condições da média dos dekasseguis no Japão, foi possível aos já fixados naquele país financiar a passagem de parentes e amigos que estivessem no Brasil. Por amizade ou parentesco, mesmo que se pague alguma diferença neste financiamento, nada se compara às altas taxas cobradas pelas agenciadoras. Com isso, a função das mesmas no Brasil foi reduzida para próximo de zero. Atualmente, recorrem às raras agenciadoras no Brasil apenas aqueles que não possuem nenhum vínculo com dekasseguis (o que é raro), ou que se distanciaram de parentes descendentes que possam fornecer os documentos para visto. O perfil mais frequente dos que procuram as agências nos últimos 5 anos, segundo relato de alguns informantes que ainda trabalham como agenciadores, é de mestiços com poucos vínculos com a parte descendente¹², pessoas com situações irregulares na documentação (uniões não formalizadas de ancestrais, ex-deportados, casais mistos sem comprovação de relacionamento¹³), pessoas que simplesmente não possuem direito ao visto (adultos adotados ou de quarta geração¹⁴, não descendentes sem vínculo matrimonial válido com descendentes) ou vigaristas que aplicam golpes nas agências.

Um movimento que se pode perceber mais recentemente acentuado é a diversificação dos serviços oferecidos pelas empreiteiras no Japão, como complemento aos tradicionais: além da contratação e serviços de tradutor ou acompanhante nos trâmites legais junto às prefeituras ou hospitais, muitas empreiteiras oferecem creches e escolas para os seus contratados, como expressão de apoio e suporte aos trabalhadores. Os efeitos nocivos destas comodidades serão analisados nas conclusões deste trabalho.

No próximo capítulo, detenho-me a descrever o enquadre teórico utilizado para analisar as Redes Sociais dos Dekasseguis.

¹² Houve um período em que indígenas brasileiros forjavam documentos e iam ao Japão como descendentes mestiços, devido à semelhança de feições. Para coibir a fraude, começou-se a exigir nos Consulados provas da ascendência destes candidatos, como fotos do mesmo junto com a parte descendente (ao longo da vida, não apenas recentes). Isso chegava a ser impeditivo para descendentes legítimos conseguirem o visto.

¹³ Também com o intuito de coibir fraudes (casamentos forjados de não descendentes com descendentes), os Consulados exigiam documentação de casamento realizado há mais de 1 ano, e comprovações de que nesse período o casal morou junto (não só fotos, mas correspondências de comprovação de residência, documentos assinados em conjunto, dentre outros). O cônjuge não descendente só tem permissão de permanecer no Japão enquanto o descendente também estiver. No caso de separação, o não descendente perde o direito ao visto de trabalho.

¹⁴ Indivíduos comprovadamente de quarta geração só obtinham visto quando crianças sem idade para trabalhar.

III.2. Abordagem Intercultural

Como afirma DeBiaggi (2008a), a Psicologia Intercultural estuda categorias tanto da Psicologia Geral quanto da Psicologia Social, com ênfase nos processos individuais, e considera que o comportamento humano desenvolve-se e se expressa em contextos culturais. Necessitamos compreender etnograficamente as culturas em contato, para entendermos a pessoa. Ela surge nos anos 60, quando se percebeu que grande parte dos estudos em Psicologia não representava a grande diversidade da população mundial. Um marco é a publicação do *Handbook of Cross-Cultural Psychology*, em 1980, editado por Harry Triandis et al.

No Brasil, a produção científica em Psicologia Intercultural desenvolveu-se nas décadas de 60 e 70, tendo posteriormente se dissipado. Precusores são Aniela Grinsberg, na Pontifícia Universidade Católica, e Arrigo Leonardo Angelini, na Universidade de São Paulo. Geraldo José de Paiva, em 1978, publicou o primeiro livro introdutório sobre a Psicologia Intercultural. A abordagem ressurgiu na década de 1990 em função do interesse pela emigração brasileira.

A Psicologia Intercultural dedica-se a, a partir de um ético provisório, abordar os ênicos culturais e deles derivar um novo ético mais abrangente, ou seja, busca-se o universal a partir da compreensão do particular, com base em universais provisórios. Isto faz da Psicologia Intercultural uma abordagem naturalmente dinâmica, em que os pressupostos podem ser sempre revistos e repensados, pois as realidades culturais não são fixas ou estáveis.

Berry (1992) considera o processo de aculturação de uma forma diferente da tradicional, também chamada de visão “melting pot”, onde o sujeito aculturado era visto como totalmente inserido na nova cultura, perdendo suas características culturais originais. Para Berry, o indivíduo que passa por um processo de mudança de contexto cultural desenvolve uma estratégia de aculturação apoiada em dois eixos: o quanto quer contato, o quanto valoriza a cultura majoritária para onde está se mudando, e o quanto deseja, valoriza a sua própria identidade cultural e características culturais. Disso derivam 4 estratégias que podem ser esquematizadas na seguinte tabela:

		Cultura Majoritária	
		Valorização	Desvalorização
Cultura de origem	Valorização	INTEGRAÇÃO	SEPARAÇÃO
	Desvalorização	ASSIMILAÇÃO	MARGINALIZAÇÃO

Tabela 1 – Estratégias de Aculturação segundo Berry

Quando há uma valorização da cultura majoritária e se a assume em detrimento da manutenção da cultura de origem, o migrante está assumindo uma estratégia de aculturação de Assimilação, enquanto a situação inversa (manter a cultura de origem, sem assumir a cultura para onde se mudou) configura uma estratégia de Separação. A estratégia de aculturação em que tanto cultura majoritária quanto cultura de origem são valorizadas e assumidas chama-se Integração, ao passo que no seu oposto está a estratégia de aculturação de Marginalização, em que ambas as culturas são desvalorizadas.

Cabe lembrar que as estratégias de aculturação não são obrigatoriamente imutáveis ou uniformes: diferentes estratégias podem ser assumidas dependendo do momento de vida do indivíduo, assim como diferentes estratégias podem ser escolhidas para diferentes áreas da vida (por exemplo, pode-se ter uma estratégia de assimilação lingüística, quando se abandona a língua materna em favor do idioma majoritário, ao mesmo tempo em que se assume uma estratégia de separação com casamentos endogâmicos na comunidade étnica).

Outro conceito importante a se considerar nos estudos migratórios com enfoque interculturais é o estresse de aculturação. O contato entre culturas diferentes é naturalmente gerador de estresse, e este fica ainda mais aparente quando tratamos de movimentos migratórios. Entre os fatores que podem tornar maior ou menor esse estresse, são considerados o modo de aculturação, fase da aculturação, natureza da sociedade majoritária (sua postura em relação a indivíduos de outras culturas), políticas públicas com relação aos grupos em aculturação na sociedade, apoio social de redes sociais, idade e status social, características do indivíduo (tanto cognitivas como a avaliação e formas de enfrentamento, o sentimento de controle cognitivo sobre o processo de aculturação) e aspectos psicodinâmicos.

As Redes Sociais podem atuar como mediadores no processo de aculturação, e para atenuar os efeitos negativos do estresse de aculturação. Essas funções serão analisadas nas entrevistas realizadas.

IV. Metodologia

IV.1. Objetivos e Participantes

Neste estudo, trabalho com a concepção de que dekassegui é o brasileiro que vai ao Japão ocupar serviços não qualificados em empresas diversas, sem prazo pré-definido contratualmente para retornar ao Brasil. Portanto, não foram considerados os que foram ao Japão no sistema de “arubaito de final de ano” (em geral, universitários que cumprem de 3 a 4 meses de contrato, no período do inverno japonês e férias escolares brasileiras) ou cumprem tarefas diferenciadas, qualificadas (profissionais liberais, técnicos em geral, bolsistas), por entender que suas condições são diversas do dekassegui considerado padrão.

Não incluímos os dekasseguis não descendentes, visto que as questões identitárias e o background cultural destes são muito diferentes dos de um descendente que volta ao país dos ancestrais, além do tratamento por parte dos nativos ser diferenciado devido às diferenças fenotípicas. Conversas prévias com vários dekasseguis indicam com unanimidade esta diferenciação, e a forma como ela se dá é um tema muito interessante que pode ser abordado em outras pesquisas. Como o povo japonês pauta-se muito pela questão da consangüinidade, foram incluídos os mestiços (não ocorreram casos em que fenotipicamente o entrevistado se distanciasse demais do japonês).

Também foram excluídos da pesquisa dekasseguis que à época da migração eram casados ou tinham a guarda de filhos, a fim de examinar a decisão por ficar em algum país de pessoas com maior liberdade de escolha individual, não ditada por questões circunstanciais de terceiros, como escola dos filhos. Não foram incluídas duas entrevistas com um casal que foi solteiro ao país e se conheceu no Japão, pois as respostas obtidas poderiam estar impregnadas com a questão dos papéis conjugais (BOTT, 1957), o que exigiria uma análise mais complexa do que a que se pretendeu fazer neste trabalho.

A intenção deste trabalho foi analisar as Redes de Apoio dos Dekasseguis, os nós que as formam, a qualidade dos vínculos que os unem, e verificar a influência destes atores sociais nas decisões do dekassegui. Através de meus contatos dentro da colônia nipo-brasileira, ouço freqüentemente que os dekasseguis não se organizam enquanto grupo, pouco procuram auxílio das agências oficiais e assistenciais, e confiam muito pouco uns nos outros. Pretendeu-se investigar como o dekassegui enxerga sua Rede Social, o que chama de “puxar o tapete”, expressão comum entre estes migrantes, e por que há tanta desconfiança entre estes iguais, em

contraste com os relatos (talvez romaneados e míticos) da migração japonesa no Brasil, marcada pela ajuda mútua, pelo espírito gregário.

Apesar de me apoiar em muitos termos sociológicos, a intenção não é mapear a Rede Social dos Dekasseguis, tarefa a que se dedicam tradicionalmente os pesquisadores dedicados à Análise de Redes Sociais. Com a consciência de que não é possível captar a totalidade objetiva dos laços relacionais de um indivíduo, optou-se por identificar Redes Sociais Ego-centradas Auto-referidas, definidas aqui como Redes Sociais mapeadas à medida que o entrevistado enumera seus elementos constituintes. Em outras palavras, ao invés de indagar de forma sistemática quem faz parte da Rede Social do entrevistado, levantou-se no seu discurso pessoas e instituições citadas. Estas foram consideradas então a sua Rede Social de Dekassegui. Estas são, por definição, parciais, mas levando em consideração que o que o sujeito lembra ou cita é o que ele considera significativo, ela é representativa. Para ser considerado parte da Rede Social, o elemento citado deve ter alguma qualidade que indique a ligação com o entrevistado, seja emocional, de parentesco ou de contato social cotidiano (namoro, colega de seção de fábrica, vizinho com quem se conversa); portanto, elementos com proximidade (física ou virtual) mas que não foram referidos como relevantes não são considerados parte da Rede Social deste entrevistado (por exemplo, alguém que more perto do Consulado do Brasil em Nagoya mas que não o considere relevante para sua permanência no Japão não o terá na sua Rede Social, mesmo que serviços oferecidos pela instituição sejam imprescindíveis para sua concretização).

Os entrevistados foram escolhidos através de contatos variados do pesquisador, na intenção de realizar o método de bola de neve. Porém, apesar dos entrevistados serem contatados por vias totalmente distintas, ao se pedir a indicação de pessoas que pudessem contribuir para a pesquisa, um fenômeno repetiu-se invariavelmente: os indicados não se dispunham a dar entrevista, ou vários empecilhos impediram sua realização. A maior dificuldade residiu no fato da maioria indicada por conhecidos diretos serem casadas e/ou terem filhos nascidos dentro do processo migratório. Outra dificuldade encontrada foi a desconfiança dos indicados pelos entrevistados: aparentemente, o fato do primeiro contato me conhecer pessoalmente e poder dar informações precisas sobre mim permitiu que os efetivamente entrevistados se sentissem à vontade de conversar, ao passo que estes, por me conhecer mais vagamente, não podiam dar muitos detalhes sobre mim, e seus indicados mostravam mais reservas quanto à conversa comigo, preferindo dar entrevistas apenas por e-mail ou recusando-se a conversar. Neste sentido, constituímos um grupo de 9 indivíduos cujo perfil é descrito na tabela a seguir:

Tabela 2 – Perfil dos entrevistados

Nome	Gênero	Idade #	Geração	Escolaridade (quando da 1ª ida)	Primeira ida em	Tempo total de Japão (anos e meses)	De volta há #	Entrevista via*
Heitor	M	34	3	Sup. Completo	1991	6a	12a	M
Mauro	M	27	2	Sup. Completo	2004	4a	1a	P
Katsuo	M	22	2	Médio Completo	2005	3a 3m	1a	P
Suzana	F	41	2	Sup. Completo	1992	2a	14a	P
Ken	M	24	3	Fund. Incompleto	1998	8a (4a trabalhando)	2a	P
Elisa	F	27	3	Sup. Incompleto	2004	4a 5m	2m	M
Cleber	M	25	3	Sup. Incompleto	2003	2a	4a	M
Emily	F	27	4	Sup. Incompleto	2003	1a 7m	5a	M
Renato	M	36	3	Médio Completo	1992	9a	8a	P
# por época da entrevista *M – MSN; P – Presencial								

Por motivos éticos de proteção à privacidade, os nomes dos entrevistados não correspondem aos verdadeiros, assim como foram alterados quaisquer outros dados que pudessem identificar prontamente estes informantes e não tivessem maior relevância para a análise.

Como podemos observar na Tabela 2, alguns entrevistados tinham mais de 30 anos por época da entrevista, porém todos trabalharam no Japão por volta dos 19-26 anos. O tempo médio de estadia é de aproximadamente 4 anos, mas com grande variação. Quanto à escolaridade, a maioria terminou ao menos o Ensino Médio antes de ir ao Japão (somente um cursou no Japão), mas todos relataram que tinham intenção de continuar os estudos quando chegassem ao Brasil. Dos que tinham terminado o Ensino Superior, todos fizeram ou estão à busca de uma segunda graduação, sendo esse um dos objetivos da viagem para alguns. Dos que tinham Superior Incompleto, apenas Elisa não prosseguiu o curso, mas devemos levar em consideração que ela havia voltado há pouco tempo do Japão quando foi entrevistada; Cléber está terminando a segunda graduação. Os que tinham menos que o Ensino Superior prosseguiram os estudos no Brasil.

Apesar de Emily se declarar de 4ª geração, provavelmente algum de seus avós tinha dupla nacionalidade, podendo ser considerada de 3ª geração (caso contrário, não poderia trabalhar no Japão legalmente).

Na Tabela 3 verificamos que o período de permanência no Japão varia de 1991 a 2008, sendo que a maioria dos entrevistados foi dekassegui entre 2003 e 2007, o que podemos considerar muito recente no movimento dekassegui. Os entrevistados não ficaram mais que 5 meses no Brasil quando voltavam, o que nos permite considerar o tempo entre a primeira ida e a última volta como sendo o tempo total de experiência como dekassegui.

Tabela 3 – Período de estadia total no Japão

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Heitor	18					23													35
Mauro													22				25		27
Katsuo															18		20		22
Suzana		25	26																41
Ken*								14			17					22			24
Elisa														23				27	27
Cleber													20		22				25
Emily													21	22					27
Renato		19								27									36

Os números indicam a idade aproximada do entrevistado no ano correspondente.
* O período de permanência de Ken no Japão começa em 1998, mas consideraremos seu tempo de trabalho, ou seja, por volta de 2002.

A seguir, descrevo brevemente a história de cada entrevistado, considerando o motivo alegado para a migração, o tempo de permanência, alguns dados sobre suas Redes Sociais, dentre outras respostas obtidas nas entrevistas.

Heitor, 35 anos, masculino, 3ª geração

Foi ao Japão pela primeira vez com 18 anos, e permaneceu por 3 temporadas (total de 6 anos). As voltas ao Brasil foram curtas: permaneceu no país por 2 meses e 1 mês, respectivamente. A primeira volta foi com tempo programado (validade da passagem de avião ida e volta estava vencendo), a segunda foi para comprar um imóvel. Já era universitário quando da primeira ida, e foi com um tio para o Japão. Relata motivos financeiros (instabilidade econômica e falta de perspectiva profissional no Brasil) e de cunho pessoal (dentre os quais, a separação dos pais, e para conhecer um novo país) para sua ida. Morou primeiramente com pessoas de sua cidade, depois com desconhecidos. Os locais tinham muito brasileiros, ou eram alojamentos onde se concentravam estes trabalhadores. Tinha parentes no Japão, mas pela distância não visitava com frequência (exceto tios que moravam no mesmo prédio, da primeira vez). Fez amigos brasileiros e japoneses nessa estadia, mas mantém contato com poucos. Considera-se mais brasileiro, mesmo mantendo muito contato com a cultura japonesa (inclusive através de cursos de língua e artes marciais). Voltou ao Brasil e concluiu o ensino

superior e o mestrado. As dificuldades de relacionamento com brasileiros atribui a diferenças de escolaridade, e com japoneses à diferença cultural. Está de volta ao Brasil há 12 anos, retornando para Curitiba, sua terra natal.

Mauro, 27 anos, masculino, 2ª geração

Foi ao Japão com 22 anos, permanecendo 4 anos (planejava ficar 2). Está de volta há 1 ano, e estuda para o vestibular. Já havia concluído uma graduação quando foi, e decidiu migrar para poder pagar uma segunda graduação. Tinha irmão e outros parentes por lá, mas morou só. Fez amigos entre os brasileiros, e mantém contato ainda hoje. Fez poucos amigos japoneses. Trabalhou sempre na mesma empresa, e quando mudou de cidade (mesma fábrica), um ano depois de sua chegada, todos os colegas de trabalho mudaram juntos, levados pela empreiteira. Na região onde morava havia muitos brasileiros, sendo que ele atribui a isso a facilidade de viver no Japão. Fazendo 1 ano no país, um primo passou a morar com ele. Sua mãe esteve por um ano numa cidade próxima. Seu relacionamento com a empreiteira foi bom, podendo contar com eles para o que quisesse. Decidiu voltar por conta da saudade, além de estresse e problemas de saúde. Voltou a morar em Jundiaí, sua cidade natal, no retorno ao Brasil. Considera que tem uma cultura mista, com uma base da cultura japonesa, mas com influência dos amigos brasileiros.

Katsuo, 22 anos, masculino, 2ª geração

Chegou no Japão com 18 anos, com a meta de conseguir dinheiro para a faculdade em 3 anos, e foi o tempo que lá permaneceu. Falou que a saudade da família é o que mais afeta a permanência no país. Foi a primeira vez que saiu não só do país, mas do Estado de São Paulo. Primeiro filho da mãe a ir ao Japão, é mestiço e tem 8 irmãos por parte de pai (japonês). De volta ao Brasil, mora em Jundiaí, onde vivia antes de migrar, faz curso técnico e trabalha na empresa de um amigo. Pretende entrar na faculdade. Considera-se mais japonês, devido à criação que recebeu do pai.

Suzana, 41 anos, feminino, 2ª geração

Foi ao Japão com mais ou menos 25 anos, permanecendo 2 anos, tempo de validade de sua passagem de avião de ida e volta. Natural de Curitiba, já morava em São Paulo há um bom tempo. Havia terminado um curso superior na época, e já trabalhava. Foi ao Japão tendo em vista juntar dinheiro em 1 ano para viajar pela Europa com amiga, mas não deu certo e acabou ficando mais 1 ano, para ajudar o pai a se estabelecer no país. Sempre dividiu espaço com

brasileiros não conhecidos, mas afirma que nunca teve grandes problemas morando no Japão. Passou um período trabalhando numa cidade do interior onde quase não havia brasileiros, mas de resto sempre esteve cercada pelos conterrâneos. Fez amizades com japoneses nessa época no interior do país, e com brasileiros. Perdeu contato com amizades que fez exclusivamente no Japão, tendo contato apenas com quem já conhecia desde o Brasil. De volta ao Brasil, fez sua segunda graduação, na qual terminou um mestrado e atua até hoje. Ainda voltou 1 vez ao Japão para fazer arubaito de 2 meses. Diz ter-se sentido um pouco perdida quando voltou, até o momento que decidiu fazer um cursinho para prestar a prova específica no vestibular, cujo curso era de período integral, e que não tinha prestado antes por influência familiar (todos seus irmãos começaram a trabalhar cedo, então ao escolher sua primeira graduação ela se sentia na obrigação de escolher um curso que permitisse prontamente sua entrada no mercado, ou seja, um curso de meio-período). Quando chegou ao Brasil, pensou que teria uma acolhida mais calorosa dos amigos. Gosta muito de viajar, e acha que seu background cultural é uma mistura de elementos católicos (religião que os pais seguem desde que vieram do Japão) e budistas (da cultura onde viviam).

Ken, 24 anos, masculino, 3ª geração

Natural de João Pessoa, foi ao Japão acompanhando os pais aos 14 anos. Devido à idade, ele começou indo à escola, para depois trabalhar aos 17 anos. Tinha a opção de continuar estudando, mas preferiu juntar dinheiro para fazer a faculdade no Brasil. Não sabia japonês quando foi, mas ao começar a trabalhar já estava esquecendo o português. Não chegou a fazer amigos japoneses; dentre os amigos brasileiros, ele destaca os que tinham formação universitária, que o incentivaram a prosseguir os estudos, e mais, o ajudaram a fazer matrícula no cursinho, e ajudaram a arrumar onde ficar na volta ao Brasil. Ele diferencia bastante os amigos mais velhos, universitários, e os de mesma idade ou mais jovens, sendo que estes não pareciam ter objetivos na vida, satisfaziam-se com o que tinham no momento. Voltou para cá aos 22 anos, mas foi uma vez ao Japão novamente fazer arubaito, a fim de renovar o visto, por temor dos pais de que ele não conseguiria fazê-lo no Brasil. Sente que 4 anos sem estudar tiveram efeito negativo no seu raciocínio. Imagina que teria desvantagens se continuasse estudando e/ou trabalhando no Japão, que é o que acontece com a irmã atualmente, tendo ela freqüentado a escola japonesa integralmente até o correspondente ao Ensino Médio brasileiro, mas com dificuldades de encontrar estágios. De volta ao país, é a primeira vez que ele mora longe da família. Percebeu que os primos eram muito influenciados pelos pais, e por isso não se interessavam por estudar (eram incentivados a trabalhar, ao invés de ir à escola). Gosta de

desafios, por isso ao invés de voltar para sua terra natal, preferiu vir para São Paulo, terra de seu pai. Hoje, trabalha e estuda para entrar na faculdade. Considera que, pelo tempo que passou na escola japonesa, carrega mais valores daquela sociedade

Elisa, 27 anos, feminino, 3ª geração

Natural de Biritiba Mirim, local de grande concentração de descendentes de japoneses, foi ao Japão aos 23 anos, passando duas temporadas de pouco mais de 2 anos cada, com um intervalo no Brasil de 5 meses. Foi para garantir autonomia financeira, deixando para trás trabalho e faculdade. Migrou com irmão, sendo que outros membros da família já tinham ido trabalhar antes. Iria morar com o irmão, mas passou temporadas morando com estranhos. Arrumou um namorado, com quem morou um tempo, e com quem voltou ao Brasil, para ela em definitivo. Compraram um imóvel que ficou apenas no nome dele. Sem economias, voltaram mais uma vez ao Japão, e se separaram antes dela voltar ao Brasil. Nessa época, deu-se conta do quando estava vivendo pelos outros, não por si, por isso voltou para cuidar da própria vida no Brasil. Não se dava bem com os japoneses, que considerava falsos, mas fez amigos brasileiros. Considera-se uma pessoa mais brasileira.

Cleber, 25 anos, masculino, 3ª geração

Foi ao Japão aos 20 anos, permanecendo lá os exatos 2 anos que planejou. Morador de São Paulo, viajou com o irmão, mas com o intuito de morarem separados, pois não se dão bem. Tinham parentes no Japão, e segundo ele foi uma coincidência ter ido morar perto de uma tia. Foi para conhecer um outro país, juntar um pé de meia para casar, e devido à separação dos pais. Também contou o fato de não encontrar bons estágios na sua área (já cursava a faculdade). Em geral, se dava bem com os japoneses, e conseguiu fazer boas amizades com brasileiros, com quem mantém contato ainda hoje. Diz que perceber que todos estavam vivendo nas mesmas condições uma mesma experiência reforçou os laços entre as pessoas. Ficou inseguro ao voltar ao Brasil, tanto pela questão material quanto emocional, mas seus planos de casar-se logo e as saudades da namorada e da família foram mais importantes para a tomada de decisão. De volta, descansou alguns meses, voltou à faculdade, formou-se e agora faz uma segunda graduação. Considera-se brasileiro, mas com base cultural japonesa.

Emily, 27 anos, feminino, 4ª geração

Foi ao Japão pela primeira vez com 21 anos, juntar-se a boa parte da família que estava por lá (apenas uma irmã ficou no Brasil, com a avó). Natural de São Paulo, morou em Goiás por 15

anos, e voltou à metrópole para estudar. Tinha dívidas com a faculdade, e por isso migrou, além das saudades da família. Trabalhou com brasileiros, principalmente, e fez muitas amizades nesse meio. Teve uma vida social intensa no período de 1 ano e meio que lá esteve. Decidiu voltar para o Brasil a fim de concluir a faculdade, que estava trancada. Reatou relacionamento com um namorado com quem havia se comprometido 3 meses antes de viajar, e de quem havia se separado após 2 meses dela no Japão. Mestiça, diz que o pai, que não é descendente, gosta muito do Japão. Considera-se tendo mais valores do Japão.

Renato, 36 anos, masculino, 3ª geração

Foi ao Japão pela primeira vez com 19 anos, passando 3 temporadas, sempre na mesma Província. No total, foram 9 anos de estadia, havia pensado ficar 5. A intenção de migrar era para não depender mais financeiramente dos pais. Inicialmente, morou 1 ano com parentes. Fez muitos amigos, entre brasileiros e japoneses, mas percebeu uma grande diferença entre pessoas (com quem se pode contar e quem não, quem quer trabalhar e quem “faz corpo mole”). Chegou a trabalhar em dois lugares ao mesmo tempo, na fábrica e num restaurante, por 2 anos. Considera que os japoneses estão fazendo favor aos brasileiros, no final das contas. Voltou a primeira vez por cansaço, ficou 4 meses e foi novamente ao Japão. A segunda vez que voltou para o Brasil também foi para férias. Considera que quem acha ruim a experiência no Japão vai encontrar problemas em qualquer lugar, e que a adaptação depende muito mais da estrutura da própria pessoa. Por não ter mudado de província, mesmo mudando de emprego manteve o contato com as pessoas, e isso continua ainda hoje. De volta ao Brasil, fez uma graduação de curta duração e trabalha atualmente como taxista. Considera-se mais brasileiro, mas com “toques” de cultura japonesa.

IV.2. Instrumentos

Neste estudo, a coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-dirigidas. Duas modalidades foram utilizadas: a entrevista presencial, registrada por gravação de voz, e a entrevista por meio virtual, a fim de possibilitar a contribuição de pessoas de outras cidades e/ou com limitações de tempo. Nesta segunda modalidade deu-se preferência por entrevistas via comunicador de mensagens instantâneas (conhecido coloquialmente como MSN). Descartou-se o uso de e-mail para fazer as entrevistas pelo fato de que a forma escolhida propicia uma espontaneidade maior e possibilidade de esclarecimentos durante a conversa,

aproximando-se da entrevista presencial. Foram feitas algumas experiências de coleta de dados via e-mail, mas as informações apresentaram-se por demais resumidas, aproximando-se de um survey, sem o detalhamento e refinamento necessário para a presente pesquisa, e portanto foram descartadas.

O roteiro de perguntas da entrevista semi-dirigida seguiu o seguinte caminho: primeiramente, buscaram-se informações demográficas básicas e relativas às idas e vindas entre Brasil e Japão (número de viagens, períodos de estadia). Em seguida, perguntou-se quanto aos locais em que o entrevistado morou e trabalhou, assim como as condições de sua migração (quem indicou empresas, com quem morou). Aliado a este objetivo, investigou-se também os motivos para as movimentações (tanto entre os países quanto dentro do Japão), e que elementos o entrevistado considerava importantes para a tomada das decisões. Perguntou-se também dos laços mantidos pelo informante, tanto no Brasil quanto no Japão, e suas reações frente a cada mudança de endereço. Não se perguntou sistematicamente “diga o nome de seus 5 melhores amigos no Japão”, mas se deixou liberdade para o entrevistado citar nomes ou referir-se a grupos de amigos genericamente. Foram investigados temas como lazer e relacionamentos afetivo-amorosos, por se acreditar que poderiam fornecer informações relacionadas à qualidade dos vínculos, e sua importância nas tomadas de decisão. Caso não fosse citado, perguntar-se-ia a respeito de instituições e entidades com que pudesse ter tido contato ou recorrido. Por fim, foram feitas algumas perguntas com o intuito de verificar o tipo de valores do entrevistado relativamente à sua identidade cultural (a cultura com a qual se identifica mais), seus juízos quanto ao movimento de kassegui e ao futuro dele, e relativamente à expressão “brasileiro puxa tapete de brasileiro”.

Consta como apêndices deste trabalho o roteiro da entrevista semi-dirigida, assim como a transcrição de uma entrevista realizada via MSN, para ilustração deste processo.

A Metodologia de análise dos dados adotada foi a descrita a seguir.

IV.3. Teoria Fundamentada

A metodologia conhecida como Teoria Fundamentada (Grounded Theory) foi desenvolvida originalmente por Barney Glaser e Anselm Strauss, ambos sociólogos e de tradições filosóficas e de pesquisa diferentes (STRAUSS; CORBIN, 2008). Strauss formou-se na University of Chicago, com tradição em pesquisa qualitativa, fortemente influenciado

pelos interacionistas e pragmáticos. As contribuições de sua formação para o desenvolvimento dessa metodologia foram:

- a. A necessidade de sair a campo para descobrir o que está realmente acontecendo;
- b. A relevância da teoria, baseada em dados, para o desenvolvimento de uma disciplina e como base para ação social;
- c. A complexidade e a variabilidade dos fenômenos e das ações humanas;
- d. A crença de que as pessoas são atores que assumem um papel ativo para responder a situações problemáticas;
- e. A percepção de que as pessoas agem com base em significados;
- f. O entendimento de que o significado é definido e redefinido através da interação;
- g. Sensibilidade para a natureza evolutiva e reveladora dos fatos;
- h. Consciência das inter-relações entre condições (estrutura), ação (processo) e consequências;

Glaser formou-se na Columbia University, influenciado por Lazarsfeld, inovador da pesquisa quantitativa. Posteriormente, quando fazia análise qualitativa, viu especialmente a necessidade de fazer comparações entre dados para identificar, desenvolver e relacionar conceitos. A tradição da Columbia também enfatizou a pesquisa empírica em conjunto com o desenvolvimento da teoria.

O que Strauss e Corbin chamam de Teoria Fundamentada é a teoria que foi derivada de dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio de processo de pesquisa. Neste método, coleta de dados, análise e eventual teoria mantêm uma relação próxima entre si. O pesquisador começa com uma área de estudo e permite que a teoria surja a partir dos dados. Teorias fundamentadas, por serem baseadas em dados, tendem a oferecer mais discernimento, melhorar o entendimento e fornecer um guia importante para ação.

Segundo os autores, antes de começar o processo de desenvolvimento da teoria, um pesquisador deve entender um pouco o que constitui teoria. O primeiro passo é diferenciar entre descrição, ordenamento conceitual e teorização. Um segundo passo é perceber que essas formas de análise de dados de fato constroem uma outra, com a teoria incorporando os aspectos tanto da descrição quanto do ordenamento. Descrever é representar sem interpretar ou explicar; ordenamento conceitual é classificar fatos e objetos ao longo de várias dimensões explicitamente declaradas, sem necessidade de relacionar as classificações para formar um esquema explanatório global; já a teorização é o ato de construir, a partir dos dados, um

esquema explanatório que integre sistematicamente vários conceitos por meio de declarações de relações. Uma teoria permite aos usuários explicar e prever fatos, fornecendo, assim, diretrizes para a ação.

Uma das maiores dificuldades nesta metodologia é imergir nos dados e ainda manter um equilíbrio entre objetividade e sensibilidade. A objetividade é necessária para chegar a uma interpretação imparcial e acurada dos fatos. A sensibilidade é necessária para perceber as sutis nuances e os significados dos dados e para reconhecer as conexões entre conceitos. Tanto objetividade quanto sensibilidade são necessárias para fazer descobertas.

Strauss e Corbin propõem uma microanálise com o objetivo de gerar categorias iniciais e para sugerir relações entre essas categorias. Ela se desdobra em alguns processos, denominados Codificação Aberta, Codificação Axial e Codificação Seletiva. Esta microanálise (também chamada de “análise linha por linha”) não deve ser tomada como um processo estruturado, estático ou rígido; pelo contrário, é um processo de fluxo livre e criativo, no qual os analistas se movem rapidamente para frente e para trás entre tipos de codificação, usando técnicas e procedimentos analíticos livremente e em resposta à tarefa analítica que têm em mãos. Os autores enfatizam o fato de que técnicas e procedimentos são apenas ferramentas, auxiliares, e nunca devem conduzir a análise por si.

Denomina-se Codificação Aberta o processo analítico por meio do qual os conceitos são identificados e suas propriedades e dimensões são descobertas nos dados. Como Codificação Axial, consideramos o processo de relacionar categorias às suas subcategorias, e é chamado de axial porque ocorre em torno do eixo de uma categoria, associando categorias ao nível de propriedades e dimensões. Já a Codificação Seletiva é o processo de integrar e refinar a teoria.

Com base nesta metodologia, a seguir apresento os dados coletados organizados segundo as categorias emergentes identificadas, tecendo considerações sobre cada uma.

V - Discussão e Análise dos Dados

As transcrições das falas dos entrevistados presencialmente seguem o padrão utilizado comumente em pesquisas. Porém, as referências às entrevistas via MSN aparecem assim como ocorreram, com abreviações comumente utilizadas nesse meio e erros de grafia assim como cometidos pelos entrevistados, em prol de uma maior fidelidade às suas expressões. Entre parênteses, foram incluídas as perguntas feitas pelo entrevistador, ou elementos que completam a frase para que seja inteligível. Por se tratar de uma mídia de comunicação baseada em frases curtas, trechos mais longos das entrevistas via MSN contém barras, que indicam os limites de cada mensagem enviada.

V.1. Categorias Emergentes

Relações com japoneses: “chefes frios”

Em sua maioria, os sujeitos entrevistados relatavam ter contato com japoneses apenas na condição de chefes:

“Japonês não tivemos muita amizade, porque japonês normalmente era chefe, assim, e poucos, né?” (MAURO)

Os japoneses em geral foram descritos como pessoas distantes, reservados, às vezes maus quando entra em jogo a questão da hierarquia, ou vistos como dissimulados, pouco confiáveis; às vezes, descritos de forma neutra ou até positiva, mas eram no máximo “colegas de trabalho” ou conhecidos, sem intimidade e confiabilidade suficiente para serem considerados amigos pelos brasileiros:

“Sempre foi (maior dificuldade no Japão, o relacionamento com japoneses), acho que até hoje... e piorou quando fui trabalhar, né? O relacionamento entre operário e superior é uma coisa terrível, parece escravo, então... minha imagem com japonês é bem ruim.” (KEN)

“Já o japonês, não, você vê que é um povo mais fechado, ele não é... eles não se abrem muito.” (KATSUO)

“já os japoneses, eu acho eles falso, uma hora eles te agradavam outra hora nem olhavam pra sua cara fora que muitos tanto brasileiro como japones, gosta de puxar o tapete do outro, isso pq todo mundo era tudo igual.” (ELISA)

“Amizade com japonês é uma coisa complicada, né? Acho que não chega, não chamava de col... nem... ah, digamos ass... ah, superior. Não tinha aquel... sabe... Às vezes a gente saía, assim, né, pra conversar, ia no family restaurant¹⁵... mas é diferente.” (KEN)

“Convivência tranquila porém os chefes japoneses chamavam muito a nossa atenção..eles diziam q as brasileiras conversavam muito enquanto as outras trabalhavam em silêncio.” (EMILY)

Um dos motivos para que isso ocorra pode ser o fato dos migrantes ocuparem preferencialmente trabalhos desvalorizados e desprezados pelos nativos, o que torna o contato cotidiano entre brasileiros e japoneses mais limitado no ambiente fabril. Além disso, as relações do “dentro e fora” presentes na cultura japonesa (MAKINO, 1996), que coloca distinções claras sobre intimidade entre as pessoas e dita normas de comportamento (classe de termos a serem utilizados na fala, distância a ser mantida com o interlocutor, tipo de assuntos permitidos)¹⁶, levam a um comportamento mais reservado por parte dos nativos, o que pode ser visto pelos estrangeiros como “frieza”, “dissimulação”, ao menos até que se transponha a barreira cultural e se inicie o contato por iniciativa do dekassegui, como ilustrado pela entrevista de Renato:

(...) aí nisso que eu falo, se souber conversar, japonês entende a sua situação. Então no domingo eles abriram mão. E domingo era dia corrido. (...) Do baito¹⁷ foi situação engraçada, assim. No meio do ano eu procurando baito, e a filha do dono do restaurante trabalhava na mesma seção que eu. E aí conversando com ela, ela falou

¹⁵ Restaurantes de rede com preços mais populares, voltadas a atender toda a família.

¹⁶ Mais detalhes na seção V.2. Elementos Culturais Relevantes.

¹⁷ Corruptela de “arubaito”, apropriado do alemão “arbeit”; no Japão, refere-se ao “bico”, trabalho temporário.

‘ah, meu pai tem restaurante, se quiser eu vejo com ele’. Então, foi assim. E aí que eu comecei a fazer baito”.(RENATO)

Nenhum dos entrevistados tinha fluência no idioma japonês quando da primeira ida ao Japão. Todos relataram ter aprendido um pouco, mas só alguns conseguiram um bom nível de conversação através do contato do trabalho. Todos relataram que não dominar o idioma influencia, mas se não impede o contato com os japoneses, não permite tampouco o aprofundamento dos relacionamentos com os mesmos:

“A maior dificuldade é com a língua, né, você não se comunicar direito com eles, aí fica meio que assim, e japonês é um pouco um povo meio fechado, né, então é mais complicado.” (MAURO)

“com japoneses era mais difícil, pois da primeira vez, não dominava o idioma, colegas de trabalho so mesmo no alojamento.” (HEITOR)

“Japonês, no caso, lá a maioria era chefe, né? E eu, pra falar a verdade, eu não falo muito bem japonês. Brincava com um ou outro, assim, mas assim, tipo, aquela amizade mesmo, assim, com os japoneses mesmo ficou só no colega, né?” (KATSUO)

“(certo / você fala japonês?) Até me virava lá,...mas acho q esqueci muita coisa / aprendi lá...na marra / muita mímica tb viu / e muito mico....kkk

“acho q a pior parte no japão é isso...a comunicação. / sim....pq vc acaba ficando muito dependente de outras pessoas. em algumas situações vc se vira com mímicas, mas em outras não, vc precisa incomodar alguém pra te ajudar. E eu sempre fui muito independente, foi difícil pra mim” (EMILY)

Há, porém, relatos de maior contato com os japoneses. Em dois dos casos, a questão da iniciativa e interesse pessoal é posta como diferencial, tanto na tentativa de aprender o idioma do outro como de buscar ativamente a comunicação. A busca por compreender o outro leva a ver o povo japonês de uma forma diferente, não mais como o explorador, mas como o benfeitor:

“Cheguei no Japão sem saber falar nada em japonês, mas com muita vontade de aprender. Eu estudava nos intervalos do trabalho, e os japoneses gostavam de mim, e até me ajudavam nas lições.” (CLEBER)

“Porque a maioria que tem raiva de japonês é por causa disso. Pode até ter cara de japonês, mas não aprendeu japonês, não quis estudar... e aí chega, o pessoal, né, fica discriminando mesmo. Porque mesma coisa, se vem qualquer estrangeiro pra cá, não fala português, você não vai tratar do mesmo jeito que uma pessoa que tenta pelo menos falar. Então isso é o que eu acho que influencia muito essa parte de se dar bem com japonês ou não (...)Mas foi bom por esse sentido mesmo, você acaba pegando o costume deles, aí aprende a língua, também, e aí você não fica discriminando tanto... falar que é japonês que não sabe lidar com os outros, é a gente que não sabe lidar com eles. Então às vezes o japonês chegava assim, “não, mas você tá aqui no Japão!” Não tiro a razão, entendeu? Então, assim, nada, nada, você... eles estão te ajudando, de certa forma, então não tem um porque, né?” (RENATO)

“Mas foi bom por esse sentido mesmo, você acaba pegando o costume deles, aí aprende a língua, também, e aí você não fica discriminando tanto... falar que é japonês que não sabe lidar com os outros, é a gente que não sabe lidar com eles. Então às vezes o japonês chegava assim, ‘não, mas você tá aqui no Japão!’ Não tiro a razão, entendeu? Então, assim, nada, nada, você... eles estão te ajudando, de certa forma, então não tem um porque, né?” (RENATO)

Outra entrevistada que teve maior contato com os nativos relatou que os japoneses são mais afetuosos no interior, em contraste com metrópoles. Sua fala revela que há diferença de tratamento nestas duas regiões, decorrente de se ter ou não preconceitos:

“E teve um tempo que eu trabalhei, no começo, né, que foi o momento que eu consegui aprender um pouco de japonês, um pouco mais. Foi bem, logo depois que eu entrei, eles me transferiram para uma outra fábrica, da mesma empresa subsidiária da V..., que era mais pro interior, então a gente ia e voltava, a gente pegava a auto-estrada, tipo, ficava 1h viajando, ou mais, não lembro, e que era mais ‘inaka’¹⁸, né?

¹⁸ “Interior”, “zona rural”

Então as pessoas eram mais, mais... abertas, né, ao diferente, não tinham aqueles preconceitos de Q..., que é capital, né, que os japoneses têm um pouco mais de preconceito com os brasileiros, né? Então lá eles eram mais abertos, então teve uma... teve uns 3... meses, ou 6 meses, não lembro mais, de muita interação com os japoneses, de lá, né? E aí, essa emp... o cara que, não sei se era a empresa, se era o motorista com a empresa de transporte, que levava a gente, né, aí foi contratada uma empresa só pra isso, ele levou a gente pra viajar também, né? Tinha... japoneses também têm disso, né, acaba se afeiçoando, de alguma maneira acaba... é, convida pra jantar, né? Aí nesse caso o cara na empresa de transporte acabou levando a gente pra viajar, né? Tinha lá o micro-ônibus, então... foi outro motivo que eu viajei bem, também. (o contatos com os japoneses foi mais nessa época?) É. Aí quando fui pra L..., zero! Só tinha UMA que era uma japonesa que era mais doidinha que ficava com os brasileiros, só andava com brasileiros. O resto... era só o chefe e olha lá. Na L... foi... em F..., né, acho que é mais metrópole, foi zero. Mas nessa cidadezinha, não lembro mais o nome, foi muito legal. Foi um momento muito bom. Eles têm mania de adotar, né, não sei se você conhece esta parte? Na linha de montagem, as chefes eram, no primeiro lugar que eu trabalhei, as chefes eram japonesas, e elas sempre adotavam, acabavam adotando algumas meninas, né, pra... ah, sei lá, dar balinha, sabe, chama pra comer, pra jantar em casa, essas coisas... e aí nesse interior era mais, né? Não eram tantos brasileiros como na matriz, né, mas é... era mais balanceado, né, o trabalho... número de japoneses e brasileiros, então era... era mais humana a relação, mais normal, não sei.” (SUZANA).

Suzana relata ainda que a chefe a acompanhou e deu toda a assistência para ir ao dentista.

Há que se pesar os aspectos individuais e os fatores contextuais, históricos e culturais ao se tratar a questão do contato entre culturas. Posturas preconceituosas são nocivas se a tentativa é de criar laços; porém, esta existe porque não há compreensão da cultura do outro. O tratamento recebido por parte dos japoneses inicialmente é de reserva e distanciamento, o que é compreensível devido à situação de primeiro encontro. Porém, o tempo considerado necessário entre esse primeiro encontro e uma maior intimidade na relação é diferente para culturas diversas, como no caso da brasileira e da japonesa¹⁹. Uma forma de se aproximar

¹⁹ Mais detalhes sobre tempo e intimidade na seção V.2. Elementos Culturais Relevantes

esses tempos foi o que aconteceu com Renato e Suzana, ao se buscar ativamente o contato com o diferente.

Mas o diferente não significa exclusivamente o de outra cultura: mesmo entre pessoas de mesma nacionalidade, que é o caso dos brasileiros, e mesma origem étnica, por serem nikkeis, os conflitos podem surgir, como se pode ver nos trechos analisados a seguir.

Relações com brasileiros: relacionamentos intensos, para o bem ou para o mal

Os relatos mostram que os laços entre brasileiros no Japão são bastante intensos. Os relacionamentos de amizade são descritos pelos entrevistados como laços semelhantes às relações de família. Há uma ligação forte entre pessoas, em que um pode depender do outro, contar com apoio, conforme descreve Sluzki (1997), ao se referir às Redes Sociais dentro das migrações: a tendência é que as Redes sejam de tamanho menor, com menor densidade, menos multidimensional, dentre outras características, sendo uma rede insuficiente, e por isso tendendo à sobrecarga (mais expectativas depositadas em menos relações) e à descompensação (crises interpessoais e individuais).

A empatia por estarem todos vivendo uma situação semelhante é apontada como motivo mais relevante para tal força agregadora entre os dekassegus:

“Mais com brasileiros. Aí a amizade continua. Tem uns que... tem até aqui no Brasil, né? Que voltaram e tão por aí. (você ainda tem contato?) Tenho, tenho.” (MAURO)

“Lá, o... tipo, assim, você não tem a sua família lá, mas a... realmente lá você consegue amizades. Porque lá é assim, era uma... tem muito brasileiro lá, tipo, todo mundo depende de todo mundo lá. Você começa a conviver com pessoas de cidades diferentes, costumes diferentes, assim...” (KATSUO)

“(fez amizade com as pessoas com quem morou?) sim fiz amizade com todas, tanto é que uma delas a última com que eu morei, nos consederamos com irmãs até hoje.” (ELISA)

“No começo você sente muito, porque você não conhece ninguém, costume diferente, você vai sentir meio sozinho, você vai morar... tipo, eu cheguei lá, você peg... lá eles pegam um apartamento e dividem em 2, né, então você começa a morar com pessoas

que você nunca viu... e, mais... bola pra frente, né? Aí, tipo, você vai conhecendo as pessoas, e aí as pessoas vão te incentivando, aí sua vida começa a melhorar, né?”
(KATSUO)

“(o que você acha que mais te ajudou?) A amizade. Tipo, meu, lá eu não falava direito japonês, não tinha carta de motorista, tipo... você tendo amizade, assim, tipo, eu precisava ir num médico, ir no supermercado, tudo eram os amigos. Você pegava, ligava pros seus amigos, eles estavam sempre ali. Eles precisavam de você, você está ali, você precisa deles, eles estão ali, então amizade é o que mais ajuda lá.”
(KATSUO)

“Porque, tudo que você passou, todo mundo já passou por aquilo ali, entendeu? Até no serviço, tipo, não ficava um querendo montar em cima do outro, porque eles... todo mundo ali já sabia que aquilo ali é uma coisa temporária, é isso que todo mundo pensa, “isso aqui é uma coisa temporária”. Tipo, terminava um dia, como se fala, era mais um dia conquistado. Então, era... por isso que era, assim, muito bom ter amizade” (KATSUO)

“(recebeu ou procurou ajuda de instituições?) Não, nunca precisei. Nunca precisei, porque, assim, ajuda mesmo só dos meus amigos. É assim, pra ir num supermercado, tipo, só pra fazer companhia, assim, que você vai almoçar, né, aí você chama os amigos, aí a gente saía, mas, assim, ajuda voluntária, assim, de nenhuma comunidade, lá...” (KATSUO)

“No alojamento a convivência com os demais era ótima. Pois todos nos tínhamos o mesmo objetivo de estar naquele país, e por não ter família lá, nós nos considerávamos uma família.” (CLEBER)

“Certo! Conheci pessoas muito boas, cada um com sua história, e que naquele momento tínhamos a mesma história!” (CLEBER)

“Mas foi muito difícil dizer “eu estou indo embora”./pra o Brasil.... (Porquê?) Pois eu trabalhei duro para conseguir o meu objetivo, e consegui. Mas mais do que isso, consegui um bom lugar no meu emprego, meus chefes japoneses não queriam deixar

eu sair, queriam até me pagar mais. Esse reconhecimento não tem preço. Meus amigos eram minha família lá.../Ou seja, eu tinha tudo lá, carro, emprego, amigos, e voltaria para o Brasil sem saber se iria conseguir tudo isso.” (CLEBER)

“fiz muitas até pq trabalhei em 3 fábricas. (...) Então acabei fazendo amizade com todos os tipos de pessoas..e foi bem legal, até hoje mantenho contato com alguns” (EMILY)

“vc faz tantas amizades q fica em dúvida se quer voltar ou não...” (EMILY)

“Então, nisso, na primeira semana fiz amizade com um pessoal com quem tenho amizade até hoje, né?” (RENATO)

SUZANA relatou com menos intensidade essa sensação de “amigos-família”, e diz não ter sentido emoções tão fortes de separação quando veio de volta ao Brasil, e uma das explicações que encontrou para isso foi:

“Talvez o vínculo que eu tenha criado era muito mais de uma amizade mais superficial, também, não sei, que não gera grandes dramas... gera mais um drama com uma ou outra pessoa, que talvez você tenha criado o vínculo por mais tempo, né?” (SUZANA)

Como toda regra tem sua exceção, nem sempre as relações são tão amigáveis. Nestes casos, foi relatado que “ao se conhecer melhor as pessoas”, algumas são excluídas dos círculos de amigos:

“(e as amizades no Japão?) Amizades foram várias, amigos poucos. (Como assim?) Acredito que amigos de verdade são aqueles que querem te ver crescendo e atingindo objetivos, Esses eu tenho contato até hoje./ Mas amizades, são aqueles que querem obter algo de você, ou seja, no que futuramente você poderá ser útil./Algo assim.....” (CLEBER)

“(fez amizade com as pessoas com quem trabalhou?) sim, fiz bastante amizade. tbm deixei de ter muitas depois, qdo vamos conhecendo melhor a pessoa.” (ELISA)

“Sempre tem os bons e os ruins, né? (Como assim, o bom e o ruim?) É assim, que uns querem ajudar, outros não, né? Eu separo o bom e o ruim desse jeito, né? De querer ajudar e tem uns que não tão nem aí, e você tá lá... pra quem vai a primeira vez que é ruim, né? Então quem vai a primeira vez, se não tem alguém lá com boa vontade, tipo, pra te ajudar a começar a se adaptar lá, não dá, você não consegue. (...) Aí, pessoal ruim é aquele que você chega e aí você vai perguntar, você fala assim ‘então como é que eu faço pra perguntar tal coisa?’ ‘Ah, fala que nihongô wakaranai’²⁰ e alguém chega e ajuda’, aí eu acho já sacanagem, que não... não vai por aí, né? Porque ainda mais que eu tava pensando ficar 5 anos, eu vou ficar lá 5 anos falando que eu não sei falar japonês? Não dá, né? Então aí nisso já você começa meio que a excluir assim, né, excluir não, você tem a amizade mas não... é colega de trabalho, só, não é amizade não. (aí separa bem quem é o que...) é, quem você pode contar, quem não pode... e assim vai sobrevivendo.” (RENATO)

O que se percebe nas falas acima é que, independente da questão nacionalidade ou choque cultural, sempre há diferenças pessoais a se levar em conta nos relacionamentos, que transparecem nos relacionamentos entre pessoas de mesma origem étnica, e que podem chegar a níveis em que um relacionamento torna-se insustentável, e quanto mais contato se tem com os outros, tanto mais intenso se apresenta o sentimento de aproximação ou afastamento.

Apesar dos avanços tecnológicos permitirem um contato cada vez mais rápido e direto entre as pessoas ao redor do mundo (começando pela correspondência escrita, passando pelos e-mails e telefones celulares, e chegando nas conversas com vídeo online), a mobilidade dos dekassegus decorrente da mudança freqüente de endereço e trabalho aumenta a distância física e afetiva entre os brasileiros, causando a perda de contatos sociais:

“(mantém contato com pessoas do Japão?) Não, não... aos poucos fui perdendo. É que já faz muitos anos, né? Até os primeiros anos eu mantinha contato, mas aí eu fui perdendo. A únic... as... as com quem eu mantenho contato ainda hoje era com quem eu já conhecia antes, aqui do Brasil. Então lá no Japão eu encontrava com elas, eram minhas amigas aqui, continuaram minhas amigas lá e voltando pra cá a gente mantém

²⁰ “Não entendo o idioma japonês”

contato. Mas de lá mesmo, acabei perdendo assim, bastante. Aí quando eu fui na... eu voltei na segunda vez, pra trabalhar na estação de esqui, aí visitei eles, né, mas também não dei contin... não deu continuidade, não sei por quê. Normal, né, eu acho.” (SUZANA)

Os relacionamentos entre as pessoas mudam com o passar do tempo porque os envolvidos também passam por mudanças nesse processo. Porém, no fenômeno migratório, tem-se a ilusão de que o tempo para e as condições ficam congeladas, como se, ao voltar, tudo estivesse como fora dantes (GRINBERG; GRINBERG, 1984). Alguns dos entrevistados perceberam essa ilusão e puderam ver a realidade como é, no caso de SUZANA esse insight só foi alcançado depois de certo tempo de retornada ao Brasil:

“(Como foi a reação na volta?) De novo, pra família, tranquilo. Aí, assim, quando eu saí, esses meus amigos que eu tinha, a gente tinha um vínculo muito forte, a gente viajava. Eu fiquei um ano com eles viajando, todo feriado eu viajava com eles. Então... foi o período que eu mais viajei pelo Brasil inteiro. Conheci a Chapada dos Guimarães, conheci Angra, fui várias vezes pra Angra com eles, Ilha Grande, né? E Parque (...) mas programas, turismo ecológico, né? Isso antes, isso era em noventa e... te falei, noventa e pouco, né, eu fazia isso, isso é um pouco mais recente, né, que virou moda. Então eu tinha esse vínculo muito forte com eles. A gente trocava carta enquanto eu tava lá, tal, né, mas na hora que eu voltei, dois anos depois, ta tudo muito diferente, as pessoas mudam, né? A si... as situações mudam, né. Eu sei que eu tentei voltar a me encontrar com eles, a voltar a viajar, tal, mas eu não consegui manter o mesmo vínculo, tanto que eu quase não os vejo mais. Viajei assim, umas primeiras vezes com eles, depois não rolou. Não sei, at... aí, depois que eu entrei ali pra fazer faculdade, você acaba criando outras amizades, tal... você acaba criando outros círculos de vínculo, né? Então com eles eu perdi, eu não encontro. Se eu encontro é assim, encontrei no metrô, encontro na rua... (...) Eu disse isso porque fô... pra mim foi uma certa decepção, porque quando você volta, você ta meio sozinho, né? Talvez eu fiquei com essa ânsia de querer voltar pro mesmo nível de interação que... talvez tenha acontecido alguma coisa nesses dois anos entre eles, que eu não fiquei sabendo, né, que talvez tenha enfraquecido. Mas, aí, quando eu voltei eu tentei encontrar o mesmo clima e não rolou. Então eu me senti um pouco desamparada, nesse sentido. É a única coisa que eu lembro.” (SUZANA)

“Acho que dois anos passam rápido. Se fosse mais do que isso acho que eu teria algumas dificuldades quanto a pensamentos e relacionamentos. Pois as pessoas mudam com o tempo, e aquela pessoa que existia a anos atrás fica diferente.”
(CLEBER)

Apesar dos relatos de “amigos-família” serem freqüentes, o contato com alguns brasileiros foi relatado por boa parte dos entrevistados como sendo uma experiência muito negativa em algum momento da vida no Japão, em especial no período perto da volta ao Brasil: devido à competitividade crescente, era difícil manter amizades, e estava sempre presente o risco de se perder o emprego por causa do atrito entre os trabalhadores.

“A convivência com as pessoas foi quase sempre boa. (Quase sempre?) Sim, com o passar do tempo fui ganhando confiança dos meus superiores que eram japoneses, e fui direcionado a ser líder do meu setor. Algumas pessoas me parabenizaram, outras não./Tinham vários brasileiros que trabalhavam anos lá na empresa e não tiveram esta oportunidade. Esses não gostaram, mas aos poucos toleraram.” (CLEBER)

“(por que se diz tanto que brasileiro puxa tapete no Japão, por que isso acontece?) Ambição. Sempre um quer ganhar mais do que o outro através das horas extras./Ai quer fazer mais e em menos tempo que o outro, mostrando assim que é melhor e fazendo mais horas” (CLEBER)

“(Por que acontece de brasileiro puxar tapete?) Algumas vezes é por medo da pessoa tomar o lugar. Mais agora pro final, porque no começo ainda tinha bastante trabalho, né? Então, um pouco tem isso, mas assim, em porcentagem, é uns 10% que faz isso. Que FAZ isso. Que é os brasileiros filho da puta mesmo, sabe, que vai pra fuder. Trabalhando aqui, trabalhando em qualquer lugar, ele vai sempre puxar tapete dos outros. Mas, um pouco era isso também, sabe. Inveja... Porque... por isso que eu falo, tem muitas situações, então, se você já fala, já consegue se comunicar com japonês, a pessoa tá lá, tá vendo que você até deixa um pouco de trabalhar pra ficar conversando com o chefe, e você vê que não é negócio de serviço, você fala “pô”, né? Ó, dor de cotovelo... e aí vai tentar te derrubar. Então assim, acontece, acontece,

mas não é que é todos. Tanto é que eu to te falando, é uns 10% que faz isso, ou menos. Mas é aqueles lá que é os tranqueiras já”. (RENATO)

Os próprios entrevistados têm suas teorias a respeito das motivações para esse comportamento negativo entre brasileiros, além da inveja e competitividade. Uma das explicações mais frequentes é relativa ao tempo de vivência no Japão, que conferiria aos veteranos um status diferenciado e, devido a isso, atritos devidos ao jogo de poder, a que Portes e Rumbaut (1990) já se referiram em outros estudos:

“chega uma hora lá que o tanto de tempo que a pessoa estrangeira está no país que já acha que já sabe de tudo, é melhor que todos tanto fora como na fabrica, fora que só é esse tipo de assunto em festas, churrasco, aniversários, só de serviço parecia que não existia mais vida fora da fabrica.” (ELISA)

Um dos entrevistados comentou que a escolaridade baixa de alguns trabalhadores propiciaria um pensamento mais materialista, em que possuir dinheiro elevaria seu status, e isso faria com que alguns brasileiros se tornassem invejosos e inescrupulosos:

“ja com os brasileiros era mais complicado, pois a maioria dos brasileiros que tem no japão sao meio ‘caipiras’ (...) a velha maxima.. valida para todos os brasileiros sem cultura e sem educação que vão para o exterior. acham que tem um punhado de dolares no bolso e é alguém importante na vida, e para chegar lá pisa na cabeça de qq um que apareça (...) para chegar onde querem, não medem esforços” (HEITOR).

Houve um caso de comparação dos brasileiros com outro grupo de estrangeiros, que reforça a idéia de pouca união entre os dekassegus originários do Brasil:

“bom, acho que o que eu vi lá é muita panela de brasileiros, tanto é que eu falava e continuo achando até hoje que os peruanos eram mais unidos do que os brasileiros.” (ELISA)

Nos dois casos em que brasileiros não foram vistos desta forma negativa (MAURO, KATSUO) foi com pessoas que não mudaram de emprego no Japão, e não mudaram de vizinhança (MAURO mudou-se de endereço, mas junto com seus vizinhos brasileiros, e para

um prédio exclusivo para trabalhadores estrangeiros). Parece significativo o fato dos casos de maior estabilidade de moradia e trabalho serem também os que mostraram brasileiros mais solidários:

“O povo brasileiro ele é muito... muito unido, é amizade... pensa muito no sentimento das pessoas, né?” (KATSUO)

A fixação dos brasileiros nas regiões de grande concentração de conterrâneos é facilitada por haver maior probabilidade de existir uma rede social de apoio com a qual contar:

“(o que mais ajudou a se manter lá?) O fato de trabalhar com muitos brasileiros, né? Aí me sentia muito em casa, assim. Tipo, porque o local de trabalho é praticamente só com brasileiros, que eu convivi, só com os dekassegus, né? É só os chefes que eram japoneses, então facilitava bastante. E o fato de ter muito brasileiro na cidade, tinha muita facilidade das coisas. Até a prefeitura fornecia tradutor de português, assim, eu acabei tirando carta no Japão, e a... o departamento de trânsito lá tem uma área voltada pros estrangeiros que facilita bastante a você tirar carta, fazer muitas coisas. Acabei tirando carta de empilhadeira, que eu trabalhava com empilhadeira, também, e o curso era oferecido pra estrangeiros, também, então facilitava bastante a vida da gente. Na cidade vizinha onde eu trabalhava, tinha uma rua que era praticamente, uma avenida, assim, que era praticamente a Liberdade dos brasileiros no Japão, a gente entrava lá e só via brasileiro, de tanto brasileiro que tinha. Loja de... de produtos brasileiros, de... venda, aluguel de carros de brasileiros, escrito tudo em português, assim, parecia assim que você tava no Brasil, assim, mesmo, pastelaria, churrascaria, tinha tudo assim de brasileiro. Então, aí acabava tendo festas lá, nesse lugar, assim, era só brasileiros, mesmo. Carnaval, Festa Junina, então o pessoal comemorava normal, lá.” (MAURO)

Baseado nos dados coletados nesta pesquisa, é inconclusivo pensar o porquê de relacionamentos afetivo-amorosos não terem sido citados nas primeiras entrevistas realizadas. Mas, fazendo parte do rol de relacionamentos sociais possíveis, posteriormente foi incluída uma pergunta específica sobre o tema e feita uma análise das informações obtidas, como descrito na seção seguinte.

Relações Amorosas: solidão e carência

Relações amorosas não foram citadas espontaneamente nas primeiras entrevistas realizadas, exceto num caso em que a entrevistada tem pendências financeiras com o ex-namorado (e no caso de entrevistas não analisadas, em que o resultado foi o casamento). Este tipo de envolvimento mostrou ter peso no processo migratório de alguns entrevistados, sendo decisivo em alguns momentos, como declaram Elisa e Cleber em suas entrevistas:

“voltei (a primeira vez para o Brasil) mais pq queria realmente fik no Brasil de vez. mas como na época que eu vim com meu ex-namorado juntavamos dinheiro juntos, ele tanto que quis e comprou uma casa. então o dinheiro que eu tinha da facul. tinha ido pra casa, fizemos isso então tive que voltar dnovo / (...) a casa é toda dele, ta no nome dele e tudo, só que tem a minha parte nele / (...) voltamos para a mesma fabrik, eu fiquei trabalhando nessa fabrik quase 1 ano, o ex ja saiu antes pq ele não aguentava mais fik trabalhando de dia e de noite, então ele saiu 3 meses antes de mim, depois tive que pedir as contas por causa dele, então fomos morar em T..., que ele queria mudar de cidade, não ficamos em T... nem 3 mese, tivemos que voltar pra cidade que estavamos pq o pai dele / se ascidentou no serviço, ficou quase 1 ano sem trabalhar e nós o ajudando, até que com muito insistencia e custo conseguimos logo qdo voltamos pra cidade que já estavamos um serviço já bem mais ligh e que pagava um pouco mais, fiquei nesse serviço 10 meses e vim embora / (e por que decidi voltar pro brasil, dessa vez?) / na verdade é mais pq eu não aguentava fik mais lá com eles e vendo minha vida passar sem eu ter feito nda por mim nem pela minha familia, só estava fazendo por eles, estava vendo a hora que eu ia explodir de um jeito que iria fik ruim pra todo mundo lá, então prefiri vim embora” (ELISA)

“Mas o que mais pesou para eu voltar foi a minha namorada..../Lembra no começo aquela história de "pensando em casar, liberdade finaceira"?/Então foi isso que eu coloquei na balança e decidi voltar” (CLEBER)

Nos casos em que se perguntou especificamente dos relacionamentos amorosos, os termos carência e solidão foram freqüentes. Os próprios entrevistados dão suas explicações a respeito:

“Uma única palavra define os relacionamentos lá.....solidão./Solidão é que faz as pessoas procurarem alguém” (CLEBER)

“(um assunto que você tocou antes: e a questão dos relacionamentos afetivo-amorosos no Japão? você falou que começou a namorar 3 meses antes de viajar) Sim...aconteceu depois da decisão de ir para o Japão...a princípio a idéia era ficar 6 meses apenas, tanto q não abalou tanto...mas não deu certo, 2 meses depois da minha viagem eu decidi terminar pq vi q não ia dar p/ ir embora em 6 meses e ele tava ficando muito estressado, com ciúmes..aí não deu. Mas depois q voltei retomamos o namoro.

(e no Japão, ficou solteira?) não...rs / não da pra ficar solteira lá....bate um carência fora do normal

(ao que você atribui essa carência? parece que é muito comum sentir isso no Japão) Não sei te dizer....tem pessoas q entram em depressão / essas pessoas geralmente vão sozinhas, sem família / no meu caso não sei te dizer....bateu carência” (EMILY)

“(Como é a questão afetiva no Japão?) Você acaba ficando com o pessoal lá por carência. Aí às vezes dá certo, você encontra a pessoa certa. E aí, né, o que acontece muito no Japão é isso, começa a morar junto. Aí se dá certo, volta pra cá, casa, ou lá mesmo tem filho e aí vai. Mesmo porque solteiro você acaba namorando, tal, mas por conta disso. Porque você não tá com a família, tá fora do país, aí você fica carente, né? Então, acaba namorando uma aqui, uma lá, e acaba sempre saindo com brasileiro, né?” (RENATO)

“Aí depende também, né? Porque tem gente que mesmo lá não namorou ninguém, porque amizade supria essa parte afetiva. Aí, tem gente que já não se dava muito bem com os outros, aí encontra uma pessoa que se dá bem e começa a namorar. Aí supre, e aí também você não precisa fazer muita amizade. Mas é mais isso mesmo, carência. Tanto é que a parte de casado, também, que ou deixou a mulher aqui, ou a mulher vai e o marido fica aqui, acaba. Por quê? Carência. Aí leva à traição.” (RENATO)

Apesar da vida atarefada dos dekasseguis, pode-se ver então que a afetividade encontra formas de se manifestar no cotidiano dos trabalhadores. Mas as informações coletadas indicam que pode haver manifestações não saudáveis (como a relação de

dependência e exploração de Elisa²¹), decorrentes do processo ou talvez tornadas visíveis por ele, que podem ser analisadas com profundidade em outras pesquisas.

Outro setor da vida que não é eliminado do cotidiano apenas porque o trabalho toma boa parte do dia é o lazer, como podemos ver em seguida.

Lazer: melhor se acompanhado

Todos os entrevistados relataram preferência por ter atividades coletivas nas horas de lazer, o que não quer dizer que não existam atividades solitárias vez por outra. Também há a preferência por programas de baixo custo, o que não impede alguns de viajar:

“(o que você fazia nas horas de lazer?) karaoke, boliche, sair a toa” (HEITOR)

“(Você costumava sair bastante lá?) Não, porque não tinha muito tempo, eu acabei trabalhando bastante por lá, mesmo porque a gente ganhava mais nas horas-extra, né? (...) Então, acabava trabalhando de segunda a sábado, dificultava... a... a sair, assim, passear, muito. Quando tinha feriados eu acabava indo passear, ia pra casa de minha mãe, em K..., que fica do lado de S..., pra J..., na casa do meu irmão, acabei saindo, dando umas passeadas. (...) Ou senão, quando chegava no inverno, a gente ia pra fazer snowboard, nas montanhas, mas era diversão que a gente tinha.” (MAURO)

“O único dia de folga que a gente tinha lá era domingo, né? Aí, domingo, meu, ficar em casa não... não dá certo, a gente saía mesmo. Ia bagunçar um pouco pra se distrair, pra tirar o estresse, né? (...) Ia no restaurante, ia numa balada, ia pra um barzinho tomar.” (KATSUO)

“mas assim, nossa, era todo dia era diversão. Pra eliminar o estresse, né? Então todo final de semana você ia almoçar, jantar, sempre com essas pessoas. Então você acaba acostumando com isso.” (KATSUO)

“Você ia num karaokê, jogar boliche, tipo... sair pra passear, né? Eu não sou consumista, né, comprar aparelho de som, essas coisas... Não ligo a mínima. Então...

²¹ Para outros tipos de manifestações patológicas, ver CARIGNATO, 2004

e essas coisas são caras, faz você gastar. Então, pra mim era, eu não deixava de me divertir e ao mesmo tempo... eu não tinha... eu nunca fui de gastar muito, né? Então foi karaokê e boliche, essas coisas não é tão caras, e são coisas coletivas, né? Você vai com os amigos... pra mim, isso já estava de bom tamanho. E viajar, né? Eu viajava bastante lá no Nihon²².” (SUZANA)

“Também não sei se depende da turma, mas as pessoas com quem eu fiquei sempre viajavam, não sei se isso é variável entre os dekassegus. Então sempre acabava podendo viajar. E nessa empresa da V..., eles tinham uma política de ensinar uma das pessoas a dirigir, pra ela mesma fazer o transporte de trabalhadores, então... e ao mesmo tempo tinha aquela perua só pra gente. Então, quando precisava viajar, a gente usava ela, né? A empresa deixava. Então, também, acho que isso foi um facilitador.” (SUZANA)

“(conte-me um pouco como era o lazer no Japão, o que você fazia, etc.) Nos finais de semana eu tirava para descansar mentalmente e fisicamente. Dormia tempo suficiente para descarnçar, não mais que isso, pois queria aproveitar para ir em lojas de eletrônicos, fazer compras de supermercado, pescar, correr,...../Mas sempre procurava fazer coisas que não gastasse muito dinheiro, pois não queria fugir do meu objetivo. (E você fazia tudo isso sozinho, ou procurava companhia?) Sozinho era só a pescaria, pois só eu gostava disso. As demais atividades sempre eram em conjunto com meus amigos do setor e que moravam junto .” (CLEBER)

*“(como eram as amizades no Japão?) pior que cidadezinha do interior...rs. Todo mundo se conhece / o pessoal se reúne bastante no final de semana (e fazem (faziam) o quê?) churrasco embaixo das pontes, boliche, almoços nos aptos, muitas viagens (Osaka, Nagoya, Nagano, Tokio...etc) / passeios no Centro de Hamamatsu...restaurantes tanto brasileiros quanto japoneses / Em agosto todo mundo quer escalar o Monte Fuji
Eu só saía com brasileiros, amigos e parentes” (EMILY)*

²² “Japão”

“(Nas horas de lazer, o que você costumava fazer?) No começo não tinha hora de lazer, só dava pra ir fazer compra... é, fazia compras e comprava assim, esses eletrônicos, então, às vezes final de semana ia pra Akihabara, assim, mas não dá pra ir todo final de semana, você não vai ficar comprando toda hora... mas assim, às vezes saía pra algum lugar, e naquela época quase ninguém tinha carro, brasileiros assim, então dependia muito de ônibus, trem, né? Então no começo foi assim. Aí já mais pro final, aí já tem carro, aí você já começa a conseguir se comunicar, então tinha... às vezes ia em boliche, parque, ia viajar... Então assim, depois de um tempo que você já tem estrutura de lá, você consegue fazer outras coisas. Mas no começo... aí também depende do tempo de trabalho, dependia do trampo... se você tinha muito tempo pra passear até ia, mas... Igual a minha irmã, ela tem tempo, agora, mas não dá pra sair. Porque é caro. (...) Lá qualquer saidinha vai o salário, quase do mês... (...)”
(RENATO)

“(Quando vc saía, era mais o quê, sozinho...?) Não, aí saía com o pessoal brasileiro, mesmo. Aí então, às vezes ia num parque, que é aquele beira de rio, aí ia fazer churrasco, né, juntar um pessoal, assim... sozinho não dá pra fazer quase nada, não. A não ser que você assim, não é sociável. Aí, você pega a bicicleta e vai! E tinha gente que fazia isso. Mas, maioria... Aí fica aquele... brasileiro é foda, né? Porque aí, chega o aniversário de alguém, “ah, vamos juntar”, aí compra um monte de carne, faz um bolo, vai lá pro parque e comemora o aniversário. E é o que o pessoal faz aqui, né, só que aqui faz em casa.” (RENATO)

O tempo dedicado ao trabalho diminui muito as possibilidades de lazer, mas ao invés de eliminá-lo, o dekassegui dá mais valor ao pouco a que tem acesso. E o fato de preferir gozar desse tempo junto com outras pessoas, sendo-lhe este tão valioso, é relevante. Na maioria das vezes o lazer é relacionado com “o momento de se livrar do estresse”, “a hora de se soltar, de se divertir”, e contar com pessoas nesse momento indica que elas contribuem em algum nível para se alcançar esse objetivo.

Nas entrevistas há elementos não diretamente ligados à questão dos relacionamentos sociais, mas que de alguma forma dão indícios da personalidade e dos valores dos entrevistados, que podem influenciar na decisão entre ficar e partir, que são analisados na seqüência.

Experiência de vida e metas: valeu a experiência, mas é preciso objetivos pra progredir

Todos os entrevistados avaliam que a experiência de trabalhar no Japão foi muito enriquecedora, propiciando uma maturidade que não se tinha antes da viagem. Para a maioria, a ida ao Japão coincidiu com a saída da casa dos pais (exceto Ken, que teve esta experiência no retorno ao Brasil), na faixa dos 19-26 anos.

“Eu cresci bastante. Aqui eu sempre convivi com meus pais, sempre tive apoio da família, tudo, e lá eu vivi sozinho, praticamente. Então, eu aprendi bastante coisas, experiência de vida, a se virar sozinho, sabe? Saber que não tem ninguém que vá te segurar nessa fase, você vai ter que se virar sozinho. Acabei aprendendo muito com isso. (E antes disso você nunca morou longe da família?) Não, não, sempre morei com meus pais.” (MAURO)

“me ajudou bastante nas minhas responsabilidades e me ajudou a ser mais independente, dar mais valor a família, emprego, estudo amigos e etc.” (ELISA)

Todos foram ao país também sem dominar o idioma, e aprenderam um pouco no país²³.

“Cheguei no Japão sem saber falar nada em japoneses, mas com muita vontade de aprender. Eu estudava nos intervalos do trabalho, e os japoneses gostavam de mim, e até me ajudavam nas lições.” (CLEBER)

Por outro lado, muitos relatam que a experiência foi válida, mas não gostariam de repeti-la no futuro. Alguns mantêm aberta a possibilidade para tal, mas a escolha é por ficar no Brasil.

“Não pretendo voltar pra lá. Foi como uma experiência, ótima, mas assim, eu acho que vale a pena lutar aqui no Brasil, ficar por aqui. (Entre lá e aqui você prefere o Brasil?) Prefiro o Brasil. Foi uma experiência assim, que assim, passou e não pretendo de novo, né, fazer.” (MAURO)

²³ Rever relatos de Suzana e Mauro na parte do relacionamento com japoneses.

“Fora esse (irmão) mais novo que foi depois que eu fui, tinha um que já tava há 10 anos já, aí ele voltou pra cá, também, tá tentando se estabilizar aqui, e... ele não pensa em voltar. Voltar pro Japão, é como a gente fala, é terceira opção. É... último caso. Só com muita urgência..” (KATSUO)

“Tipo, eu fui uma vez, só pra alcançar o meu objetivo, o meu objetivo lá acho que eu alcancei, e não pretendo voltar.” (KATSUO)

“(hj vc não pretende mais ir trabalhar no Japão, certo?) não (pq essa decisão?) qualificação que tenho, trabalho que tenho, formação que tenho, consigo coisa melhor por aqui para mim / se vc for comparar muitos trabalhadores dekassegui ja não conseguem juntar hoje 2.000 u\$ por mês / 2000.00 u\$ por mes, trabalhando 26 dias por mes, durante 9, 10 horas por dia, não parece ser razoável” (HEITOR)

“(E como dekassegui não tem mais planos de voltar ao Japão?) Ah, não... por mais que tivesse que ir, eu já... eu já criei um outro mundo, né? Criei outra coisa... Dekassegui é por que situação de dinheiro, né? A não ser que aconteça uma crise gigante, que daí tenha que falar... não, nada provável, nada no horizonte nem distante,nem... completamente fora de contexto.” (SUZANA)

“Essa minha vontade de criar coisas novas também é mais um dos motivos que eu não queria mais ficar no Japão. Uma coisa que me incomoda... já não tinha mais graça você trabalhar e ganhar dinheiro e comprar o que você queria, sabe? Ah, tava faltando alguma coisa. Não sei se é amizade, assim... não sei o que é, mas realmente eu vi que tava faltando alguma coisa. Não bastava só você ganhar dinheiro e comprar o que queria, se divertir... Se divertir, mas, não sei, ainda assim não me satisfazia. E agora, eu não tenho a vida que eu tinha no Japão, mas eu to muito melhor aqui do que lá, com certeza. Tipo, apesar de eu não ter carro, né, essas coisas, acho que faz bastante diferença principalmente na minha idade, pro pessoal assim da minha idade, eu tenho bastante vontade de ter carro, mas não seria um motivo assim pra eu retornar pro Japão, sabe. Acho que não tem nada, apesar... só a minha família, mas assim, algum motivo grande que faça com que eu sinta saudade e a ponto de querer voltar, e desistir de tudo por aqui e ir pra lá, não existe. Desde que eu voltei pro

Brasil, assim, eu comecei a ver muito, assim, a... muito conhecimento. Eu gosto muito de conhecimento.” (KEN)

“Então, terminei o curso, aí eu tava pensando ir pro Japão, janeiro do ano passado. Aí que meu pai, também, já tinha aposentado, aí ele falou ‘ó, se quiser...’, foi aí que eu comecei com o táxi, senão, acho que tinha ido. Mas aí eu não ia pro Japão. Iria pro Canadá ou Austrália. Pensei, Japão já conheço, já sei falar japonês, aí pensei, vai pra um lugar que fala inglês, e diferente. Aí, conheço mais uma cultura, e aprende outra língua. (...) Então, se não desse certo essa parte de táxi, eu ia pra lá. Mas aí eu ia pra um dos dois, não ia pro Japão de novo, não. Não agora.” (RENATO)

Apesar de a motivação financeira ser relevante, não havia uma necessidade premente para irem ao Japão: todos tinham condições materiais de vida razoáveis, e se a questão do dinheiro era importante, não era por questão de sobrevivência, mas para melhorar de patamar ou preparar-se para um período de maior instabilidade, ou para manter um nível de vida de classe média, como indica Mori²⁴ (s.d., apud DeBIAGGI, 2008b).

“(o que te motivou a ir pro Japão trabalhar) a principio a curiosidade de conhecer um pais novo, e depois a instabilidade economica que o pais estava - plano Collor (isso em todas as vezes q vc foi pra lá) isso na primeira vez / as outras vezes por falta de perspectiva profissional aqui no brasil (vc era formado na época?) não / estava no 4 semestre de faculdade (qual o curso?) engenharia civil (e decidiu deixar a faculdade para tentar a sorte no Japão?) foi por outros motivos externos tambem.. separação dos pais” (HEITOR)

“Chegar lá e falar que ‘eu fui pro Japão porque não tinha chance’, depende, claro que tem casos extremos, realmente que a pessoa não tem... mas as pessoas que eu conheci não eram bem assim, foram porque quiseram, e aquela meta de ficar 1 ano, e que depois ficou 3, ficou 5... o tempo passando, não sei se não pensa no dia de amanhã...” (KEN)

²⁴ Mori, K. (s.d.). O Nikkei brasileiro enquanto classe média. Paper apresentado na FFLCH-USP

“A primeira vez, foi pq eu não queria mais fik dependendo da ajuda financeira da minha mãe para ajudar a pagar a minha faculdade. Tanto é que antes de ir a primeira vez estava trabalhando e pedi as contas e fazendo faculdade e cancelei meu curso.”
(ELISA)

“Bem, foi um conjunto de motivos. Primeiro: eu queria conhecer a terra natal de meus avos. Desde pequeno eu via meus tios indo e vindo de lá, e isso me despertava ainda mais interesse em ir, Segundo: eu já cursava a faculdade e estava procurando estágio, mas sempre dava errado, e só conseguia estágios ruins. Terceiro: meus pais estavam se separando e cada um indo para um lado, e eu no meio do muro. Quarto: eu já namorava e pensava em juntar um ‘pé de meia’ para ter condições financeiras de casar, ou pelo menos ter uma estabilidade que não fosse dependente de meus pais.” (CLEBER)

“eu mesma pq não queria pedir ao meu pai q pagasse a minha dívida na faculdade p/ q eu pudesse me re matricular....até pq sabia da barra q era o serviço dele.” (EMILY)

“(Por que foi pela primeira vez?) Financeiro. Sabe quando você não quer depender dos pais? E tentar fazer alguma coisa, né? Ai meu tio tava lá, ele falava que dava pra fazer isso, não sei o que, e dava pra comprar as coisas, né, som, essas coisas aí... aí você fala assim, aqui não dá. Vou ficar um tempo lá... tanto é que eu fui a primeira vez pra ficar uns 5 anos. Ai compra eletrônicos... volta com uma grana e tenta fazer alguma coisa pra cá. (...) Eu fui por mim, nem pra ajudar em casa não era. Que não precisava mandar dinheiro pra cá pra ajudar meus pais aqui, né?” (RENATO)

Na questão de permanecer no Japão agüentando situações ruins, ou no Brasil apesar das adversidades da volta, todos relataram que ter objetivos claros e metas definidas para si foram elementos primordiais; a situação inversa também foi citada, em que não ter clareza de objetivos impede a fixação e estabilização num país:

“(o que o ajudou a manter-se no Japão?) o objetivo de comprar o apartamento”
(HEITOR)

“(Por que decidiu voltar?) Porque já era o meu plano, desde que eu sai do Brasil. (e consegui cumprir à risca coisa rara entre os dekassegus) Isso é verdade, mas o segredo disso é ter meta, ter objetivo e força de vontade. Se eu tivesse ido sem isso, fatalmente eu ainda estaria por lá.” (CLEBER)

“Acho q o fato principal das pessoas ficarem indo e vindo do japao é a parte financeira / ele vão...trabalham, juntam um pouco de dinheiro, voltam, gastam tudo sem se planejar e acabam retornando pra La” (EMILY)

“Só que assim, faltou planejamento futuro, sabe? Se eu tivesse já, de repente, visto alguma coisa aqui, enquanto estivesse lá estudado, como é que é o esquema das coisas, e quando voltasse, já por em prática, seria mais fácil.” (RENATO)

“A pessoa, enquanto ela não falar assim ‘não, agora eu vou e não vou arriscar tanto, pra de repente ter que voltar pra cá’, aí ela já vai mais... vai devagar aqui. Porque quando você ainda tem essa ‘ah vou pra lá, qualquer coisa’, você quer é que se ferre, meu, você trouxe 50 mil, você investe 50 mil, perdeu 50 mil, você volta pra lá! E não é assim! E se você já pensa diferente, você volta com 50, você investe 20 que qualquer coisa ainda tem 30 e ainda sobra. Aí você não precisa voltar pra lá. Só que não é todo mundo que pensa assim, então... por isso é que tem essa ida e vinda do pessoal.” (RENATO)

A forma de ver os países também pode influenciar na opção de se fixar ou de migrar para determinado país. Isso é analisado a seguir.

Percepção dos países: Japão, país para trabalhar, mas não para viver

Na visão de todos, o Brasil é visto como o lugar para morar, onde se criam coisas e se constrói a vida, em oposição ao Japão, que é o temporário, um lugar bonito para viajar e visitar, mas sem vida, apenas trabalho.

“(qdo falavam do Japão, falavam como? O q vc imaginava q iria encontrar?) falavam de um lugar que as pessoas trabalhavam bastante, honestas. um panorama mais antigo do Japão; fui com esse pensamento (e o que encontrou?) um povo realmente

que trabalhava bastante, mas um povo triste; um povo sem perspectiva de futuro; não sei explicar esse paradigma.” (HEITOR)

“enquanto no brasil a formação e qualificação fazem a diferença, no japão, vc é apenas uma peça de engrenagem, ficou doente, é despedido.” (HEITOR)

“Bom, o Japão, ele é um país bonito. Assim, quando eu fui passear, assim, tipo, na folga que a gente ia, a gente ia pra passear, né? Aí, assim, é um país bonito. Tudo que a gente podia aproveitar, a gente aproveitava na folga, né? A gente tirava uma semana de folga, assim, e saía aproveitar. Mas... não é um país pra se viver, é um país pra se passear. Porque o custo de vida é muito caro. Assim, numa semana de folga que a gente tirava, assim, com conversões assim, a gente gastava na base de R\$ 3.000. Então é muito dinheiro. Então, tipo, é um país bonito, mas pra viver não compensa pra nós, não.” (KATSUO)

“Porque lá, tipo, você não tem tempo pra viver, você mais trabalha do que vive. Isso aí é... isso é só uma experiência de uma vez na vida.” (KATSUO)

“Acho que a pior pessoa que você pode pedir opinião pra ir pro Japão sou eu. Porque eu vou ser totalmente contra e vou falar só coisa ruim de lá. Ah, não sei, eu não vejo coisa boa pra pessoa... a não ser claro, só se for como turista, é outra coisa, mas pra morar, pra trabalhar, acho que sou a pior pessoa a ser indicada pra esse tipo de opinião.” (KEN)

“Lá todo mundo apóia (a volta), né, porque lá eles... ‘é vai voltar pro Brasil, vai passear’, né, então todo mundo apóia, porque lá é o objetivo de todo mundo é ver todo mundo voltar pro Brasil, é todo mundo alcançar o seu objetivo e voltar pro Brasil.” (KATSUO)

“(como as pessoas à sua volta receberam a notícia?) No Japão todos nós sabíamos que a hora de voltar chegaria, então não foi difícil o pessoal aceitar, muito pelo contrario ficaram felizes por mim, pois é como se fivesse cumprido que oque eu tinha ido buscar.” (CLEBER)

“(e você, o que acha de lá? e o que acha do Brasil?) O Japão é um país muito organizado, justo, limpo, renda bem distribuída..porém triste / O Brasil é um país onde pra tudo tem um jeitinho, todo sujo e pichado, renda muito mal distribuída, desorganizado, mas alegre. Parece q o dia no Brasil é claro, branco e no Japão é cinza” (EMILY)

“(por outro lado, o que você acha que mais te ajudou a permanecer no Japão?) lá é tudo prático, não temos problema com dinheiro. O salário da pra pagar as contas, passear e ainda mandar para o Brasil / Não tem violência...tudo muito organizado, limpo” (EMILY)

Há, porém quem levante os aspectos negativos do Brasil, e relatem isto como impeditivos para a volta:

“Me senti muito deslocado. A diferença em um país de primeiro mundo e o Brasil é imensa. As coisas que mais me abalaram no início foram: violência, sujeira nas ruas, comportamento das pessoas..” (CLEBER)

“Como todos os que estavam lá e não pensavam em voltar diziam: "voltar para fazer oque?” (CLEBER)

Estes são elementos globais que podem interferir na decisão de se fixar ou migrar dentro da experiência de kassegui. Mas como as redes sociais atuam nesse mesmo quesito? Os entrevistados revelaram informações que respondem à questão, que serão expostas nas seções seguintes.

Indicações: A Rede Migratória

Todos os entrevistados foram ao Japão através de indicação de conhecidos, apesar da possibilidade de encontrar emprego por outras vias (revistas e jornais da comunidade). A maioria teve indicação de um parente, em alguns casos distante, que trabalhava com envio de de kasseguis à época da viagem:

“(Como você foi indicada pra esse emprego? Você procurou?) Uma amiga. Uma amiga minha já tinha ido, ela indicou a agência d... que diss... que parecia legal, e aí eu acabei indo, assim. Nem tanto... mas pela... porque ela se deu bem, se deu bem no sentido, não aconteceu nada de mais, que é o perigo, né, de cair numa fria. Como tava tudo bem, aí eu acabei seguindo a mesma agência que ela.” (SUZANA)

“foi através de uma mulher que foi casado com o primo da minha mãe mas não estão mais juntos. tanto é que hoje ela não meche mais com isso (e foi ela que arrumou pro seu irmão antes, também?) ah antes eu já não sei com quem foi que meu irmão foi. pq a primeira vez ele foi e meu pai já estava lá, na segunda vez que ele foi já não me lembro com que ele arrumou a papelada, mas se eu não me engano foi com ela tbm.” (ELISA)

“Então, fui indicação de um conhecido que já tinha ido para lá. Fui com meu irmão, mas com a certeza que não iríamos ficar juntos, ou mesmo próximos, pois não nos dávamos tão bem. E assim seria melhor para ambos.” (CLEBER)

“Bom, na K... foi indicação, minha mãe me indicou para o Tantousha²⁵ e ele me levou para a entrevista na fábrica. Já na fábrica de parafusos, eu e minha irmã fomos até a empreiteira do meu pai e conseguimos a entrevista. Na fábrica de borrachas foi um amigo q indicou” (EMILY)

“Tinha uma tia que tava lá. Aí, ela estando lá, eu já, primeiro eu fui onde ela estava. E depois de um ano ela voltou pra cá, e eu fiquei pra lá (...) Emprego, também, eu fui ver com a empreiteira daqui, né, então ela só indicou, aí corri aqui depois... como era a mesma empreiteira, dava pra morar juntos.” (RENATO)

Aqui se verifica uma das ações de suporte da rede social: a indicação de empreiteiras, quando não diretamente de empregos. O fato de haver uma indicação de alguém conhecido aumenta a confiança de que o processo migratório pode se desenvolver sem maiores problemas (o que pode nem sempre se concretizar), o que parece incentivar as migrações, seja entre países, seja entre locais dentro do Japão. Mas chama a atenção que muitas indicações

²⁵ Responsável da empreiteira, cargo próximo a supervisor de pessoal.

partiam de tios, de outros parentes mais distantes, conhecidos, reforçando a idéia de que os laços fracos são fonte principal para esse tipo de informação (GRANOVETTER, 1973), trazendo informações novas para este pedaço da Rede.

Mas os entrevistados deram indícios de que suas redes sociais têm uma ação mais ampla do que apenas nas situações práticas, como podemos ver através dos relatos a seguir.

As decisões: eu tomo as decisões, mas tenho ajuda

Segundo os relatos dos entrevistados, as decisões que estes tomaram, seja de ir ao Japão, ou de voltar ao Brasil, foram tomadas exclusivamente por eles mesmos, sendo que as opiniões advindas de sua rede social eram apenas uma informação extra, não tendo o poder em si de definir a ida ou a volta deles:

“(teve algum incentivo ou torcida tanto pra ficar no Japão quanto pra ficar no Brasil?) não/decisões tomadas exclusivamente por mim.” (HEITOR)

“(Chegou a conversar com alguém sobre sua decisão, alguém te ajudou a decidir se ficava mais tempo, se voltava?) Ah, conversava com os amigos lá, com meus primos, mas assim, a decisão assim tava meio na cabeça, já, que eu queria voltar, já, então foi mais decisão minha mesmo, que queria voltar, que chegou a hora, mesmo porque eu queria voltar a estudar e não dava pra ficar muito tempo, porque eu já tenho 27 anos, né? Aí pra mim voltar a estudar de novo, até entrar na faculdade, me formar de novo, entrar no mercado de trabalho, não dá pra entrar muito mais velho, né, do que isso.” (MAURO)

“(Quando decidiu ir, como foi reação das pessoas à volta?) Assim, pra família foi tranquilo, né? Até porque a minha família também tem essa postura, mais... o pai não se mete muito nas decisões, é mais a mãe, né? Tradicionalmente, né? A minha mãe sempre deixa a gente trilhar o nosso caminho, sempre foi assim, né... talvez pela educação dela, não sei. Então, na minha casa foi tranquilo.” (SUZANA)

“Minha mãe não aprovou, minha namorada menos ainda. Meus amigos me apoiaram. Mas sou de decisão firme, e já tinha tomado minha decisão.” (CLEBER)

No caso de assuntos mais corriqueiros, do dia-a-dia, o comportamento dos entrevistados até foi ditado pelas ações dos amigos, mas não em questões de amplo espectro:

“Uma coisa que talvez seja interessante saber, mas que pra mim são coisas que acontecem na vida, é essa coisa da religião, né? Tem esses carismáticos, nem sei, eu sei que na L..., onde eu tava, o apartamento vizinho, uma das brasileiras era ligada a uma mulher que era pastora, era eu não sei o que. Nem sei que religião que era. Eu sei que por amizade, quando você tem amizade, é... é... você vai indo junto nas coisas que ela... a minha amiga fazia, né? Então, foi uma coisa um pouco diferente nesse sentido.” (SUZANA)

Um caso comentado por um entrevistado nos faz refletir se as informações recebidas a partir das Redes Sociais são filtradas de acordo com o a decisão tomada individualmente, dando pesos diferentes a cada opinião convenientemente, com finalidade de transformá-las em justificativas para as escolhas pessoais. Um amigo de Ken dá mais importância às palavras da avó, que corroboram sua vontade de ficar no Japão, do que ao conselho do amigo, que batalha no Brasil:

“Quando eu estava prestando vestibular, que eu falava com outros amigos meus que eram bem mais novos, a gente falava, ‘vem e estuda aqui’, eles falavam ‘não, eu falei com a minha avó, que tá aí no Brasil, ela falou que não, eu fui perguntar a opinião e ela falou que não, não volta, porque você vai voltar aqui, fica no Japão que tem trabalho, aqui não tem...’, não sei se é lá no Paraná, Londrina, sei lá, não, não é Londrina, é uma cidade lá no interior, esqueci o nome. Não sei se é por causa disso, lá talvez seja uma realidade diferente, mas...” (KEN)

Contudo, mesmo se as decisões não são tomadas a partir da rede social, amizades e família são elementos importantes para manter-se no Japão ou no Brasil, ou mesmo a saudade deles são relevantes na hora de escolher entre ficar e partir:

“acho que é a minha própria vontade de enfrentar o que eu já deveria estar enfrentando faz um tempo, minha família e amigos tbm me apoiam muito em fik esse é meu porto seguro” (ELISA)

“(e o que ou quem mais te ajudou a aguentar as coisas ruins do Japão?) essa minha amiga com quem morei logo no primeiro ano, meu irmão e algumas amizades com quem eu fiz (como eles te ajudaram?) conversávamos bastante um com o outro, pra começar ver as coisas diferente e aceita-las, não deixar que elas ficassem tão ruins.”
(ELISA)

“(e o q te ajudou a superar as dificuldades lá?) foco no meu objetivo / as amizades que consegui por lá” (HEITOR)

“(Por que você acha que acontece vai e vem dos dekassegus?) Por ter no Japão "facilidade" de ganhar dinheiro vão para lá. E voltam para o Brasil por ser o país natal, onde estão os familiares, amigos.” (CLEBER)

“(O que mais ajudou lá? O quê, ou quem?) Não... É, ‘quem’ é a amizade que você faz, se você separar bem e essa amizade você sempre tem contato, tal, ajuda também a ficar lá. Mas é aquele negócio de, como eu fui pra lá tentar a independência financeira aqui, não ficar dependendo do meu pai, não sei o que, isso também que segura lá. Porque você não quer voltar pra cá com uma mão na frente e outra atrás e falar assim, ‘então, fui pra lá, me ferrei, e agora preciso voltar e morar aqui de novo, tem jeito de me sustentar?’ Não dá, né? Aí é um pouco o orgulho, né? É orgulho, não querer voltar pior do que foi. É, o orgulho, e amizade que você faz, é aquilo que eu falei, essa parte de adaptação? Então, enquanto você se adapta, então aí essa parte de amizade conta bastante, né? Acho que contou mesmo. Então, como eu não mudei muito de cidade, então, mesmo mudando de emprego, ainda tinha contato. Então, você faz um círculo, né? Então às vezes não trabalhava no mesmo lugar, mas acabava indo pro mesmo lugar depois. Ou era a mesma empreiteira, então sempre tá morando no mesmo conjunto de prédio, de apartamento, então você acaba tendo contato.”
(RENATO)

“(O que te facilitou a ficar definitivamente no Brasil?) Pra ficar, eu consegui juntar uma grana pra construir a casa, eu construí e mudei, aí já acaba essa parte do orgulho, né? Tá certo que ainda vou lá jantar, né, pra comer ainda vou pra lá, mas assim, o meu canto eu tenho, isso já ajuda. E a amizade que eu refiz, tipo, eu mantive o que eu já tinha, e eu aumentei, tipo, umas 5 vezes a amizade que eu já tinha, tipo, se

eu tinha 5, hoje eu tenho 25, vai, mas se eu tivesse 25 foi pra 125, sabe, e aí vai aumentando, né... mas assim, aumentou muito. Tanto é que quando eu tava pensando ir embora agora, eu pensei, vixe, eu não vou me despedir de ninguém não. Foda-se, se chegar, vamos embora, manda e-mail, porque hoje tem esse negócio de e-mail, 'galera, to tal lugar'. Que eu não ia agüentar despedir, não.” (RENATO)

“Já... minha intenção era ter ficado 2 anos, aí eu fiquei agüentando, na verdade, só que a saudade já era muito grande, fazia 4 anos que eu não via meu pai, meu irmão que tava aqui... eu ainda tenho um irmão lá no Japão. Minha mãe foi pra lá, ficou 1 ano no Japão, 1 ano e alguns meses, então eu via ela nesse tempo que ela foi pra lá, eu acabava indo de vez em quando pra lá visitar ela, porque eu ficava numa cidade, ela ficava perto de Tóquio, então tinha que viajar e ela não tinha folga, né? A folga dela acabava caindo durante a semana, então dificilmente a gente conseguia bater o feriado, aí quando ia pra lá ela tava trabalhando também, né? Aí... a gente só se via pouco, na verdade. Mas acabei vendo ela, né? Já foi um grande passo, de aliviar a saudade um pouco... Mas aí depois de 4 anos já tava bem cansado também, já, deu problema na minha coluna por carregar peso, tal, então já tava bem estressado também, por causa do serviço, aí acabei decidindo voltar, já, achei que fosse a hora e voltei.” (MAURO)

“(o que mais te segura aqui?) O que mais me segura aqui é o fato de querer vencer aqui no Brasil, mesmo, de olhar os meus primos, meus... meu irmão, que tão aqui, que conseguiram vencer aqui sem precisar ir pra lá, esse é o maior fato que mais me segura aqui. E outra, tem minha família, os amigos, tudo por aqui, né? E lá... consegue novos amigos, mas a saudade é muito grande, daqui também.” (MAURO)

“(o que mais te ajuda a ficar no Brasil?) Minha família! Minha família e... tipo, o serviço daqui, também. Você... você vê que não... o país não tá tão ruim assim. Porque o tanto que eu trabalhei lá não é tão distante de se ganhar aqui. E, tipo, o que você trabalha aqui, o que eu trabalho aqui em uma semana eu trabalhava lá em 3 dias, então não se compara.” (KATSUO)

“Se for pra trabalhar por trabalhar, prefiro ficar aqui perto da minha família, né?” (KATSUO)

“(O que mais ajudou?) O meu primo, que tava... morava ali perto. E, tipo, porque assim, toda folguinha que a gente tinha a gente ia assim, pra casa da minha tia, na casa do irmão dele, né? Então, juntava nós dois e saía, né? Então, ajudou bastante também.” (KATSUO)

“Porque, tipo, você... você sente uma falta, né, de... da sua família, assim, tipo, estar compartilhando aquilo ali, né, com mais alguém, então...” (KATSUO)

“(e por que foi para lá?) por 2 motivos, saudade da família e dívidas na faculdade (saudade da família?) sim, meus pais e meus irmãos estavam lá” (EMILY)

“Mesmo as pessoas que moram aqui no Brasil, que moram em outro estado e tá em São Paulo. Não muda. A base é a mesma. Os problemas são parecidos. A única coisa é que se der a louca você pega um ônibus, um avião, duas, três horas você tá em casa. (...) Eu conheço gente que às vezes eu pego no aeroporto, e tá chegando em São Paulo pra ficar a semana pra sexta-feira ir embora. E é toda semana isso. Dois anos fazendo isso, três anos fazendo isso, é vida? Se Japão fosse mais barato, mais perto, vinha também! Trabalhava 5 dias, sábado domingo vem pra cá... (...) Sabe, independe do país, independe do Estado aqui no Brasil mesmo, a situação é a mesma, igualzinho. A saudade é a mesma... acho que até o foco é igual, se você for ver. Porque quem tá pra cá tá buscando alguma coisa profissional, né, que no caso no Estado de origem não tem. Então, busca fora. Porque que tem gente que mora na zona oeste e vai trabalhar lá na zona leste, e vice-versa? Mesmo tendo que ficar duas horas pra ir e duas, três horas pra voltar, ficar 5 horas dentro de condução. Tem lógica? Depende do que você quer.” (RENATO)

Há um tipo de influência familiar em algumas decisões, mas da ordem dos valores, não ordem expressas, mas um tipo de “cobrança” introjetada, semelhante à que Kim, Kim & Hurh (1991)²⁶ se referem como expressão da devoção filial, como ilustrado pelos seguintes entrevistados:

²⁶ Mais detalhes na seção V.2. Elementos Culturais Relevantes.

“Eu deixei de fazer I..., prestar I... porque o curso é integral, e na minha família todo mundo começou a trabalhar aos 14 anos. Eu comecei fazendo estágio na Y..., ou seja, depois, já maior, né, 18 anos. É, eu comecei a trabalhar antes, até, não foi nesse estágio, foi antes, antes de entrar na Y..., já com 18 anos. Então tem uma questão moral, ética, que eu tinha embutido em mim, que eu tinha que começar a trabalhar. Então, assim, eu não queria ficar o dia inteiro estudando porque isso não me permitiria trabalhar. Então desisti de fazer I.... E aí como tinha o curso da Y..., aquela época eu não sabia exatamente o que você quer, então é meio parecido, né, e não tem nada a ver, mas aí eu caí em P..., e ‘vamos fazer’, né, na Y...mesmo, tá mais ou menos o que eu quero. E aí, quando eu voltei, eu vi que era uma possibilidade... Assim, eu não lembro de ter uma grande vontade de fazer I..., assim, sabe, mas era uma das coisas plausíveis, né? Sei lá, eu não me lembro de nenhuma emoç... grande emoção, na hora dessa decisão, mas como era uma coisa plausível, né, como era uma coisa que eu queria fazer, estava com dinheiro, e precisava do dinheiro para poder ficar 5 anos sem trabalhar, apesar de que eu fiz bastante coisa nesses 5 anos... 6 anos, pra falar a verdade, fiquei 1 ano a mais, aí acabei fazendo.” (SUZANA)

“Só que aí terminou os 3 anos, eu ainda não tinha definido o que eu ia fazer, se eu volto pro Brasil, ou se eu trabalho, por enquanto aí eu comecei a trabalhar, como dekassegui. Mas nunca por influência dos meus pais, meus pais assim nessa parte de trabalho, tudo, sempre foi neutro, diferente de muitas pessoas que eu conheci, né? Eles não falavam, assim, pra mim estudar, mas claro que você só tem duas opções na vida: ou você estuda ou você trabalha, não sem fazer nada. Então meio que isso era claro, né? Mas não assim na parte de ‘você vai estudar’, ou ‘você vai trabalhar’. Que nem, eu tinha meus primos assim que os pais deles falavam assim que ‘ah, você tem que trabalhar’ Pra que você estudar lá no Japão se não... ‘Pra que estudar?’, né, essa era a grande pergunta deles. Então nesse ponto os meus pais, assim, eles são... ah, meu pai fez faculdade, não concluiu, né, a minha mãe, ela é formada, então, tipo, mesmo sabendo assim que talvez não tivesse muito futuro lá estudando assim no Japão, eles nunca deram essa opinião, nunca me forçaram a nada. Então o fato de eu querer ir pro Koukou²⁷ foi uma iniciativa minha, né, o fato de eu trabalhar também foi

²⁷ Corresponde ao Ensino Médio no Brasil.

iniciativa minha, só que eu tinha um objetivo, né, eu vou começar a trabalhar e futuramente eu pretendo ir pro Brasil.” (KEN)

Podemos comprovar que o apoio da rede social no retorno é essencial para a permanência neste país, como afirmam Urano e Yamamoto (2008). Em sua pesquisa eles já identificaram que membros da família têm um papel chave na readaptação de migrantes retornados. Os membros que ficam têm a função de referência, agindo como âncoras para a readaptação de retornados e provendo base para a reinserção na comunidade local. Seja oferecendo uma colocação profissional (como aconteceu com Katsuo), dando abrigo (caso de Ken), as pessoas no Brasil facilitam ou até viabilizam a reinserção na sociedade.

“Na Q... que eu conheci uns amigos meus que eu achava assim... que eu ficava meio impressionado, que era universitários daqui que trancaram pra ir lá trabalhar um ano, né? Inclusive foram eles que me ajudaram aqui, né? Tipo, como eu sou lá de João Pessoa, eu não tenho nenhum parente aqui, nenhum conhecido, então... vim pra São Paulo uma vez, mas eu era criança, então foi daí que eu comecei a perguntar pra eles, ah, como é que é o sistema de ensino lá, quando que você vai voltar, porque conforme eu fui trabalhando assim, eu fui vendo o que que, sei lá, eu fic... comecei a me imaginar assim, alguns anos depois, né? Eu comecei a ver que o fator limitante no Japão é a idade, né? Você tem uma idade, você já não consegue arranjar emprego, né?” (KEN)

“E eu pensei assim, também: ah, se você voltar agora para o Brasil agora, você ainda tem uma outra opção, que é você... se não der certo você volta. Agora, se você está lá, você nunca sabe se aquela opção sua de voltar para o Brasil daria certo. Então pensando assim, que eu poderia ter uma profissão depois, eu vou voltar pro Brasil. Então eu comecei a conversar assim com meus amigos que eu conheci lá nessa empresa Q..., como é que era, e tal, e eles me falaram ‘ah, você pode fazer cursinho, né?’... inclusive, eles que... porque o cursinho aqui, tipo, o Anglo, assim, não é sempre que tem vaga, então você tem que fazer inscrição bem antes, foram eles que fizeram inscrição pra mim, um conhecido deles que estava aqui, então, eles facilitaram tudo, né...” (KEN)

“(E qual foi sua maior dificuldade no Japão?) Distancia da família e de pessoas que gostamos.” (CLEBER)

“(o que ou quem mais ajudou você enquanto você estava no Japão? e no seu retorno ao Brasil?) Minha mãe e minha namorada me ajudaram muito tanto quando eu estava lá e quando eu retornei./Minha mãe me dava forças com palavras sábias e me orientava. Minha namora era o meu objetivo e sempre fiz de tudo pra conseguir.” (CLEBER)

“Aproveita a vontade de ir. E se der certo, maravilha, se não der certo, tá todo mundo aí ainda. E hoje tá todo mundo já com uma certa idade assim, estabilizado, digamos assim, financeiro, então se a pessoa voltar, faz de conta esse cara mesmo que tá indo pra Europa, se ele voltar a gente tenta dar um apoio, vai.” (RENATO)

Em outras palavras, o que se verifica é que o papel das redes sociais nas decisões de ficar ou partir dos países não é do âmbito do discurso verbal, de ordens ou sugestões, e sim do seu papel mais amplo enquanto suporte e apoio, tanto nas questões práticas quanto no seu valor sentimental e afetivo.

V.2. Elementos Culturais Relevantes

Makino (1996), lingüista japonês que atualmente leciona na Universidade de Princeton, EUA, aborda de forma simples e prática alguns elementos da cultura japonesa que podemos identificar nos relatos analisados. Suas contribuições mais relevantes para este trabalho é com relação às relações dentro-fora, que também é diz respeito às noções de Intimidade dentro da cultura nipônica, e com relação ao *Tatema* e *Honne*.

Um dos elementos característicos do povo japonês é a questão da hierarquia, já abordada por outros autores clássicos de cultura japonesa (BENEDICT, 1997). Porém, além das relações verticais, a sociedade japonesa é regida por relações de dentro (*Uchi*) e fora (*Soto*), onde se precisa levar em consideração se o interlocutor ou aquele a quem se está referindo está incluído em seu círculo de relacionamento íntimo (p. ex., parentes, amigos íntimos, e dependendo da situação, aqueles que trabalham na mesma empresa, ou fazem parte de uma mesma instituição) ou se é externo a ele (clientes, vizinhos e colegas de empresa com

os quais não se tenha relacionamentos íntimos), modificando postura e termos utilizados de acordo com a situação.

Esta separação é visível inclusive na arquitetura das casas, como ilustra Makino (1996): existe o *Genkan*, que é como um hall de entrada, no mesmo nível do ambiente externo, onde se passa para o interior da casa, situado num nível acima (às vezes, a diferença física não ultrapassa alguns centímetros, em especial em apartamentos). Não se deve entender a diferença de nível apenas como aspecto físico, mas também abstrato: apesar de situado dentro das paredes da casa, o *Genkan* é considerado ainda “fora” de casa. Indo mais adiante, mesmo sendo convidado a adentrar a casa, o visitante é levado ao *Kyakuma*, aposento reservado para receber visitas. Ainda assim, este é um espaço intermediário entre o “fora” e o “dentro”, representado este pelo *Ima*, a sala de estar íntima, onde a família se reúne. Esta arquitetura representa o processo de aceitação de uma pessoa até que possa se adentrar ao círculo íntimo da família, e que ilustra o longo tempo de transformação de uma relação de “conhecidos” em outra de “amigos íntimos” para um japonês.

Um aspecto complexo ao se lidar com o *Uchi* e o *Soto* é, porém, que as posições não estão definidas *a priori* apenas considerando os indivíduos envolvidos, mas também pela situação: ao se referir ao seu chefe, uma pessoa deve se dirigir e se referir a ele como alguém de hierarquia superior, ou de *Soto*; porém, ao atender o telefone e falar com um cliente da empresa, e se referir ao mesmo chefe, este passa a ser um integrante do grupo “empresa”, e deve se referir a ele nesta situação como alguém de *Uchi*.

Outro aspecto da cultura japonesa é a diferença entre o *Tatemaie* e o *Honne*. Numa tradução simples, podemos dizer que o *Tatemaie* é o que pode ser mostrado para o exterior, o que é socialmente aceitável, o correspondente ao “politicamente correto” no ocidente, enquanto o *Honne* é o que se passa no íntimo do indivíduo, seus verdadeiros sentimentos e impressões. Pode-se interpretar por essas definições que mesmo as culturas ocidentais apresentam esses traços, em maior ou menor grau; a diferença reside na forma como estes se expressam no dia-a-dia. Em geral, o *Honne* pode aparecer no ambiente *Uchi*, e no ambiente *Soto* as coisas são expressas a partir do *Tatemaie*; porém, como explicado acima, o pertencimento ao âmbito do *Uchi* ou do *Soto* não é estático, mas contextual, o que pode levar a mal-entendidos. Makino diz que “devido ao fato do japonês acreditar que a junção de ‘*Honne*’ e ‘*Tatemaie*’ é sua identidade, naturalmente podemos dizer que ele não tem uma

identidade centrada no ‘*Jigane*’ ocidental²⁸” (tradução nossa), e portanto, estrangeiros têm dificuldade de apreender a identidade de um japonês.

Não são relevantes apenas os traços específicos da cultura japonesa, mas há elementos compartilhados pelas culturas orientais, influenciadas pelo confucionismo. Kim, Kim e Hurh (1991) analisaram famílias migrantes coreanas nos Estados Unidos e apontam a devoção filial como uma norma cultural primordial, que regula a relação intergeracional entre pais e filhos ao longo de seu ciclo de vida e várias outras relações humanas críticas. Dentre as obrigações de um filho com relação aos seus pais, encontram-se: 1) Cuidados físicos, 2) Conforto Psico-social, 3) Respeito e consultas aos pais referentes a assuntos familiares e pessoais importantes, 4) honrar e glorificar os pais através de realizações notáveis dos filhos, 5) observação fiel a ocasiões cerimoniais importantes. Apesar da dificuldade em se manter tais tradições dentro dos movimentos migratórios, ainda há presentes ainda que resquícios destes valores nas gerações seguintes aos primeiros imigrantes orientais.

V.3. Atuação das Redes Sociais

O que podemos identificar nos relatos dos entrevistados é que a Rede Social para este grupo de jovens não é usada para, por meios verbais, tomar decisões (não se espera que pais e amigos digam o que deve ser feito). De outra forma, as Redes Sociais dão apoio sentimental e suporte para questões práticas (no caso dos amigos que acolhem o dekassegui retornado oferecendo ou ajudando a procurar moradia e ocupação). Além da função de apoio, ela também possui a função de companhia, na medida em que os momentos de lazer são preferencialmente compartilhado entre os dekasseguis.

Num primeiro momento, a busca por independência parece contradizer o que Erikson (1971) afirma sobre este período de vida, chamado de Intimidade versus Isolamento, em que:

O adulto jovem, que emerge da busca e persistência em uma identidade, anseia e se dispõe a fundir sua identidade com a de outros. Está preparado para a intimidade, isto é, a capacidade de se confiar a filiações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para ser fiel a essas ligações, mesmo que elas imponham sacrifícios e compromissos significativos. (p. 242-243)

²⁸ Podemos traduzir “*Jigane*” como “verdadeiro caráter”, traço congênito.

Porém, podemos encarar a busca por novas experiências no exterior exatamente como a tentativa de alcançar essa intimidade, porém com um mundo mais amplo que o disponível em sua casa ou seu ambiente “nacional”, com pessoas de outros subgrupos. A sensação de família pode ser entendida como manifestação da fusão com os outros, o estabelecimento de pequeno grupo de relacionamento, como um “clube de amigos”, porém sem os objetivos institucionais determinados de uma Associação.

Já as manifestações relativas às dificuldades com alguns brasileiros podem ser vistas como o outro lado da moeda a que Erikson se refere:

O reverso da intimidade é o distanciamento: a tendência a isolar e, se necessário, a destruir aquelas forças e pessoas cuja essência parece perigosa para a própria, e cujo “território” parece invadir o âmbito das próprias relações íntimas.. Os preconceitos assim desenvolvidos (...) constituem um fruto mais maduro dos repúdios mais cegos que, durante a luta pela identidade, diferenciam nítida e cruelmente o familiar do estranho. O perigo dessa etapa está em que as relações íntimas, competitivas e combativas experimentam-se com e contra as mesmas pessoas. (p. 243)

Há como a necessidade de oposição a um outro, nesta fase da vida, onde um outro “hostil” (veterano, menos escolarizado, de outra origem) torna-se inimigo. Erikson indica ainda uma saída, que é a maturidade:

Mas, à medida que se delineiam as áreas do dever adulto e diferenciam o encontro competitivo e a união sexual, eventualmente se submetem ao senso ético, que é a marca do adulto. (p. 243)

Mas há que se avaliar se essa maturidade é possível de ser alcançada nestas condições, e que elementos facilitariam essa elaboração. O desenvolvimento do tema pode se tornar base para a elaboração de intervenções que diminuam os atritos entre grupos e facilite a integração e convivência destes.

VI. Conclusões

Os relatos colhidos identificam de forma geral a estrutura das Redes Sociais dos Dekasseguis. São nós desta trama a família nuclear (incluindo namorados, que são a família nuclear futura em fase embrionária), amigos no Brasil e no Japão. Em alguns casos, japoneses e a empreiteira também se constituíam nós, oferecendo suporte ao imigrante; porém, só em um caso uma Instituição constituída foi considerada relevante, ainda assim através de uma função não assistencial (Renato, em sua busca de trabalho). Aparentemente, os laços fortes eram mais abundantes com família e amigos do Brasil, o que não significa que sejam os únicos existentes.

Podemos observar pelos relatos que as formulações de Granovetter (1980) parecem se confirmar no que diz respeito ao uso de laços fracos e fortes. O apoio e suporte dado aos entrevistados provieram dos laços fortes (família nuclear, namorados, amigos mais íntimos), enquanto muitas indicações se concretizaram através de laços fracos (família estendida, conhecidos). Há indicações provenientes de laços fortes, em especial irmãos, mas isso é esperado também se levarmos em consideração a revisão da teoria feita por Granovetter em 1983, lembrando que nos movimentos migratórios, o perfil dos imigrantes é parecido com o descrito por ele: pessoas de “classes mais baixas” (considerando como padrão a sociedade japonesa e a posição que os dekassegus ocupam nela), com poucos contatos no geral (em decorrência das rupturas geradas pelo movimento migratório), e que precisam recorrer mais intensamente aos laços fortes (principalmente no início da estadia no Japão).

Analisando pelo aspecto das Estratégias de Aculturação utilizadas, percebemos que com relação aos japoneses foi adotada a Estratégia de Separação, mas não numa forma extrema. Na maioria, os entrevistados não hostilizavam os japoneses, mas também não buscaram tanto se aproximar do seu jeito de ser. Parece ser um caso em que tanto a Estratégia de Integração (adotada por Renato e Cleber) quanto a de Separação (não extrema, adotada por Mauro, Katsuo e Emily) são escolhas que não geram grandes conflitos.

Quanto ao Estresse de Aculturação, pudemos ver que a atuação das Redes Sociais dos Dekasseguis diminuiu sua manifestação. Devemos considerar o retorno também como um momento em que o Estresse de Aculturação se manifesta, pois na verdade esta é uma nova migração que se realiza (GRINBERG; GRINBERG, 1984). Seja nas horas de lazer, seja nas horas de necessidade, amigos e familiares foram elementos que facilitaram a vida dos dekassegus, tanto na ida quanto na volta.

Quando se tem contato com dekasseguis ou familiares destes, percebe-se que uma grande maioria dos adultos (no Japão ou retornados) não aprende muito do idioma, e alguns sequer sabem o básico. Grinberg e Grinberg (1984) descrevem fatores psicológicos que podem interferir na aprendizagem da nova língua; porém, podemos encontrar em Yoshioka (1995) outras motivações de cunho prático para explicar o porquê de não se aprender japonês sendo dekasegui: empreiteiros aproveitam-se deste desconhecimento para explorar os trabalhadores (brasileiros acham que têm menos direitos que os estrangeiros, não sabem a quem recorrer quando há problemas, dependendo das empresas), contando com que assim seja mais difícil a denúncia; assim, oferecem serviços em português para que o trabalhador não precise aprender o idioma e dependa mais da empreiteira. Não se pode afirmar com certeza que o objetivo de todas as empreiteiras seja esse, mas o efeito prático é que o trabalhador brasileiro que não busca aprender o idioma japonês cada vez mais se acomoda e se torna dependente dos serviços das empreiteiras. Os efeitos nefastos dessa prática puderam ser vistos desde o final de 2008: brasileiros que não falam japonês foram os primeiros a serem demitidos devido ao pico da crise mundial da época, como resultado do processo de seleção de trabalhadores segundo leis mercantis de oferta e procura. Esta é uma atuação da Rede Social do Dekassegui que se mostra negativa, podendo criar regiões em que os brasileiros se fechem dentro de uma comunidade lusófona sem comunicação com a sociedade majoritária japonesa.

Pelos relatos observamos ainda que a atuação de instituições e associações voltadas ao atendimento dos dekasseguis não estão sendo consideradas como relevantes dentro dos recursos que estes trabalhadores têm à disposição. O desconhecimento dos entrevistados a respeito de grupos que auxiliem o dekassegi no Japão ou no Brasil pode indicar por um lado desinteresse das pessoas por buscar informações; por outro, pode revelar uma falha na estratégia destes atores sociais de divulgar sua função, e assim serem mais efetivos.

Segundo Urano & Yamamoto (2008), depois que as famílias atingem seus objetivos dentro dos movimentos migratórios, o jovem adulto solteiro começa uma nova migração, cujo propósito é um desenvolvimento de objetivos novos, separado dos objetivos originais da família. Nas famílias com filhos adultos independentes e solteiros, estes planejam a migração ao Japão como um caminho para ganhar uma valiosa experiência fora do país, ou obter uma soma de dinheiro para adquirir uma casa ou investir num novo negócio ou projeto individual. Assim, a migração de filhos solteiros ao Japão é uma tentativa de adquirir independência financeira, mais prioritária que ajudar a família de origem. Pudemos comprovar a tese através dos relatos colhidos, e talvez possamos postular que isso ocorre não só quando os objetivos

familiares são atingidos, mas mesmo durante o processo (como no caso de Ken, que veio continuar sua vida no Brasil, apesar da família continuar no Japão trabalhando).

Relacionado também à estratégia familiar, se a devoção filial pode ser entendida como obediência dos filhos aos pais, o que se vê nestas entrevistas não é a obediência às ordens verbais, que aliás raramente acontecem, mas sim o respeito aos mesmos, valorização do relacionamento familiar. E se há obediência é à estratégia familiar cujo objetivo final é “ficarem todos bem”, e que foi traduzida pelos entrevistados como “encontrar meios de investir no próprio crescimento, através de experiências de vida e educação formal”. A ida ao Japão responderia então por uma parte do necessário a este objetivo, tanto como forma de “fazer um pé de meia”, como meio de entrar em contato com uma cultura estrangeira (ainda que seja esta a cultura dos seus ancestrais, para efeito de currículo profissional é uma cultura diferente daquela em que se cresceu) e, meio que inesperadamente, de aprender a lidar com o outro semelhante (brasileiros).

VIII. Considerações Finais

Faço agora algumas ponderações resultantes das reflexões feitas durante o processo de elaboração deste trabalho.

O fato de se ter conseguido informantes que se voluntariassem a dar entrevista pode ter tido efeito de selecionar um perfil muito específico de sujeitos, levando a se analisar uma parcela de sujeitos pró-ativos, empreendedores, sem medo de enfrentar questionamentos. Podemos afirmar que sujeitos com o perfil dos entrevistados – jovens, na faixa dos 19-26 anos, para quem o incentivo ao estudo é um valor – tomam decisões de forma mais independente, tomando as contribuições da Rede Social de Dekassegui como um referencial, mas não como normas. É preciso pensar como alcançar indivíduos que não se encaixem neste perfil para efeitos de comparação, mas que não se configurem como imposição.

Esta pesquisa não teve a intenção de investigar como atuam as Redes Sociais das crianças e adolescentes envolvidos no movimento de kassegui. Porém, pela sua fragilidade, uma atenção especial deveria ser dispensada ao tema com a finalidade de dar embasamento a intervenções voltadas à ajuda na adaptação desta parcela da população.

Faist (2000) diz que quando o número de conexões de redes chega num certo nível, movimentos internacionais tornam-se auto-perpetuados, porque criam a estrutura social necessária para sustentá-la. Ao que parece, esse número foi alcançado no movimento de kassegui. Seja no Brasil, seja no Japão, esse número de conexões é suficiente para uma adaptação temporária do migrante ao país. Porém, parece ao mesmo tempo que não são suficientes para manter o de kassegui por longo período, haja vista a existência do movimento iô-iô. Mas, apesar da entrada cada vez maior da mão-de-obra asiática no Japão, que toma gradativamente os postos anteriormente ocupados pelos latino-americanos, o movimento de kassegui parece não se encerrar tão facilmente. Os novos desafios lançados pelos períodos de crise econômica mundial recentes são muitos. Resta saber quanto as Redes Sociais dos Dekasseguis atuais serão suficientes para suprir as necessidades destes trabalhadores no futuro. A existência de jovens que pensam como os entrevistados nesta pesquisa, empenhados no crescimento próprio, lança esperança a todos os outros de kasseguis que esperam encontrar seu lugar no mundo.

IX. Referências Bibliográficas

- ASSIS, G. O. De Criciúma para o mundo – Os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (Orgs.). *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 199-230
- BENEDICT, R. *O Crisântemo e a Espada: Padrões da Cultura Japonesa*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. Coleção Debates.
- BERRY, J. et al. *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BOTT, E. *Family and Social Network – Roles, Norms and External Relationships in Ordinary Urban Families*. London: Tavistock Publications Ltd., 1957.
- BURT, R. *Structural holes: The social structure of competition*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- CARIGNATO, T. T. *Os Sintomas da Migração: A História e a Cultura na Clínica do Migrante*. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004
- CUKIER, R. *Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria*. São Paulo: Agora, 2002.
- DeBIAGGI, S. D. *Changing gender roles: Brazilian Immigrant Families in the US*. New York: LFB Scholarly Publishing, 2002
- _____. Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In DeBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (Orgs.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 135-164.
- _____. Psicanálise, globalização e interculturalidade. *Boletim Formação em Psicanálise*. São Paulo, v. XVI, p. 97-108, 2008a
- _____. Nikkeis entre o Brasil e o Japão: desafios identitários, conflitos e estratégias. *Revista USP*, São Paulo, v. 79, p. 165-172, 2008b
- ERIKSON, E. H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

- FAIST, T. Economic activities of migrants in transnational social spaces. In: BODY-GENDROT, S.; MARTINIELLO, M. (eds.) *Minorities in European Cities*, Basingstoke, UK: Palgrave MacMillan, 2000. p.11-25

- FAZITO, D. The Role of Social Networks in Human Migration. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 17, no. 32. p 5-23, 2009.

- GARCIA-ROZA, L. A. *Psicologia Estrutural em Kurt Lewin*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1972.

- GOZA, F. Redes sociais e a integração de brasileiros no Canadá e nos Estados Unidos. In MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (Orgs.). *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 263-288

- GRANOVETTER, M. S. *The Strength of Weak Ties*. American Journal of Sociology 78(6) (1973), 1360- 1380

- _____. *The strength of weak ties: A network theory revisited*. Sociological Theory, Volume 1 (1983), 201-233.

- GRINBERG, L.; GRINBERG, R. *Psicoanálisis de la migración y el exilio*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

- HAGAN, J. M. Social networks, gender and immigrant incorporation: Resources and constraints. In *American Sociological Review*, 63(1). p. 55-67, 1998.

- HEIDER, F. *Psicologia das Relações Interpessoais*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Livraria Pioneira, 1970.

- HIRANO, F. Y. *O Caminho para Casa: O Retorno dos Dekasseguis*. 2005. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005

- KATO, H.; MIYAZAKI, S.; SUGO, A. Mão-de-Obra do Brasil para Japão: Aspectos do Fenômeno Dekassegui. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, 32(4), set./out., p. 20-31, 1992.

- KAWAMURA, L. K. *Trabalhadores Brasileiros no Japão: estratégias de formação cultural*. 1997. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997

- KIM, K. C., KIM, S.; HURH, W. M. Filial piety and intergenerational relationship in Korean immigrant families. *International Journal of Aging and Development*, New York, vol. 33 (3), p. 233-245, 1991.

- LINDEMANN, E. *Beyond Grief: Studies in Crisis Intervention*. New York: Jason Aronson, 1979

- LITVIN, A. *A Adaptação Social e Econômica dos Migrantes Brasileiros no Japão*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007

- MAKINO, S. *Uchi to Sotono GengoBunkagaku: Bunpo wo Bunka de kiru*. Tokyo: ALC, 1996

- MARGOLIS, M. L. *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas: Editora Papirus, 1994

- MARINEAU, R. F. *Jacob Levy Moreno, 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo*. Tradução de José de Souza Mello Werneck. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992

- MARTES, A. C. B. Raça e etnicidade – Opções e constrangimentos. In MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (Orgs.). *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 73-98.

- _____. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

- MENEGAZZO, C. M.; TOMASINI, M. A. & ZURETTI, M. M. *Dicionário de Psicodrama e Sociodrama*. Tradução de Magda Lopes, Maria Carbajal, Vera Caputo. São Paulo: Ágora, 1995.

- MIURA, I. K. *Dekasseguis: Relatos de Identidade a partir da Experiência de Trabalho no Japão*. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

- NAKAGAWA, D. I. Migração e Saúde Mental. In: CARIGNATO, T. T. et al. (orgs.), *Psicanálise, Cultura e Migração*. São Paulo: YM Editora & Gráfica, 2002. p. 221-225.

- NAKAGAWA, K. Y. *Crianças e Adolescentes Brasileiros no Japão: Províncias de Aichi e Shizuoka*. 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005

- PORTES, A.; RUMBAUT, R. *Immigrant America: A Portrait*. Berkeley, CA: University of California Press, 1990

- SANCHEZ, L. *Kinship and migration: the case of the dekassegui phenomenon*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Copenhagen, Copenhagen, 2007

- SASAKI, E. M. *O Jogo da Diferença: a Experiência Identitária no Movimento Dekassegui*. 1998. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998

- _____. *Dekasseguis: trabalhadores migrantes Nipo-Brasileiros no Japão*. Campinas, SP: UNICAMP - Textos NEPO, 2000

- SASAKI PINHEIRO, E. M. *Ser ou não ser japonês? A construção da identidade dos brasileiros descendentes de japoneses no contexto das migrações internacionais do Japão contemporâneo*. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009

- Sasaki, R. (2002). Os Problemas que Envolvem os Trabalhadores Brasileiros no Japão. In CARIGNATO, T. T. et al. (orgs.), *Psicanálise, Cultura e Migração*. São Paulo: YM Editora & Gráfica, 2002. p. 239-256.

- SCOTT, J. *Social network analysis: a handbook*. London: Sage, 1991.

- SCHILLER, N. G., BASCH, L; BLANC-SZANTON, C. Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration. In Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered, *Annals of the New York Academy of Science*, New York, New York Academy of Science, vol. 645, p. 1-24, 1992.

- SINGER, P. I. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. São Paulo: Contexto, 2001

- SLUZKI, C. E. *A Rede Social na Prática Sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

- SOARES, W. A emigração valadareense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. In MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (Orgs.). *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 231-262.

- STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2 ed. Tradução de Luciane de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008.

- SUMITA, C. H. *A orquestra de vozes, na fala das migrantes nikkeys*. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003

- TILLY, C. Transplanted networks. In: YANS-MCLAUGHLIN, V. (org.), *Immigration reconsidered: history, sociology and politics*. Oxford, Oxford University Press, p. 79-95, 1990.

- TOMA, C. Y. *A Experiência Feminina Dekassegui: um olhar sobre a subjetividade no processo migratório*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2000.

- URANO, E. I. & YAMAMOTO, L. E. Social and Economic Support among Migrants and Families Left Behind in Transnational Contexts, In: *International Journal on Multicultural Societies*, UNESCO. vol. 10, no. 2, p. 223-239, 2008.

- YAMANAKA, K. Return Migration of Japanese-Brazilian to Japan – The Nikkeijin as Ethnic Minority and Political Construct, In: *Diaspora*, Canada: University of Toronto Press. vol. 5(1), spring, p. 65-98, 1996.

- YOSHIOKA, R. *Por que migramos do e para o Japão*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1995.

Apêndice A – Roteiro de entrevista semi-dirigida

Questionário

- 1– Dados demográficos: idade, naturalidade, geração, escolaridade (antes de ir ao Japão e atual), ocupação (antes de ir ao Japão e atual), estado civil (antes de ir ao Japão e atual).
- 2– Quantas vezes você foi ao Japão? Quando? Quanto tempo ficou em cada estadia? Em que região?
- 3– Foi ao Japão sozinho ou acompanhado?
- 4– Arrumou o primeiro trabalho/viajou pela primeira vez através de quem? Como fazia quando mudava de emprego/endereço?
- 5– Trabalhou em que tipo de serviço? Com brasileiros?
- 6– Na região onde morou, havia muitos brasileiros? E outros estrangeiros?
- 7– Onde morou no Japão (alojamento, casa dividida com estranhos, apartamento com família, etc.)? Com quem (familiares, parentes, desconhecidos)?
- 8– Onde mora no Brasil (casa dos pais, casa própria, divide com amigos, etc.)?
- 9– Por que motivo decidiu ir ao Japão trabalhar? (se motivos diferentes a cada ida, escrever cada um).
- 10– O que ou quem influenciou mais na hora de ir ao Japão?
- 11– O que ou quem você acha que mais ajudou você a permanecer no Japão? E o que mais atrapalhou?
- 12– Por que motivo decidiu voltar ao Brasil? (se motivos diferentes a cada volta, escrever cada um).
- 13– O que ou quem influenciou mais na hora de voltar ao Brasil?
- 14– O que ou quem você acha que mais ajudou você a permanecer no Brasil? E o que mais atrapalhou?
- 15– Como era a questão das amizades no Japão, tanto com japoneses quanto com outros brasileiros? Ainda mantém contato com amigos de lá?
- 16– Como eram as amizades no Brasil quando foi ao Japão? E na volta? Com que frequência encontrava e encontra os amigos?
- 17– Como foi a recepção da notícia de que você iria ao Japão por parte dos que estavam à sua volta (família, amigos)? E da sua volta?
- 18– Como é a questão de relacionamentos afetivos-amorosos no Japão? Se não no seu caso, do que você via das pessoas à sua volta no Japão?
- 19– Como era o seu lazer no Japão? O que se faz? Sozinho ou acompanhado? Com que frequência?
- 20– O que acha dos japoneses? E dos brasileiros que trabalham no Japão? E de outros estrangeiros no Japão?
- 21– Você conheceu, participou, procurou ajuda ou recebeu auxílio de alguma entidade (governamental, privada, religiosa, voluntária) no Japão? E no retorno ao Brasil? Por quê (mesmo no caso de resposta negativa)?
- 22– Você se considera mais brasileiro ou japonês? Acha que carrega mais valores culturais do Brasil ou do Japão?
- 23– Por que você acha que acontece o movimento de vai e vem dos dekassegui, entre o Brasil e o Japão?
- 24– Comente a expressão “brasileiro puxa tapete de brasileiro”. Isso ocorre? Por quê?
- 25– Como você vê o futuro do movimento dekassegui?

Apêndice B – Transcrição de entrevista realizada via MSN

Entrevistador diz:

Olá, boa noite!

Cleber diz:

Olá! Boa noite!

Entrevistador diz:

Tudo bem?

Entrevistador diz:

Obrigado pela disponibilidade!

Cleber diz:

Ok, se eu puder te ajudar!

Entrevistador diz:

bem, pra começar, vou enviar um arquivo pra você ler, tudo bem?

Cleber diz:

Ok!

Entrevistador diz:

é de word, explicando minha pesquisa e pedindo sua permissão

Cleber diz:

Tudo bem!

Entrevistador envia:

A transferência de "Consentimento Informado01.doc" está concluída.

Entrevistador diz:

pode ler com calma, assim que terminar me avise, ok?

Cleber diz:

Certo.

Cleber diz:

Ok, li e concordo com a entrevista.

Entrevistador diz:

ok

Entrevistador diz:

então a gente poderia começar com você me contando um pouco de você, sua idade, de onde é, quando foi pro Japão pela primeira vez

Cleber diz:

Tenho 25 anos, nascido em São Paulo e fui para o Japão em junho de 2003 e retornei ao Brasil em maio de 2005.

Entrevistador diz:

E foi pra que região, no que trabalhou?

Entrevistador diz:

(não se acanhe de escrever frases longas, ok?)

Cleber diz:

Fui para a Cidade de Toyohashi no estado de Nagoya²⁹. Trabalhei com autopeças

Entrevistador diz:

E como conseguiu o emprego? Já foi garantido daqui, foi indicado?

Cleber diz:

Na verdade já fui empregado daqui do Brasil, por uma empreiteira. Chegando lá já tinha lugar para morar e emprego certo.

Cleber diz:

Só não sabia aonde iria ficar

Entrevistador diz:

Procurou a empreiteira sozinho, ou foi indicação? E viajou sozinho?

Cleber diz:

Então, fui indicação de um conhecido que já tinha ido para lá. Fui com meu irmão, mas com a certeza que não iríamos ficar juntos, ou mesmo próximos, pois não nos davamos tão bem. E assim seria melhor para ambos.

Entrevistador diz:

Certo e tirando seu irmão, tinha outros parentes ou amigos já no Japão? Eles moravam perto?

Cleber diz:

Sim, tínhamos tios, tias e primos lá. Mas como não sabíamos aonde iríamos ficar, não tínhamos intenção nenhuma de ficar perto deles. Mas por conchecidencia, eu fui morar perto de uma tia (uns 20Km de casa). Mas só fui encontrá-la meses depois.

Entrevistador diz:

Por que você decidiu ir para o Japão?

Cleber diz:

Bem, foi um conjunto de motivos. Primeiro: eu queria conhecer a terra natal de meus avos. Desde pequeno eu via meus tios indo e vindo de lá, e isso me despertava ainda mais interesse em ir, Segundo: eu já cursava a faculdade e estava procurando estágio, mas sempre dava errado, e só conseguia estágios ruins. Terceiro: meus pais estavam se separando e cada um indo para um lado, e eu no meio do muro.

Cleber diz:

Quarto: eu já namorava e pensava em juntar um "pé de meia" para ter condições financeiras de casar, ou pelo menos ter uma estabilidade que não fosse dependente de meus pais.

Entrevistador diz:

ok... e como as pessoas viram essa sua decisão? Sua família, seus amigos?

Entrevistador diz:

Alguém chegou a influenciar na sua decisão?

Cleber diz:

Minha mãe não aprovou, minha namorada menos ainda. Meus amigos me apoiaram. Mas sou de decisão firme, e já tinha tomado minha decisão.

²⁹ Na verdade, tanto Toyohashi quanto Nagoya são cidades da província de Aichi.

Entrevistador diz:

certo... e então você foi para o Japão.

Entrevistador diz:

Morou em que tipo de lugar? Apartamento, alojamento?

Cleber diz:

Sempre morei em alojamento.

Cleber diz:

Que era cedido pela empresa, a um custo mais baixo.

Cleber diz:

Mas tive oportunidades de alugar um apartamento, mas como eu já tinha data de volta para o Brasil, não queria gastar dinheiro com moradia.

Cleber diz:

"com luxo".

Entrevistador diz:

certo... os quartos eram individuais? Moravam em quantos? Como era o relacionamento dentro do alojamento?

Cleber diz:

Os quartos em individuais, pois eram muito pequenos (uns 9m quadrados). No alojamento a convivência com os demais era ótima. Pois todos nós tínhamos o mesmo objetivo de estar naquele país, e por não ter família lá, nós nos considerávamos uma família.

Entrevistador diz:

seus colegas de alojamento foram com você?

Cleber diz:

Não. Alguns já moravam lá e outros foram chegando.

Entrevistador diz:

certo... e o ambiente de trabalho? o que você fazia exatamente?

Entrevistador diz:

e como era o relacionamento com japoneses e brasileiros lá?

Cleber diz:

Trabalhei como "kensha"³⁰ uma espécie de verificador da qualidade das peças. O trabalho era duro, muito duro, requeria muita força física pois as peças eram pesadas, e era muito corrido, coisa de outro mundo.....

Cleber diz:

o ritmo era muito forte, e a carga horária era grande também, coisa de 15 horas/dia em média.

Cleber diz:

Cheguei no Japão sem saber falar nada em japonês, mas com muita vontade de aprender. Eu estudava nos intervalos do trabalho, e os japoneses gostavam de mim, e até me ajudavam nas lições.

Entrevistador diz:

ok

³⁰ Provavelmente o entrevistado queria dizer "kensha", que corresponde à atividade que descreve.

Cleber diz:

A convivência com as pessoas foi quase sempre boa.

Entrevistador diz:

Quase sempre?

Cleber diz:

Sim, com o passar do tempo fui ganhando confiança dos meus superiores que eram japoneses, e fui direcionado a ser líder do meu setor. Algumas pessoas me parabenizaram, outras não.

Cleber diz:

Tinham vários brasileiros que trabalhavam anos lá na empresa e não tiveram esta oportunidade. Esses não gostaram, mas aos poucos toleraram.

Entrevistador diz:

certo... depois queria voltar um pouco nesse assunto

Cleber diz:

certo

Entrevistador diz:

bem, e as amizades no Japão?

Cleber diz:

Amizades foram várias, amigos poucos.

Entrevistador diz:

Como assim?

Cleber diz:

Acredito que amigos de verdade são aqueles que querem te ver crescendo e atingindo objetivos, Esses eu tenho contato até hoje.

Cleber diz:

Mas amizades, são aqueles que querem obter algo de você, ou seja, no que futuramente você poderá ser útil.

Cleber diz:

Algo assim.....

Entrevistador diz:

certo

Entrevistador diz:

conte-me um pouco como era o lazer no Japão, o que você fazia, etc.

Cleber diz:

Nos finais de semana eu tirava para descansar mentalmente e fisicamente. Dormia tempo suficiente para descansar, não mais que isso, pois queria aproveitar para ir em lojas de eletrônicos, fazer compras de supermercado, pescar, correr,.....

Cleber diz:

Mas sempre procurava fazer coisas que não gastasse muito dinheiro, pois não queria fugir do meu objetivo.

Entrevistador diz:

E você fazia tudo isso sozinho, ou procurava companhia?

Cleber diz:

Sozinho era só a pescaria, pois só eu gostava disso. As demais atividades sempre eram em conjunto com meus amigos do setor e que moravam junto .

Entrevistador diz:

ok. Parece que vocês tinham um relacionamento bastante intenso, certo?

Cleber diz:

Certo! Conheci pessoas muito boas, cada um com sua história, e que naquele momento tínhamos a mesma história!

Entrevistador diz:

Que bom... e você sempre morou com as mesmas pessoas, trabalhou no mesmo lugar?

Entrevistador diz:

foram 2 anos quase exatos de Japão, né?

Cleber diz:

Sim. Trabalhei sempre no mesmo lugar. Criei raízes fortes lá!

Cleber diz:

rsss

Entrevistador diz:

estou vendo, rs

Entrevistador diz:

bem, e aí chegou a hora de voltar, certo? Por que decidiu voltar?

Cleber diz:

Porque já era o meu plano, desde que eu sai do Brasil.

Entrevistador diz:

e consegui cumprir à risca coisa rara entre os dekasseguis

Entrevistador diz:

conseguiu

Entrevistador diz:

conseguiu³¹

Cleber diz:

Isso é verdade, mas o segredo disso é ter meta, ter objetivo e força de vontade. Se eu tivesse ido sem isso, fatalmente eu ainda estaria por lá.

Cleber diz:

Mas foi muito difícil dizer "eu estou indo embora".

Cleber diz:

pra o Brasil....

Entrevistador diz:

Era isso que eu iria perguntar. Porquê?

Cleber diz:

Pois eu trabalhei duro para conseguir o meu objetivo, e consegui. Mas mais do que isso, consegui um bom lugar no meu emprego, meus chefes japoneses não queriam deixar eu

³¹ É comum que, quando se comete um erro de digitação que se queira corrigir no MSN, apenas se repita esta palavra corrigida, sem mais indicativos. Neste trecho, fiz duas correções sucessivas.

sair, queriam até me pagar mais. Esse reconhecimento não tem preço. Meus amigos eram minha família lá....

Cleber diz:

Ou seja, eu tinha tudo lá, carro, emprego, amigos, e voltaria para o Brasil sem saber se iria conseguir tudo isso.

Entrevistador diz:

era muita insegurança, né?

Cleber diz:

Sim!

Cleber diz:

Por isso eu disse que foi difícil!

Cleber diz:

Tanto financeiramente quanto emocionalmente.

Cleber diz:

Mas tudo isso não foi mais forte que os meus objetivos iniciais.

Cleber diz:

Mas o que mais pesou para eu voltar foi a minha namorada....

Cleber diz:

Lembra no começo aquela história de "pensando em casar, liberdade financeira"?

Entrevistador diz:

sim

Cleber diz:

Então foi isso que eu coloquei na balança e decidi voltar

Entrevistador diz:

certo

Entrevistador diz:

e como foi o seguimento dessa história? Você voltou e ?

Cleber diz:

Fiquei uns 2 meses só descansando. Ai voltei a cursar a faculdade, como eu havia planejado, arrumei um estágio em uma empresa de ar condicionado e que estou até hoje. Me formei, fiz um curso de especialização na área que atuo, e agora faço outra faculdade. E no final da história ficamos noivos.

Entrevistador diz:

Certo... como você se sentiu na volta? Como as pessoas te receberam? Teve ajuda de alguém?

Cleber diz:

Me senti muito deslocado. A diferença em um país de primeiro mundo e o Brasil é imensa. As coisas que mais me abalaram no início foram: violência, sujeira nas ruas, comportamento das pessoas..

Cleber diz:

Não perdi contato com meus amigos, sempre falávamos pela internet.

Cleber diz:

Mas em alguns meses me acostumei.

Entrevistador diz:

certo... por que a decisão por fazer outra faculdade? Aliás, qual sua primeira formação, e qual está fazendo agora?

Cleber diz:

Me formei tecnólogo, como Desenhista Projetista. Agora estou fazendo Eng. de Produção Mecânica.

Cleber diz:

Na área que atuo, para conseguir uma posição de chefia preciso ter formação em Eng. . Como tecnólogo não conseguirei.

Entrevistador diz:

certo

Entrevistador diz:

estou preocupado com o tempo, já está tarde... tudo bem pra você responder mais algumas perguntas?

Cleber diz:

Ok

Entrevistador diz:

certo... bem, você me contou como foi difícil pra você a volta... mas como as pessoas à sua volta receberam a notícia?

Cleber diz:

Aqui no Brasil?

Entrevistador diz:

aqui, no Japão

Entrevistador diz:

tanto amigos como família

Cleber diz:

No Japão todos nós sabíamos que a hora de voltar chegaria, então não foi difícil o pessoal aceitar, muito pelo contrario ficaram felizes por mim, pois é como se fivesse cumprido que o que eu tinha ido buscar.

Cleber diz:

Aqui no Brasil, foi só alegria, tanto da família quanto dos amigos. Me receberam muito bem.

Cleber diz:

Acho que dois anos passam rápido. Se fosse mais do que isso acho que eu teria algumas dificuldades quanto a pensamentos e relacionamentos. Pois as pessoas mudam com o tempo, e aquela pessoa que existia a anos atrás fica diferente.

Entrevistador diz:

então, foi o tempo certo, né? talvez por isso também tantas pessoas dizem que vão ficar 2 anos no Japão

Entrevistador diz:

tudo bem que a maioria não cumpre, mas isso é outro assunto

Cleber diz:

Sim.

Cleber diz:

Ficam por lá até aonde der neh?

Entrevistador diz:

e o problema é que já não está mais dando

Cleber diz:

Como todos os que estavam lá e não pensavam em voltar diziam: "voltar para fazer o quê?"

Cleber diz:

É a crise pegou todos lá

Entrevistador diz:

pois é... como você acha que vai ser o futuro desse movimento de kassegui?

Cleber diz:

Cada vez mais afunilado.

Cleber diz:

Mesmo quando a crise passar, não haverá tanto trabalho para os brasileiros, pois o governo japonês está facilitando a entrada de chineses e coreanos, onde a mão-de-obra é quase metade do preço do brasileiro

Cleber diz:

A tendência é não existir mais de kassegui indo pra lá tentando fazer pé de meia. Só aqueles que querem realmente morar por lá.

Entrevistador diz:

e você conheceu pessoas com este intuito, de se estabelecer no Japão?

Cleber diz:

Sim, tios.

Cleber diz:

Já estão a mais de 20 anos por lá

Entrevistador diz:

depois de todo esse tempo, é difícil voltar ao Brasil, né?

Cleber diz:

Sim!

Entrevistador diz:

E qual foi sua maior dificuldade no Japão?

Entrevistador diz:

E qual sua maior dificuldade ao voltar ao Brasil?

Cleber diz:

Distância da família e de pessoas que gostamos.

Cleber diz:

Me acostumar com a falta de educação da população e entrar no ritmo da faculdade.

Entrevistador diz:

entendo

Entrevistador diz:

o que ou quem mais ajudou você enquanto você estava no Japão? e no seu retorno ao Brasil?

Cleber diz:

Minha mãe e minha namorada me ajudaram muito tanto quando eu estava lá e quando eu retornei.

Entrevistador diz:

de que forma elas ajudaram? tanto lá quanto aqui?

Cleber diz:

Minha mãe me dava forças com palavras sábias e me orientava. Minha namora era o meu objetivo e sempre fiz de tudo pra conseguir.

Cleber diz:

No brasil minha mãe sempre me empurando pra frente....faz isso, faz aquilo.....

Entrevistador diz:

ok

Entrevistador diz:

você conheceu, recorreu a alguma instituição, igreja, grupo de voluntários? Tanto no Japão quanto no seu retorno?

Cleber diz:

Não. Nunca tive contato com nenhuma.

Entrevistador diz:

Esqueci de perguntar, qual sua geração?

Cleber diz:

terceira

Entrevistador diz:

e como definiria sua cultura? mais japonesa ou brasileira?

Cleber diz:

Mais brasileira, com pensamentos e atitudes brasileiras.

Cleber diz:

Mas com uma base na japonesa

Entrevistador diz:

ok

Entrevistador diz:

prometo que vou fazer as últimas perguntas, ok?

Cleber diz:

Pé no chão = japonesa

Cleber diz:

ok

Entrevistador diz:

como é a vida sentimental/amorosa no Japão?

Cleber diz:

Juro que não tive esse tipo de relacionamento.

Cleber diz:

Sou bem centrado em meus objetivos

Entrevistador diz:

ok... e do que viu das pessoas à sua volta?

Cleber diz:

Uma única palavra define os relacionamentos lá.....solidão.

Cleber diz:

Solidão é que faz as pessoas procurarem alguém

Entrevistador diz:

bem, gostaria de ouvir mais sobre isso, mas acho que não vou alongar mais esta resposta

Entrevistador diz:

Fala-se muito do vai e vem dos dekasseguis, que acabam não se fixando nem no Brasil nem no Japão. Por que você acha que isso acontece?

Cleber diz:

Por ter no Japão "facilidade" de ganhar dinheiro vão para lá. E voltam para o Brasil por ser o país natal, onde estão os familiares, amigos.

Entrevistador diz:

ok

Entrevistador diz:

Última pergunta: por que se diz tanto que brasileiro puxa tapete no Japão, por que isso acontece?

Cleber diz:

Ambição. Sempre um quer ganhar mais do que o outro através das horas extras.

Cleber diz:

Ai quer fazer mais e em menos tempo que o outro, mostrando assim que é melhor e fazendo mais horas

Entrevistador diz:

A competição é complicada, né?

Cleber diz:

sim

Entrevistador diz:

ok, acho que já te aluguei demais, até bem tarde.

Entrevistador diz:

Desculpe fazer você ficar acordado até tão tarde, numa segunda-feira

Cleber diz:

Espero ter te ajudado!

Entrevistador diz:

Com certeza, sua entrevista será bastante útil!

Entrevistador diz:

Obrigado mesmo

Cleber diz:

Não teve problema nenhum!

Cleber diz:

Não há de que!!!

Entrevistador diz:

Acho que você precisa ir descansar agora, né? Mais uma vez obrigado, e até mais!

Cleber diz:

Então, boa noite! e até qualquer dia!

Entrevistador diz:

Até!

Entrevistador diz:

Abraços!

Cleber diz:

abraços!